

Nampula decide o futuro

REPUBLICA DE MOÇAMBIQUE
COMISSÃO NACIONAL DE ELEIÇÕES
ELEIÇÃO DO PRESIDENTE DO CONSELHO MUNICIPAL
03 - NAMPULA - CIDADE DE NAMPULA

Adolfo Absalão Siueia		
Mahamudo Amurane		
Mário Albino		
Filomena Mutoropa		

Se alguém estiver a observar
será difícil fazer “Batota”

A CONTECEU

A verdade em cada palavra.

SMS: 90440
(válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt)

twitter: @verdadeMZ

WhatsApp: 84 399 8634

Para estar sempre
actualizado sobre o que
acontece no país e no globo
siga-nos no

twitter.com
@verdademz

@VirgilioDengua @
verdademz “#FIR, #FADM
mesmo assim vamos até o
último minuto. #Povo,
vamos salvar #Nampula” - Marcha do
#MDM. pic.twitter.com/axwa25kCjH



@Dungo_Doo “@
verdademz: #Renamo
indisponível para o diálogo
com o Governo verdade.co.
mz/destaques/demo... #Moçambique”
ha meses :/

@jorgexj RT @verdademz:
autárquicas 2013 Boletins
de voto intencionalmente
invalidado em Gondola
eleicoes.org.mz/pt/2013/news/5...

@FernandoSrgio cidadão
morre afogado no interior
de um poço tradicional de
água em #Nampula, bairro
da Memoria na zona conhecida por
“Nasser” @verdademz

@OficialWizzy #News:
Autárquicas 2013:
Angoche: ASSEMBONA
denunciou ilícitos
eleitorais: No município de Angoc...
bit.ly/1ewoyXV via @verdademz
TheRealMontana @MontanadaNice @
verdademz Esse país já ta vendido, os
nossos caminhos já estão traçados.

@edsonn3D @verdademz
você está a incentivar
as pessoas a
permanecerem nas mesas
de votos mesmo após a votação
sabendo que isso é ilegal desculpem

@saritamoreira venia aos
reporteres @verdademz
pela cobertura das
#autarquicas2013 no
terreno, mas x no meio do confronto
como @FotoMangueze @shirangano

@chuquela Entre chuva e
escuridão, até 2h de
madrugada só editadas de 2
das 6 Assembleias de voto
na EP Combatentes @verdademz pic.
twitter.com/BZR8jmV8fP



@chuabo1961 @verdademz
Não podem admitir esses
abusos, nós queremos
implementar a Democracia
na cidade de Kelimane, e na província
de Zambézia, Moçambique.

@shirangano A viatura do
@verdademz não
“escapou” a vistoria de
populares na EPC de
Macombe na #Munhava.
#Autarquicas2013

@PessuloA @verdademz eu
já votei... e vceeee,??? pic.
twitter.com/JGUhc7nDAC



@TheGoonSensei @
verdademz Amanha vou
acordar cedo para votar na
frente, mas não na
FRENTE...

Editorial

averdademz@gmail.com

Uma vitória manchada de sangue de inocentes

Qualquer que seja a razão, nada justifica uma guerra, absolutamente nada justifica os horrores que um grupo de indivíduos é capaz de infringir aos outros. Por motivos meramente obscuros, vidas são ceifadas. As últimas eleições municipais puseram a descoberto essa triste realidade. Tratou-se, na verdade, de uma repugnante violação dos direitos humanos perpetrada por um partido que não olhou para os meios para vencer as eleições. Os resultados alcançados pela Frelimo não passam de uma grande mentira. São, na verdade, fruto de um ardiloso esquema, detenções arbitrárias dos delegados de mesa da oposição e do derramamento de sangue de dezenas de cidadãos inocentes.

A vitória da Frelimo é manchada de sangue inocente, para desagrado, dor e até desprezo da população que foi votar e sobretudo dos que, por alguma carga de água, abdicou de exercer o seu direito de voto e dever de cidadania. É, sem dúvida, alarmante o número de abstenções somado aos votos nulos, para vergonha dos vencedores que o são, porque têm como fiéis servidores, na sua mão direita, o STAE e a CNE e, na esquerda, a Polícia e outras instituições do Estado e os seus respectivos vassalos programados para executarem qualquer decisão sem questionar.

Hoje, mais do que nunca, percebem-se os motivos que desencadearam a instabilidade política que se vive no país. Diaboliza-se a Renamo por ter optado pela “guerra” para impedir a institucionalização da ditadura e do monopartidarismo. E “santifica-se” a Frelimo, quando, na verdade, esta mobiliza homens, arma-lhes até aos dentes e torna-lhes perversos para matar sem dó nem piedade cidadãos indefesos. Tudo isso porque a história da luta de libertação de um povo foi transformada na história de um partido. Os dirigentes da Frelimo usam covardemente dessa mesma história para se perpetuarem no poder, marginalizarem os moçambicanos e continuarem a espoliá-los durante tempos sem fim.

É verdade que a Imprensa (oficiosa) também está metida nesta operação. Em convivência com o regime da Frelimo, habilmente lança areia para os olhos do povo com o intuito de domesticá-lo e torná-lo gente sem emoção crítica. A Imprensa oficiosa não só ajudou o regime a encher votos nas urnas e a esconder irregularidades como também apoia no controlo das consciências nas famílias, no interior das escolas e universidades para fabricar homens e mulheres ignorantes, mentalmente estereis, intelectualmente indefesos e perdidos na alienação.

Ninguém questiona a ostentação obscena em que vive um punhado de gente ligada ao partido Frelimo. Ninguém questiona até quando irá ouvir discursos estupidificantes e sem entranhas de verdade sobre o combate à pobreza absoluta. Ninguém questiona as estranhas reviravoltas na contagem dos votos. Com todos os resultados já divulgados, ninguém se lembrará das promessas feitas na campanha eleitoral, que veio desaguar nas eleições de 20 de Novembro. Promessas essas que não têm nenhuma garantia de virem a ser cumpridas a curto, médio e longo prazo, nem pelos que venceram as eleições passadas e, muito menos, pelos que lhes sucederem no trono.



Boqueirão da Verdade

“Foi com muita tristeza que acompanhei uma notícia segundo a qual a Frelimo deve reconquistar Quelimane e Beira nem que isto custe sangue. Este pronunciamento foi atribuído à presidente da Assembleia da República, que é uma mulher e mãe de dois filhos. A presidente da AR conviveu comigo durante muito tempo e considerei-a uma mulher íntegra”, Alice Mabota

“A nossa Polícia tem os dirigentes que tem. Essas palavras, segundo as quais este pronunciamento não foi feito por ela, estão a produzir os seus efeitos nas cabeças das pessoas dirigidas por um homem sem princípios como o Khálu”, Idem

“O que aprendi nestas eleições Autárquicas 2013: - Que o presidente da CNE pode lançar os alertas que quiser, eles nunca terão efeito. Por exemplo, disse que não iria tolerar que durante a campanha fossem quebradas as regras e leis eleitorais. A lista de regras quebradas é longa, mas eu não me esqueço é daquela magia de transformar viaturas do Estado em viaturas normais, num segundo, basta cobrir a matrícula com cores do partido vermelho. (...) Que a Polícia moçambicana tem poder e a autoridade para entrar numa assembleia de voto e “sequestrar” urnas. (...) Que afinal os tais de enchimentos de urnas não eram invenção da Renamo. Dhlakama deve estar a rir-se de nós”, Zenaida Machado

“Desde quando é que celebrar triunfos pode custar as nossas vidas? O mesmo pode-se questionar da onda dos raptos: desde quando é que ostentar riqueza ou seus sinais pode resultar em raptos? Interessa a quem que os agentes de lei e ordem moçambicanos saiam a disparar à toa? Porque é que quem empunha uma arma e usa um fardamento se pode julgar no direito de fazer valer a sua autoridade por via da sua arma? Desde quando conter uma multidão indefesa e inofensiva requer que se dispare não para cima mas contra a mesma?”, Bayano Vally

“O que sei é que pessoas estão a morrer e urge que o Comandante-em-Chefe, que tanto gosta deste povo maravilhoso, ponha cobro a estas matanças indiscriminadas de civis. Este seria o primeiro passo. O próximo é instruir uma comissão de inquérito composto de singulares independentes (juristas, magistrados, activistas dos direitos humanos) para fazer uma sindicância sobre o

que aconteceu e responsabilizar os culpados. E depois tinha que mandar uma comissão para encontrar formas de reformar tanto a Polícia como o Exército”, Idem

“Julgo que há muito mau SPINING em justificar a vitória do MDM à ausência da Renamo. Isto não só corresponde à verdade como é demonstrador da mendacidade intelectual e falta de consciência histórica. Daviz Simango enfrentou a Renamo e a Frelimo juntos na Beira e ganhou nas autárquicas de 2008. O MDM enfrentou a Frelimo e a Renamo nas gerais de 2009 em Maputo e conseguiu três deputados tendo para tal tirado dois da Frelimo e um da Renamo. Se a Renamo estivesse em peso nestas eleições a Frelimo chorava mesmo, que se diga em abono da coragem intelectual. Leiam os números, analisem o ambiente político e sejam intelectualmente íntegros”, Egídio Vaz

“Quando levam todos os feitos para uma pessoa implica dizer que o seu antecessor não fazia nada, era mesmo um “banana”. Por isso chamaram Joaquim Chissano de Maria ou deixa-andar. Esses nomes pejorativos visavam denegrir os feitos do outro e enaltecer quem acabava de chegar ao poder”, Edwin Hounnou

“É bom que se saiba que Guebuza levantou as bases do seu partido, sem dúvida, todavia, foi com Guebuza que a violência contra as populações, a intolerância tornou-se a prática quotidiana e a partidarização das instituições públicas virou um verdadeiro obstáculo. A compra da consciência dos moçambicanos com os “Sete Milhões” virou política de Estado.... Há muita coisa que se pode encontrar. Não nos podemos esquecer do surgimento do G40, que é um fenómeno para tentar lavar a cara de quem andou a sujar-se fundamentado por interesses pessoais”, Idem

“A classe política não é mais do que uma pequena amostragem do povo que governa; portanto, jamais será diferente dos seus governados. É preciso que os moçambicanos não se iludam: somente terão justiça, não quando o governo for justo, mas quando, cada um dos cidadãos, procurar agir com justiça no seu dia-a-dia. A intolerância e a violência serão vencidas, não só pelos acordos de paz entre as forças militares, mas sempre que cada um dos moçambicanos souber respeitar a pessoa do outro e os seus direitos”; Família Franciscana em Moçambique

Vimos por meio deste informar que o jornalista **Nelson Carvalho Miguel**, que ocupava as funções de Redactor no Jornal @Verdade – Delegação de Nampula, desde 2012, **deixou de fazer parte dos quadros desta empresa no dia 01 de Novembro do ano em curso. Portanto, o Jornal @Verdade não se responsabiliza por qualquer dano ou perda causado pelo referido jornalista**, relacionado com o uso inapropriado do nome deste órgão de informação.

OBITUÁRIO:

Jaime Paulo Camilo
“Maxi Azevedo”
1994 – 2013
19 anos



Jaime Paulo Camilo, ou simplesmente “Maxi Azevedo” como era tratado, músico que fez uma das letras da música da campanha do candidato do partido do Movimento Democrático de Moçambique (MDM) à edil do município de Quelimane Manuel de Araújo, e estudante da 11ª classe na Escola Secundária 25 de Setembro, faleceu aos 19 anos de idade.

O Músico foi morto na última sexta-feira (21), na cidade de Quelimane por baleamento, quando a caravana de apoiantes do MDM circulavam em algumas artérias daquela urbe festejando a reeleição do Manuel de Araújo. Passou em frente à residência do governador da província, tendo um segurança do governador no local atirado contra o camião que transportava simpatizantes do MDM, tendo atingido a testa do malogrado. O atingido acabou por perder a vida no Hospital provincial.

Nascido na cidade de Nampula, a 12 de Abril de 1994, estudou na Escola secundária de Nampula. Mudou-se para Quelimane em 2009, a pedido do seu tio para dar continuidade dos seus estudos. O sonho do seu tio de formar o jovem para num futuro próximo ajudar a família acabou por ser destruído por agentes da polícia que o balearam.

Quando chegou a cidade de Quelimane em 2009, Maxi abraçou a carreira de músico onde teve oportunidade de gravar varias faixas musicais, cuja última faz parte da campanha do candidato do MDM. Em 2011, quando o Movimento Democrático de Moçambique ganhou as eleições intercalares, Maxi passou a exercer as funções de fiscal do mercado, actividade que exerceu até a data da sua morte.

O corpo do malogrado foi trasladado para a terra natal onde os restos mortais foram a enterrados no último sábado no cemitério novo na companhia de amigos e famílias. A mãe da vítima falando num tom de desespero referiu que espera por justiça e que o polícia que cometeu aquele crime seja responsabilizado pelos seus actos.



Os nossos leitores nomearam os Xiconhocas da semana. @Verdade traça em breves linhas as motivações.

FIR

É preciso mergulhar nos eruditos tomos da psicologia para entender as motivações por detrás das acções ou do comportamento dos energúmenos (leia-se Xiconhocas) por que são constituídas as Forças de Intervenção Rápida (FIR). A nossa (se é que podemos considerar nossa) Polícia anti-motim é o exemplo mais acabado de ignorância aguda. É, na verdade, um bom exemplo de uma polícia que age nos antípodas da sensatez. Armados até aos dentes, os agentes dessa força paramilitar são instrumentalizados pelo partido no poder para matar sem dó nem piedade os seus próprios pais, irmãos e filhos, semeando o luto nas famílias moçambicanas. Xiconhocas.

Verónica Macamo

Existem algumas figuras públicas no país que devem estar a enfrentar momentos de falta de lucidez. A presidente do Parlamento moçambicano, Verónica Macamo, é um exemplo vivo disso. Depois das suas afirmações grosseiras segundo as quais o seu partido iria recuperar a gestão da cidade de Quelimane mesmo que isso custasse sangue, desta vez veio a público desmentir tais declarações. Mas o que intriga os nossos leitores é o facto de um tal brigadeiro da Renamo ter sido preso por ler um comunicado, mas a senhora da Frelimo continua imune depois de proferir palavras terroristas, que culminaram com a morte de cidadãos inocentes.

STAE

As bolas de árvores de Natal e o Secretariado Técnico de Administração Eleitoral (STAE) têm praticamente a mesma finalidade: cosmética. Mas diga-se em abono da verdade que as bolas têm mais utilidade numa árvore de Natal do que o STAE em Moçambique. Nas últimas eleições autárquicas ficou evidente esse facto. Ou seja, ficou claro que o STAE é um braço direito do partido no poder, razão pela qual ajudou a Frelimo a ganhar as eleições na maioria dos municípios. Bando de Xiconhocas!

Por opção editorial, o exercício da liberdade de expressão é total, sem limitações, nesta secção. As escolhas dos leitores podem, por vezes, ter um conteúdo susceptível de ferir o código moral ou ético de algumas pessoas, pelo que o Jornal @Verdade não recomenda a sua leitura a menores ou a pessoas mais sensíveis.

As opiniões, informações, argumentações e linguagem utilizadas pelos participantes nesta secção não reflectem, de algum modo, a linha editorial ou o trabalho jornalístico do @Verdade. Os que se dignarem a colaborar são incentivados a respeitar a honra e o bom nome das pessoas. As injúrias, difamações, o apelo à violência, xenofobia e homofobia não serão tolerados.

Diga-nos quem é o Xiconhoca desta semana. Envie-nos um E-MAIL para averdademz@gmail.com, um SMS para 90440, uma MENSAGEM BLACKBERRY (pin 2A8BBEFA) ou ainda escreva no Mural defronte da nossa sede.

Xiconhoquices

da Semana

Os nossos leitores nomearam as seguintes Xiconhoquices da semana.

Eleição falhada em Nampula

Há coisas que só acontecem em Moçambique. Não sabemos se é o país que é falhado ou os órgãos eleitorais, mas há uma certeza: Não somos uma país sério, definitivamente! A eleição para edil de Nampula foi anulada no dia da votação, pelo facto de uma candidata não constar dos boletins de voto. Na noite do dia da votação, a Comissão Nacional de Eleições (CNE) decidiu que a eleição a edil devia ser anulada, mas a dos membros da Assembleia Municipal era válida. Os boletins de votos deviam ser mantidos sem ser contados para que tal decorresse em simultâneo com a da eleição do edil, ora marcada para o dia 01 de Dezembro.

Mais tarde, porque não havia garantias de que os boletins de votos não foram alterados, a CNE não teve outra alternativa senão cancelar igualmente a eleição dos membros da Assembleia Municipal. Como “a culpa não deve morrer solteira”, a responsabilidade pelo erro na impressão dos boletins de voto para a eleição do edil e dos membros da Assembleia Municipal de Nampula foi atribuída à gráfica, na África do Sul. Que grande Xiconhoquice!

Morte de um adolescente na cidade da Beira

A Polícia da República de Moçambique continua a semear o luto nas famílias moçambicanas, numa grotesca violação dos Direitos Humanos. Nesta quarta-feira (27), um adolescente foi atingido por mais de dois tiros, na cabeça e na região do abdómen, na EN6 entre os bairros da Munhava e dos Pioneiros, na cidade da Beira. O rapaz encontrava-se entre centenas de jovens que se revoltaram contra o recrutamento militar compulsivo. Ao que tudo indica, desde segunda-feira (25), vários jovens com idade para prestarem Serviço Militar Obrigatório estão a ser recrutados compulsivamente por grupos das Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM) e outros agentes militares, à paisana, na cidade da Beira.

Em comunicado, o Ministério da Defesa desmentiu o recrutamento militar compulsivo. “Não constitui verdade que o Ministério da Defesa Nacional ou outras Forças de Defesa e Segurança estão a fazer o recrutamento militar compulsivo para o cumprimento do serviço militar, trata-se de boato visando desacreditar o cumprimento deste dever sagrado para com a pátria pelo jovem”.

Atitude da Polícia relativamente a partidos da oposição

Não há dúvidas de que a Polícia moçambicana manchou as eleições autárquicas realizadas no dia 20 de Novembro nos 53 municípios do país, protagonizando actos de violência contra cidadãos indefesos. Diga-se de passagem, nunca antes se assistiu a tanta xiconhoquices como as do último pleito eleitoral.

Além de prenderem os delegados de mesa dos partidos da oposição, as Forças de Intervenção Rápida tiraram a vida a dezenas de moçambicanos. A título de exemplo, em Mocuba, a FIR assassinou a tiro um cidadão que fazia parte de uma multidão que ia ao Secretariado Técnico de Administração Eleitoral (STAE) exigir a publicação dos resultados, numa altura em que a contagem dos votos dava vitória ao MDM e ao seu candidato. Em Quelimane, a Polícia baleou mortalmente um jovem que estava na “caravana da vitória” de Manuel de Araújo. O facto deu-se quando a longa caravana que estava a fazer uma passeata em Quelimane a saudar a vitória de Manuel de Araújo passou em frente da casa do governador da Zambézia, que é membro da Frelimo.

Sociedade

Jovens “detidos” por militares na Beira; populares revoltam-se; Polícia mata adolescente

Desde a segunda-feira (25) vários jovens maiores de 18 anos, de ambos os sexos, foram abordados nas ruas, mercados e até nas suas residências na cidade da Beira e levados por membros das Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM) e outros agentes militares, muitos à paisana, alegadamente para serem incorporados nas fileiras do exército moçambicano. @Verdade recebeu centenas de relatos de cidadãos que viram os seus amigos, familiares e jovens desconhecidos a serem levados por estas “brigadas” que após a abordarem os jovens levaram-nos à força em viaturas para instalações militares não identificadas.

Texto: Fernando Domingos • Foto: Cidadão Repórter Helder



O nosso jornalista na capital da província central de Sofala falou com vários cidadãos que presenciaram nesta quarta-feira, no bairro da Manga, na zona da vila Massane, o “recrutamento” compulsivo de dezenas de jovens. A mesma acção foi desencadeada na Praia Nova e no bairro de Macurungo.

Foi possível averiguar que outros jovens foram compulsivamente levados do bairro de Maquinio, concretamente nas proximidades do mercado. Esta operação tende a estender-se para além do município da Beira, havendo registo de jovens “recrutados” nos postos administrativos de Tica e Mafambisse.

Na Universidade Unizambeze, localizada no bairro de Matacuane, também foram vistas duas carrinhas de caixa aberta, não identificadas, com pessoas a paisana que pararam de frente da Instituição de Ensino Superior e abordaram alguns jovens que se encontravam no pátio.

As “brigadas” encarregues do recrutamento até mandaram parar viaturas na via pública para deter jovens mesmo sem informarem dos objectivos da operação e nem permitem que os “recrutados” informem aos seus parentes sobre o acontecido.

Na sequência destas “detenções”, muitos jovens não saíram para os seus afazeres habituais nesta quarta-feira. Foi possível aperceber-se duma calma anormal nos mercados do Goto, da Praia Nova e do Maquinino, onde milhares de jovens procuram ganhar o pão todos os dias em negócios informais. O comércio formal também parou na cidade capital de Sofala.

Ministério da Defesa desmente

Em comunicado, o Ministério da Defesa desmente o recrutamento militar compulsivo. “Não constitui verdade que o Ministério da Defesa Nacional ou outras Forças de Defesa e Segurança estão a fazer o recrutamento militar compulsivo para o cumprimento do serviço militar, trata-se de boato visando desacreditar o cumprimento deste dever sagrado para com a pátria pelo jovem”.

Segundo o referido comunicado, assinado pela chefe de gabinete do ministro da Defesa de Moçambique, Amelta José



Matavel Muiquija, “o Ministério da Defesa Nacional apela a todos os jovens que se sentirem coagidos ou obrigados a ir para o Serviço Militar a dirigirem-se aos Centros Provinciais de Recrutamento e Mobilização ou as forças de lei e ordem públicas locais da sua província a fim de denunciar.”

Contudo, o facto é que os relatos de jovens a serem recrutados compulsivamente confirmam-se. Refira-se que de acordo com a Lei do Serviço Militar, “Todos os cidadãos moçambicanos dos 18 aos 35 anos de idade estão sujeitos ao dever de prestação de serviço militar e ao cumprimento das obrigações militares dele decorrentes.” Este ano o período oficial do Recenseamento Militar decorreu entre 2 de Janeiro e 28 de Fevereiro.

Beirenses revoltam-se

Inconformados com este recrutamento que viram acontecer com os seus conhecidos e parentes, e temendo pela sua eventual detenção, centenas de jovens armaram-se com paus, pedras, garrafas de vidro e catanas e revoltaram-se contra os militares e as “brigadas” que estavam a fazer o recrutamento compulsivo.

Depois de se organizarem, nos bairros da Munhava, Manga e Matacuane, os jovens decidiram manifestar-se de frente do Governo Provincial. Contudo, foram barrados por agentes das Forças de Intervenção Rápida (FIR) e da Polícia da República de Moçambique (PRM) na Estrada Nacional nº6 (EN6), que dá acesso ao coração da cidade da Beira.

Para conter a fúria dos manifestantes, os agentes das FIR e da PRM dispararam gás lacrimogénico, balas de borracha e balas reais. Alguns sectores da EN6, na zona de Inhâmizua, estiveram condicionados ao trânsito de automóveis devido à colocação de caixotes de lixo, pneus a arderem e outros objectos na via. As ruas Krusse Gomes e 33 também estiveram barricadas, assim como a avenida Eduardo Mondlane.

No seguimento dos tiros de balas reais disparados pelos agentes da Polícia, um adolescente, aparentemente de 12 anos, foi baleado mortalmente na cabeça e na região do abdómen, no bairro da Munhava. Há registo, não oficial, de dezenas de feridos.

Moçambique vive uma situação de guerra não declarada, envolvendo forças governamentais e homens armados alegadamente do partido Renamo, que se intensificou nos últimos meses do corrente ano com incidência nas regiões de Gorongosa e Chibabava, na província de Sofala. Apesar dos contínuos desmentidos do governo sobre o conflito, vários confrontos armados têm sido registados que resultaram em muitas baixas nas fileiras das FADM.

Inhambane com mais “chapas” que passageiros

Pode ser apenas uma impressão. Mas é um facto que, ao contrário do que acontece noutras capitais provinciais como Maputo, a cidade de Inhambane não se queixa da falta de transporte colectivo de passageiros. Existe, sem grandes constrangimentos, a todo o momento, da cidade às praias do Tofo e da Barra, e aos bairros de Muelé, Nhapossa e Guiua. Porém, o que se pode questionar é se esses meios oferecem aos utentes alguma comodidade. E a resposta é por demais óbvia: não há absolutamente nenhum conforto, ou, pelo menos, não somos transportados com o mínimo de dignidade.

Texto: Alexandre Cháuques • Foto: Arquivo

É um assunto que já ninguém se interessa em debater, ninguém se recusa a ser ensardinhado. Ou seja, cada vez que os passageiros se resignam à humilhação, os tripulantes humilham-nos mais. Sempre que um daqueles pequenos autocarros pára para levar mais pessoas, parece haver mais espaço lá dentro. O mais doloroso é perceber que aqueles que estão à espera do pequeno autocarro, mesmo vendo que não há espaço para mais ninguém, querem embarcar. E entram.

As queixas que se ouvem lá dentro não passam de murmúrios, que se vão perdendo no conformismo de cada um, que pensa que ninguém vai resolver este problema. Todos querem saber do porquê deste sofrimento todo se a praça abarrotada de “chapas”. O problema é que os “chapeiros” estão metidos numa luta selvática de ganhar o pão, e a dignidade do passageiro torna-se algo inexistente. Não querem saber se você está bem acomodado ou não, porque ao fim do dia têm que levar dinheiro para o patrão e para eles próprios. É um dilema. E quem paga por isso, em última instância, é o passageiro.

Quem sofre mais é aquele que está à espera nas paragens intermédias, que já não tem lugar para se acomodar. Se deixar este carro passar, por estar cheio, o outro também pode vir cheio, e o melhor é aceitar a humilhação de ser tratado como gado. As pessoas já não falam disso. Já falaram e as coisas continuam assim mesmo. E o melhor que esses passageiros encontraram é entrar e ter alguém lá dentro para conversar e encurtar a distância. Já chegaram, infelizmente, à conclusão de que, mesmo chorando, ninguém lhes vai dar de mamar. E quando é assim, o melhor é não desperdiçar as lágrimas.

Quem faz diariamente o trajecto Nhapossa-Cidade, sofre o martírio de ter as paragens muito próximas umas das outras. O tempo que leva para fazer essa distância é inadmissível. Não faz sentido aquela separação mínima. Por exemplo, entre a Mafurreira e a ponte-cais, na



cidade de Inhambane, que é uma distância de pouco mais de dois quilómetros, existem nove paragens. É um absurdo. Entre a Mafurreira e Gogemo, também foram colocadas nove paragens, e a distância não difere muito da que fizemos referência. É um castigo viajar assim, mas o que parece é que ninguém está disposto a mudar as coisas. Nem o próprio município que, por obrigação, devia tomar medidas para resolver este problema.

O Sorriso da Luz

Depois das 21h:00 pode ser difícil encontrar um “chapa” disposto a fazer viagem. A essa hora não há negócio. Um e outro passageiro é que vão precisar de ser transportados àquela hora, porque a partir das 15h:30 a cidade começa a ficar vazia. Todos querem voltar para casa. É a hora de pico, que vai até perto das 20h:00. Depois disso será o ponto morto. Mesmo assim há quem anda na “contra-mão” nesta trajectória. Há um “chapa” que leva o nome de O Sorriso da Luz, cujo dono se chama Luz Francisco Fernando. Este é o salvador do “último

turno”. É o único que trabalha até às 23h:00, depois de todos os outros terem recolhido.

Falámos como ele há bem pouco tempo, na praça da cidade. Ele afirmou que faz esse sacrifício por dois motivos: para ajudar aqueles que precisam de transporte àquelas horas e, também, aproveita para fazer um pouco mais de dinheiro. “Há pessoas que pensam que nós ganhamos muito com este trabalho, e isso não é verdade. Agora existem muitos carros, há uma grande disputa pelo espaço e no fim do dia a nossa contabilidade não chega a ser grande coisa”.

O Sorriso da Luz é uma viatura cansada, mas tem de estar na estrada porque o dono precisa de sobreviver, como tantos outros que andam por aqui com as suas viaturas debaixo de muitas deficiências mecânicas. O meio de transporte a que nos referimos ganhou fama por causa disso mesmo, trabalha para além do tempo normal de movimentação de pessoas na praça. Muitos estudantes em regime pós-laboral da zona da Fonte Azul, Muelé e Nhapossa, aplaudem este homem que os espera até saírem da escola. Quem apanha o último barco da Maxixe e quer ir para as zonas percorridas por este “chapa”, sabe que tem transporte garantido.

Mas aos fins-de-semana já não há “chapa” até às 23h:00. “Termino as 21h:00 porque também preciso de descansar”. Na verdade se você não tem transporte próprio, estando a viver longe deste centro urbano, não é aconselhável ficar a divertir-se até altas horas da noite, a não ser que vá recorrer aos serviços de táxi, sempre disponíveis.



ENVOLVIDO

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

✉ SMS: 90440

📞 WhatsApp: 84 399 8634

O Jornal mais lido em Moçambique.

Violência Obstétrica: Maus-tratos e crueldade nas maternidades

A Bíblia disse: “Tu, mulher, parirás com dor”. Em Moçambique, além das dores próprias do parto, muitas parturientes sofrem violência obstétrica, isto é, maus-tratos por parte das enfermeiras nas maternidades.

Texto: Nélcia Gabriel Tovela • Foto: WLSA Moçambique

Histórias de berros, gritos, proibição de usar telemóvel e até palmadas são frequentes.

“Uma enfermeira bateu numa parturiente em frente de todas nós. Esquece-se de que no momento do parto a mulher fica um pouco fora de si. E nada justifica bater”, disse Joaneta Cossa, que deu à luz pela primeira vez no Centro de Saúde 1 de Junho, em Maputo, no bairro Ferrovário.

Cossa conta que a enfermeira e a assistente permaneciam no gabinete a escutar música e a conversar. Quando chegou a hora do parto, ela gritou mas não ouviram. Acabou por ter o parto com a ajuda de outras mulheres experientes.

Mas nem todas as parturientes têm a mesma experiência negativa. “Tive sorte, encontrei uma boa enfermeira”, disse Lina Delfino, também parturiente no Centro de Saúde 1 de Junho. “Mas tinha medo, pois já ouvira falar dos maus tratos naquela maternidade”.

Segundo a experiência de Célia Mabanga, parturiente no Hospital Geral de Mavalane, em 2012, as enfermeiras tratavam mal, até um certo ponto: “Basta tirar dinheiro, tratam-te bem”.

Mabanga acrescenta: “Se és pobre e não tens dinheiro e não és familiar, automaticamente estás condenada ao mau atendimento. Elas não têm amor à profissão”.

Más condições higiénicas

As nossas entrevistadas descrevem o Centro 1 de Junho como uma maternidade com condições higiénicas péssimas, chão sempre húmido, casas de banho mal cuidadas e mal cheirosas, pensos espalhados pelo chão, água a gotejar nas torneiras, e redes mosquiteiras sujas.

“O trabalho de parto é sujo, devia haver mais empenho em manter o local em boas condições. As utentes têm o direito de ter filho num sítio com condições dignas”, disse Cossa.

O problema das redes sujas também é reportado no Hospital Geral de Mavalane. “Aqueles redes são antigas e não cuidam bem delas, por isso as pacientes não as usam”, disse Mabanga.

Tentativa de mudança

O Ministério de Saúde (MISAU) reconhece o problema e está a tentar melhorar o atendimento através da Iniciati-



va Maternidade Modelo, que pretende mudar o comportamento dos profissionais de saúde e dar uma assistência confortável às utentes.

O projecto está a funcionar desde 2011, nos hospitais provinciais, centrais, gerais e em alguns distritais.

Agora é permitido à parturiente trazer um acompanhante, escolher a posição para dar à luz, e caminhar na maternidade. No entanto, nem sempre tudo se passa conforme se decide.

“Quando começava a andar, a enfermeira gritava e mandava-me voltar para a sala”, lembra Cossa, que teve um parto em 2012. “Em nenhum momento me disseram que podia trazer alguém para acompanhar o parto, e muito menos escolher a posição, porque a enfermeira nem estava no momento em que o bebé saiu”.

No entanto, as queixas continuam. “O atendimento não mudou. Ainda há parteiras que tratam mal as pacientes, até batem, cobram dinheiro, como acontecia nas maternidades há 15 anos, quando tive a minha primeira filha em Mavalane”, disse Adélia Magaia, parturiente no hospital de Mavalane, em 2013.

“As enfermeiras fazem de propósito, principalmente quando somos nós adultas, dizem deixem lá, essa aí já sabe como se faz, não é nova aqui. E eu tive o parto sozinha. Foi mais complicado que o parto de 2000, do meu segundo filho”, disse Rosa Mafela, parturiente no Centro 1 de Junho, em Agosto de 2013.

“No sector da saúde a pessoa faz a formação, logo tem colocação, às vezes não tem vocação, e aí começam os problemas dos maus-tratos”, disse Ana de Lurdes Cala, chefe do Departamento Central para a Área de Qualidade e Humanização, do MISAU.

Para Mabanga, a iniciativa da humanização é boa, mas deve haver mais vigilância e controlo para assegurar que as enfermeiras atendem as pacientes com respeito. “Elas esquecem-se de que as pacientes são pessoas, embora elas não gostassem nem um pouco de serem maltratadas”, disse.



Falta pessoal

Outro problema é a sobrecarga de trabalho. O Centro 1 de Junho só tem quatro enfermeiras na maternidade, uma em cada turno, para atender cerca de 10 partos por dia.

“Precisamos de mais enfermeiros, já submetemos o pedido à Direcção de Saúde da Cidade e à Direcção Distrital, mas a resposta é de que há poucos enfermeiros”, disse a enfermeira Mara André Nhamuchue, responsável da maternidade.

Em Mavalane é normal um cenário de enchente na sala de partos, camas lotadas, duas mulheres a partilharem a mesma cama e colchões nos corredores.

Há maternidades com apenas duas enfermeiras, como é o caso do Centro de Saúde de Matendene. “Essa é a nossa realidade”, disse Cala.

Aqui, estima-se que uma enfermeira atenda cerca de 25 partos por turno. “É muito trabalho”, observa Cala. “Mas, mesmo assim, não quer dizer que ela deva ser malcriada e despachar as pacientes”.

Vox populi

Joana Ilda Meleque, 21 anos, estudante



O atendimento não é muito bom, excepto dando dinheiro à enfermeira. Se calhar aquela enfermeira está cansada ou não

tem bom salário e acaba por descarregar nas pacientes.

Mércia Cristina Fernando, 29 anos, estudante e professora, mãe de uma criança



Quando tive o parto, fui bem atendida. Mas há mulheres que têm o parto sozinhas, as enfermeiras não ajudam.

Há também pacientes que não respeitam os enfermeiros.

Luís da Costa, 50 anos, antigo combatente, pai de dois filhos



Nas duas vezes que a minha mulher teve o parto não teve motivo de queixa, embora existam algumas enfermeiras que

não têm paciência e acabam por ralhar para as pacientes.

Borges Avelino, 21 anos, estudante



Não tenho ouvido boa coisa das maternidades. Dizem que o atendimento é diferenciado, acho que as capacidades

financeiras é que estão por detrás.

Angélica Xavier, 20 anos, estudante



A minha irmã foi à maternidade e não foi bem atendida, porque não tinha conhecimentos.

Sheila Nhampule, 27 anos, estudante



Pelo que tenho ouvido nas conversas, o atendimento não é de qualidade.

Os riscos de ser mãe em Moçambique

Em Moçambique, 14 por cento das mortes de mulheres em idade reprodutiva são atribuídas a causa materna. Isto é, resultam de complicações da gravidez, do parto e no período de 28 dias imediatamente a seguir.

Nas mulheres mais jovens, com idades entre os 15 e os 19 anos, vemos que uma em cada quatro mortes (24%) é atribuída a causa materna. Este alto número resulta de várias causas como:

- Hemorragias uterinas
- Malária
- VIH/SIDA
- Hipertensão induzida pela gravidez (hiplepcia)
- Sépsis puerperal (infecção contraída durante o parto e no período após o parto)
- Aborto inseguro

No entanto, com adequados cuidados de saúde, estes problemas poderiam ser detectados atempadamente, de modo a prevenir as mortes maternas.

Mas o acesso das mulheres à saúde não é fácil. Nos inquéritos, as mulheres apontam como dificuldades a obtenção de permissão para ir ao tratamento, de dinheiro para o tratamento, a distância até à unidade sanitária e a dificuldade de encontrar uma companhia para se deslocar à unidade sanitária.

Quase dois terços das mulheres (62 por cento) declaram que tiveram pelo menos um problema no acesso aos cuidados de saúde.

A extensão da rede sanitária ainda não é suficiente para cobrir todo o país, pelo que muitas mulheres têm de andar grandes distâncias para receber cuidados de saúde. As condições das próprias unidades sanitárias não são, muitas vezes, adequadas: falta pessoal, equipamento, medicamentos e boa disposição, como vimos no artigo principal sobre as maternidades.

Fonte: IDS 2011, INE

O que é violência obstétrica?

Violência obstétrica é uma série de tratamentos desrespeitosos, que vão desde piadinhas e comentários maldosos e preconceituosos, ao completo desrespeito e intervenções médicas feitas contra a vontade da mãe durante o parto.

Estes são alguns exemplos de actos de violência obstétrica:

- Tratar com agressividade, desprezo, ou atribuir nomes
- Submeter a mulher a um tratamento humilhante, como deixar as portas abertas enquanto estiver na posição do parto
- Impedir a parturiente de se comunicar ou circular
- Tomar procedimentos sem antes explicar a razão dos mesmos
- Subir na barriga para expulsar o bebé
- Deixar pessoas estranhas entrarem
- Ameaçar, chantagear ou assediar

A humanização na saúde

Inclui:

- Rapidez no acesso aos cuidados de saúde
- Garantia de cuidados de qualidade
- Participação nas decisões e respeito pelas preferências da parturiente
- Informação clara, compreensível e apoio à autonomia
- Apoio emocional, empatia e respeito
- Envolvimento de familiares e cuidadores
- Continuidade de cuidados

“A moça teve o parto sozinha e o bebé morreu”

Depoimento de uma testemunha no Hospital Central de Maputo

“Eu estava de baixa na maternidade do Hospital Central de Maputo. Ao meu lado estava uma moça dos seus 30 anos, grávida de oito meses e que corria o risco de perder o bebé. Começou a sentir contracções de parto. Levantei-me para ajudá-la, e fui chamar a enfermeira”.

«Diz a ela para não fazer força», “respondeu a enfermeira, que estava sentada a conversar”.

“A moça, já com dores fortes, fez força e o bebé começou a sair pelas pernas. Voltei a chamar a enfermeira. Ela andava devagar, descontraidamente, como se nada estivesse a acontecer. Quando chegou, começou-se a zangar e a falar mal para a moça”.

«O que você está a fazer? Eu não disse para você não fazer força?», “disse. Foi aí que começaram a ajudá-la, puxaram o bebé, mas este saiu morto”.

“Não sei se aquelas enfermeiras agiram daquela maneira porque queriam receber algum pagamento. Na sala éramos quatro mulheres, mas só uma é que estava a receber tratamento especial, sempre atenciosas com ela. Para as outras, só gritos e berros”.

Humanizar como solução

Desde 2011, o MISAU promove a humanização na prestação de cuidados de saúde, para acabar com os maus-tratos, cobranças ilícitas e longo tempo de espera, as queixas que mais se registavam.

“A humanização está para resolver o problema do Sistema Nacional de Saúde, porque sentimos que houve uma ruptura de valores”, explica Ana de Lurdes Cala, chefe do Departamento Central para a Área de Qualidade e Humanização, do MISAU. “As queixas já estão a diminuir”.

Cala observa que quem trabalha na maternidade deve ser uma pessoa que gosta de fazer o que faz. Quando não é assim, surgem os maus-tratos e a falta de humanização.

O MISAU está a criar comités de qualidade e humanização, integrados pelos líderes religiosos e comunitários locais, que servem de “olho e ouvido” para levar os problemas do povo às unidades sanitárias e vice-versa. Já foi criado o comité nacional, os de nível provincial e distrital (ainda não cobriram todos os distritos) e 198 nas unidades sanitárias.

Saiba mais:

<http://www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&idNoticia=251>

<http://www.significados.com.br/humanizacao/>

<http://saudeportugal.blogspot.com/2010/09/humanizacao-dos-servicos-de-saude.html>

O balde misterioso



A fragilidade do sistema de segurança da Brigada Operativa (BO), prisão de máxima segurança, faz muito tempo que deixou de ser novidade. Para tal, tanto funciona o engenho dos prisioneiros como a desonestidade dos guardas prisionais. Não existe outra prisão moçambicana tão porosa e subtil na arte de multiplicação de infracções à legalidade. Tudo o que sucede nesta esfera de actuação onde a lei devia vingar é motivo de vergonha para o edifício da justiça. É que à prisão que devia guardar criminosos se soma uma rede de infractores que leva tudo e mais alguma coisa do lado de fora do muro para as entranhas das celas...

Texto: Redacção • Foto: Retiradas do video de Cidadão Reporter

O vídeo que chegou ao @Verdade e que mostra um esquema de contrabando na BO revela o quão frágil é o nosso sistema de segurança e que os guardas prisionais formam um elo na espinha dorsal de uma rede de criminosos. Isso é o pior que poderia acontecer. Nem tanto pelo nível de envolvimento, mas pela vergonha nacional que representa.

Uma mulher, assim como quem não quer nada, aproximou-se do muro da cadeia. Exactamente no local onde fica um posto de segurança. Rapidamente desceu uma corda de uma torre de controlo com a qual a mulher amarrou um balde contendo algo impossível de descortinar pela distância do local onde foi feita a gravação. Portanto, do conteúdo do balde sabemos pouco apesar de os guardas prisionais alegarem que se trata de bebidas alcoólicas que valem “muito dinheiro” lá dentro.

Efectivamente, um vendaval de corrupção passou pela BO e nem o seu famoso sistema de segurança foi capaz de fazer alguma coisa. As torres de vigia não conseguem sequer minimizar os danos. A demonstração de impunidade foi e é insultante e só não é maior porque um vídeo amador revelou o esquema. Sem tirar mérito ao discurso da vigilância que é tónica dominante nas autoridades policiais e militares, havemos de convir que a oportunidade da lição é escassa. O sofrimento presente na BO é demasiado para propositar qualquer discurso que evoca segurança. A vida precisa de alguma dignidade, que está muito acima do que este

modelo de sociedade oferece. Os guardas da BO estão entranhados na corrupção porque precisam de salvar a si próprios, criando as suas alternativas nos postos de vigilância. Em suma: o cabrito continua a comer onde está amarrado.

@Verdade enviou um repórter ao local e o mesmo foi retido pelos guardas prisionais. O repórter conseguiu deixar o telefone ligado e deu para ouvir a discussão que manteve com os guardas prisionais. “Você não vai sair daqui”, disseram. A retenção teve lugar depois de ele abordar três residentes nas casas circunvizinhas que se mostraram apreensivas e declinaram prestar qualquer espécie de declaração. Porém, mal o repórter se separou da terceira pessoa, cinco funcionários da cadeia arrancaram-lhe os dois telefones em seu poder e forçaram-no a entrar no recinto da cadeia, alegadamente porque não se pode abordar ninguém nas proximidades daquela unidade prisional.

Um responsável da cadeia, que não se quis identificar, inquiriu o repórter sobre o que pretendia nas redondezas. Este explicou que queria entender o que continha o balde que entrava clandestinamente por cima do muro. O responsável da cadeia disse ao repórter que o comandante já tinha visto o vídeo no facebook na página do jornal @Verdade, inclusive tinha dado ordens aos guardas para que intensificassem a vigilância nas redondezas, tendo acrescentado que estavam apreensivos por tal situação e que o presumível balde continha bebida destinada aos prisioneiros. “Garanto-lhe que é bebida porque isso é proibido aqui, mas mantimentos entram a todo o instante. Falta apenas confirmar os valores

envolvidos, mas já sabemos que são exorbitantes, pois os prisioneiros tudo fazem para adquirir a bebida”, justificou-se.

O nosso repórter ainda manifestou a sua indignação relativamente ao facto de uma cadeia permitir tais fragilidades em termos de segurança e como havia tanta certeza de que se tratava de bebidas alcoólicas. O responsável disse que era uma falha ocorrida na torre de vigia número 5 e que tudo seria esclarecido e rectificado.

Depois do inquérito/conversa pediram o bilhete de identidade e a credencial do repórter, tendo sido registados os seus dados. Não explicaram os motivos do cadastro. Posto isto, devolveram-lhe os telemóveis e deixaram-no ir embora. Entretanto, às 9:13 horas de quarta-feira (27), um elemento da cadeia que se identificou como chefe de operações da BO, contactou o jornalista do @Verdade através do número fixo 21706690 convidando-o a deslocar-se àquela unidade prisional, alegadamente porque tinham neutralizado a mulher que aparece no vídeo. Questionado sobre a possibilidade de o repórter ir acompanhado de outros jornalistas, o suposto chefe de operações disse que iria responder através de uma mensagem. Meia hora depois, o nosso colega recebeu a seguinte mensagem: “Pode não vir mais já dissipámos o que queríamos, a senhora já aceitou não há razão de vir.”

Campanha “Estenda a mão”

O ser humano não é uma ilha e, por isso, desmerece viver num mundo onde o termo solidariedade é ofuscado pelo ódio e pelo desentendimento entre irmãos.

@Verdade lança, nesta edição, uma campanha que pretende celebrar o amor designada “**Estenda a mão**”. A ideia é que os nossos leitores contem histórias de deficientes físicos que não reúnem condições para adquirir uma cadeira de rodas e que, de facto, mereçam ter uma para facilitar e melhorar a sua locomoção. @Verdade tem em mãos duas cadeiras de rodas e espera oferecer ao próximo. As histórias não precisam de ser longas, mas é imperioso que demonstrem a necessidade de que o seu vizinho, familiar, ou amigo sejam merecedores de uma das cadeiras de roda nas mãos do @Verdade. A campanha designa-se “**Estenda a mão**” porque o leitor é quem deve escrever de forma sucinta e sincera a história dos que deverão beneficiar destes artigos.

A palavra é sua...



“A tubagem não aguentou”

Num dia ensolarado de uma quinta-feira, um grupo de mais de 100 pessoas – com baldes e bidões na cabeça – procura um pouco de água para tocar a vida nas instalações do FIPAG, em Quelimane. Ao redor, crianças, bicicletas e um funcionário que exige facturas de pagamento da taxa mensal de consumo compõem o cenário do drama que a urbe viveu durante três dias de restrição de abastecimento de água.

Texto & Foto: Rui Lamarques



As instalações do FIPAG transformaram-se no ponto de convergência dos munícipes de Quelimane. O rompimento da tubagem que corre pelo solo da avenida Heróis da Libertação, na madrugada da quinta-feira, quando jovens eufóricos celebravam nas ruas da urbe e nos bairros mais distantes do centro da cidade a vitória de Manuel de Araújo, uma parte da rua ficou inundada de águas que brotava do ventre da via. “Não deve ser nada”, disse-nos um repórter do Jornal Txopela e prosseguimos, sem parar, a nossa digressão pelas escolas de Quelimane à procura de editais. Eram duas horas e pouco.

Às 7 horas do mesmo dia, com a cidade já congestionada, compreendemos que aquela avaria era – pelo menos na linguagem dos funcionários do FIPAG e na carência que desabou sobre os munícipes – grave. A explicação de uma fonte da empresa responsável pelo expansão do sistema de abastecimento de água é simples: “A tubagem rebentou devido à descarga feita em Licuar”, lugar onde se encontram os furos.

A imagem de duas crianças com baldes de água numa bicicleta é uma espécie de fotografia desfocada da crise que se abateu sobre Quelimane, só nítida na romaria que desembocou no FIPAG. Essa imagem, apesar de grave, é a antítese do vida em Icidua, o constrangedor destino que nenhum quelimanense quer experimentar. Nem ali nem em qualquer outro lugar.

“Isto é demais”, desabafa um idoso na fila. “É sabotagem da Frelimo. Perderam e agora querem castigar os quelimanenses”, acrescenta um jovem com ar de quem não dormiu. A teoria de conspiração corre célere na fila dos que procuram um pouco de água. A explicação dos funcionários do FIPAG é descartada. Sem, contudo, contar que é pouco convincente. Até porque a tubagem deve ter em conta qualquer sobrecarga. Portanto, o rompimento da mesma só pode derivar de mau cálculo ou até, mais grave, de manifesta incompetência.

A única explicação para o sucedido fora da esteira da sabotagem, alega um munícipe, é incompetência. “De modo que se optou pela via de explorar o equipamento até à completa exaustão, pelo que se deu o rompimento”.

“Vão lá pedir água ao MDM e Araújo”, gozavam os simpatizantes da Frelimo aos cidadãos que saíam dos bairros para as instalações do FIPAG. A água foi um grande problema, nestes três dias, mas também negócio lucra-

tivo numa cidade de 71 anos que carece de um abastecimento de qualidade. Em Inhangome, um dos bairros mais carenciados da urbe, Cândido Celestino esfrega as mãos de contentamento pela desgraça que se abateu pelos demais. Tristeza de uns e alegria de outros, o adágio é velho e foi celebrado pela vivência dos homens ao longo dos séculos. Hoje, diz, “as pessoas terão de vir comprar água na minha casa”. E não foi só na quinta-feira. Foram três dias de “prosperidade”.

“Fiz seiscentos meticais em três dias”, disse, satisfeito.

Um mercado sem água

@Verdade visitou o mercado Brandão para compreender a dimensão do problema. Eis a lista compilada de estragos por ordem de aparição: bancas sujas, abandonadas, produtos deteriorados, corredores nauseabundos e redução da procura. Brandão, um dos espaços comerciais informais mais concorridos da urbe, equivalia a uma terra de ninguém.

Volta à normalidade

Efectivamente, foram 48 horas sem fornecimento de água em termos absolutos. O terceiro de dia de crise ficou marcado pelo restabelecimento paulatino do fornecimento em certas zonas, sobretudo na cidade de cimento. No entanto, @Verdade soube que funcionários do FIPAG condicionavam o fornecimento de água à apresentação da última factura de pagamento aos cidadãos que se socorriam do seu depósito.



Caros leitores

Pergunta à Tina... Será prejudicial que eu lhe chupe a vagina?

Caros leitores. A semana passada foi de grandes desafios para todos os moçambicanos devido às eleições autárquicas. Imagino o processo de tomada de decisões nas mentes e corações de muitos de vocês. É como todas as decisões que temos que tomar nas nossas vidas. Em relação aos assuntos da nossa sexualidade, é a mesma coisa: engravidar ou não engravidar, abortar ou não abortar, usar o preservativo ou não, fazer sexo oral ou não, usar a pílula ou usar o transplante? São alguns dos nossos dilemas. Se isto tem a ver contigo e também estás nessa situação, por favor envia-nos as tuas questões.

Envie-me uma mensagem através de um sms para **90441**
E-mail: **averdademz@gmail.com**

Olá Tina. Tenho 18 anos, e pratiquei a minha primeira relação sexual há um mês, tendo ficado logo grávida e provocado um aborto com cytotc. Será que isso pode influir na minha capacidade de ter filhos?

Olá minha querida. Quando dizes cytotc, referes-te talvez aos comprimidos Cytotec! Eu gostaria que me dissesse se o teu aborto foi auto-induzido ou realizado numa unidade sanitária devidamente equipada. O aborto auto-induzido (onde tu colocas os comprimidos sozinha e fazes o aborto sem assistência) ou aquele feito por pessoas que não têm autorização oficial para tal, é uma das principais causas de mortes nas mulheres em Moçambique. Eu aconselho a ti e a outras raparigas da tua idade que desejam iniciar a vida sexual, a informarem-se sobre as formas que existem de evitar a gravidez e as infecções de transmissão sexual. Quanto à tua questão relacionada com a fertilidade pós-aborto, a resposta depende de como foi realizado o teu aborto. Se tiver sido com assistência médica, com certeza que corres menos riscos, e por isso podes, sim, conceber no futuro. Todavia, se tiver sido sem assistência, é necessário que vás urgentemente receber assistência de um/a médico/a ginecologista para que este/a te possa examinar, verificar se tiveste alguma lesão ou infecção e recomendar tratamento no caso de identificar problemas. Usa sempre o preservativo e informa-te sobre as formas de prevenir a gravidez.

Sou um jovem casado de 23 anos. A minha esposa pede que eu chupe a vagina dela, mas não aceito e ela insiste. Será prejudicial?

Olá jovem. O sexo oral (que é o que ela te está a pedir) faz parte das práticas sexuais aceitáveis. Na literatura, e bem como no dia-a-dia, as pessoas falam sobre a necessidade de diversificar, entre o casal, as formas de proporcionar e sentir prazer. É que o sexo ou o acto sexual não deveria restringir-se à penetração do órgão sexual do homem (o pénis) no órgão sexual da mulher (a vagina). Em muitas culturas, promove-se a sexualidade de forma mais completa, em que se envolve o despertar das sensações em todo o corpo, através das mãos, e até usando a língua. O que eu sugiro é que vocês se mantenham os dois sempre higiénicos para evitar contrair infecções de transmissão sexual, principalmente a hepatite B, Sífilis, Herpes Genital, dentre outras. O sexo oral é uma via de transmissão destas infecções. Usar o preservativo durante o sexo oral também pode ser uma forma de evitar contrair este tipo de infecções. Cuidem-se.

Eleições Autárquicas

Nampula: a cidade descontinuada

Nos últimos 10 anos, a cidade de Nampula assistiu a diversas mudanças. Os espaços vazios e edifícios abandonados “acordaram” transformados em centros comerciais e/ou em novos conceitos de habitação. Porém, questões relacionados com a não remoção de lixo, a falta de mercados, o acesso limitado a água potável e a electricidade, vias de acesso deficitárias, entre outras, revelam que ainda há muito a fazer no terceiro maior centro urbano do país.

Texto: Hélder Xavier

Foto: Miguel Manguze

Mergulhado num emaranhado de problemas, Nampula tem vindo a crescer de forma impetuosa mantendo o seu estatuto de terceiro maior centro urbano de Moçambique e impondo-se como um dos principais motores da economia do país nos últimos tempos.

Diga-se em abono da verdade que a urbe ainda se debate com diversas dificuldades, com destaque para a questão do lixo, da precariedade do saneamento do meio, dos edifícios e das vias de acesso. Nas ruas e principais pontos de encontro dos moradores, as eleições autárquicas tornaram-se os assuntos de conversa do dia, pese embora haja muito cepticismo no que respeita à mudança da situação. No entender dos munícipes, não há vontade por parte das autoridades municipais de melhorar as condições de vida dos habitantes de Nampula.



Urbanização

De uma cidade pacata, rapidamente Nampula tornou-se um município agitado e pouco espaçoso. Nos últimos anos, a população cresceu. Contudo, a urbe não seguiu o mesmo ritmo, embora uma parte tenha rejuvenescido. A considerada capital do norte passou a dispor de novas infra-estruturas (algumas modestas e outras, digamos, imponentes) e viu alguns dos edifícios ganhar novo fôlego.

Presentemente, um pouco por todo o lado da cidade é possível ver obras de construção de hotéis, centros comerciais e habitações, além da reabilitação de alguns espaços de lazer, a um ritmo deveras acelerado. O centro do município mostra-se saturado, havendo necessidade de introdução de novas estratégias ou conceitos de habitação.

A cidade cresce de forma horizontal, nas zonas de Muha-la e Muhavire Expansão onde, apesar de as autoridades



municipais não disporem de um plano concreto de urbanização, despontam vendas e algumas mansões de uma elite emergente para gáudio do sector imobiliário que parece não existir. Enquanto isso, a periferia continua a minguar, ou seja, não se pode falar de urbanização.

Regra geral, a maior parte dos bairros suburbanos da cidade de Nampula enfrenta os mesmos problemas de ordem urbanística. É frequente observar-se o surgimento de zonas em expansão com problemas de ordenamento territorial, falta de água potável, vias de acesso, transporte semi-colectivo de passageiros,

cuidados hospitalares, estabelecimentos de educação, iluminação eléctrica das ruas, entre outros serviços públicos, uma vez que as autoridades municipais estão desprovidas de um plano com vista a ultrapassar uma parte destas carências.

Não há parcelamento dos terrenos e, consequentemente, as casas surgem como cogumelos depois da chuva. Além disso, a título de exemplo, a população dos bairros de Namiepe, Muthita, Murrapaniua 2, Nampaco e Muchinada tomou de assalto pouco mais de 2.800 terrenos parcelados, de um total de 4.053, para praticar a agricultura e construir residências.



Acesso a água potável

A escassez de água para o consumo humano é a principal dor de cabeça de centenas de munícipes de Nampula. O problema que já tem “barbas brancas” é do conhecimento das autoridades locais, e não só, que pouco têm feito para mudar o cenário. A desculpa mais invocada pelas autoridades municipais da cidade de Nampula chefiadas pelo edil Castro Namuaca é a falta de financiamento.

Os munícipes têm a palavra

Alguns munícipes da cidade de Nampula consideram que o desempenho do Conselho Municipal baixou no que diz respeito à melhoria das vias de acesso, do saneamento do meio ambiente, da recolha do lixo, dentre outros serviços.

Estêvão Ramiro, residente da zona do Piloto, periferia desta urbe, disse que o edil Castro Namuaca estava, no primeiro mandato, comprometido com o desenvolvimento da autarquia, mas, actualmente, as pessoas queixam-se, frequentemente, de vários problemas relacionados com a gestão municipal. “As estradas encontram-se em péssimas condições de transitabilidade e a edilidade justifica-se afirmando que no mercado nacional não existe asfalto à venda”, lamentou o nosso entrevistado.

Aquele munícipe mostrou-se igualmente indignado com as acções dos técnicos da vereação, que trabalham em coordenação com as autoridades comunitárias na sensibilização da população com vista à participação no processo de governação através das boas práticas, alegadamente porque não surte os efeitos desejados. Vigal Momade, de 39 anos de idade, tem dúvidas de que o edil a ser eleito no próximo dia 1 de Dezembro venha a mudar a “deplorável situação” na qual a cidade se encontra. “Quando se caminha pelas ruas de Nampula, percebe-se que não se está a fazer nada para desenvolver o município”, lamenta. Quem também olha para a eleição do novo presidente do Conselho Municipal com algum cepticismo é Domingos Mahere, de 42 anos de idade. “Há um desleixo total por parte da edilidade, e tenho dúvidas de que estas eleições venham mudar o estado das coisas nesta urbe”, diz o munícipe.

Eleições Autárquicas



A escassez de água potável tem martirizado milhares de famílias. Todos os dias, centenas de munícipes, sobretudo as donas de casa, têm de acordar de madrugada e percorrer pelo menos cinco quilómetros para obter água. Os bairros mais críticos são Muhavire-Expansão, Namicopo, Muhala-Expansão, Muatala e Mutauanha.

Refira-se que a nível do distrito de Nampula apenas dois por cento da população têm acesso a água canalizada no domicílio, 23 fora dele, 47 bebem água do poço e 27 têm acesso a um fontenário.



Saneamento, rede eléctrica e transporte público

Apesar de ser a terceira principal cidade do país, o município de Nampula não dispõe de uma lixeira municipal, com condições de aterro, tão-pouco meios circulantes suficientes para a recolha de resíduos sólidos na cidade, razão pela qual a problemática de lixo na via pública está longe de ser ultrapassada. Os detritos, principalmente os resultantes do comércio informal, têm vindo a tomar de assalto a autarquia, pondo a descoberto a ineficiência das autoridades municipais.

Além disso, a falta de financiamento dos projectos de tratamento de águas residuais está a deixar as autoridades municipais da cidade de Nampula preocupadas pelo facto de aquela urbe mostrar grandes problemas nesta área. Dos dois projectos desenhados pela edilidade, com destaque para o sistema de águas residuais e o sistema de drenagem, este último é que beneficiou de um financiamento do Millennium Challenge Account (MCA) cujas obras já terminaram. O projecto, que consistiu na construção de uma drenagem, com cerca de 10 quilómetros de tubagem nova, com sarjetas, 4500 metros de canais de betão, 4000 metros de canais de gabiões, estava orça-

do em mais de 13 milhões de meticais para a execução das obras na zona urbana e periurbana.

Em relação à electricidade, assiste-se, de uma forma gradual, à expansão da rede eléctrica, sobretudo em novas zonas residenciais. Porém, sublinha-se que a maioria dos munícipes não dispõe de energia de qualidade nas suas respectivas casas. A iluminação pública também ainda é precária, mas a situação tem vindo a melhorar à medida que a cidade cresce.

A falta de transporte público de passageiros é também uma realidade que tira o sono dos munícipes de Nampula. Os autocarros pertencentes à edilidade não satisfazem a procura, contudo, um número reduzido de operadores privados garante o transporte de pessoas e bens até às 19h00. Grande parte dos residentes, que não possuem meios circulantes próprios, é obrigada a caminhar pelo menos sete quilómetros ou apanhar as mototáxis para chegar à casa. Na verdade, com a escassez de transportes semiolectivos, vulgo chapas, em algumas rotas da urbe, as motorizadas ganham terreno, tornando-se o principal meio de locomoção da população. Neste negócio que a edilidade pretende fiscalizar, centenas de mototaxistas olham para actividade como uma alternativa ao desemprego, e uma forma honesta de garantir o sustento diário das suas respectivas famílias, ainda que informalmente.

O comércio

A azáfama nos passeios, ao longo das principais avenidas da autarquia, revela diversas actividades informais, praticadas maioritariamente por pessoas oriundas da periferia, que prosperam aos olhos dos munícipes. Em toda a urbe o comércio (formal) é dominado por cidadãos estrangeiros, sobretudo oriundos da região dos Grandes Lagos.

Os negócios que movimentam a economia da cidade estão nas mãos de grandes grupos maioritariamente constituídos por membros da mesma família de origem asiá-

tica que detêm redes de lojas – e também tabacarias – de venda de vestuário, electrodomésticos, mobiliário, cosméticos, entre outros produtos. Os nativos, sobretudo os jovens, “contentam-se” com a parte pobre do comércio, exercendo actividades menos qualificadas, como carregar as mercadorias, a limpeza das lojas, venda de pão, “badjias”, água e alguns produtos pelas ruas da capital do norte.

O comércio informal é a principal fonte de renda de milhares de munícipes. O custo de vida tem vindo a agravar-se neste ponto do país, tornando-se insuportável para os nampulenses. Nos últimos meses, quando comparada com as outras duas principais cidades do país (Maputo e Beira), Nampula registou uma subida dos preços de bens de primeira necessidade como, por exemplo, feijão manteiga, farinha de mandioca e de milho, tomate, sabão e alface, mantendo elevado o índice do preço ao consumidor.

Os problemas prevalecem

Aos 57 anos de elevação à categoria de cidade, Nampula debate-se com diversos problemas sociais, próprios de uma autarquia em crescimento. A criminalidade e a falta de saneamento básico são algumas questões que preocupam os residentes. Os bairros de Karrupeia e Namutequeliwa são os mais problemáticos. Muitas famílias vivem sem as mínimas condições de higiene. Existem 12 unidades sanitárias (um hospital central e geral, sete centros e cinco postos de saúde).

Aliado a essa situação está o elevado índice de criminalidade. Se durante o dia tudo parece normal, quando a noite chega a coisa muda. A partir das 20h00, passar pelos labirintos do subúrbio ou por ruelas pouco iluminadas e chegar a casa com a carteira, telemóvel ou outro bem é um golpe de sorte. Há relatos de roubos de panelas ao lume e até bidões de água.



Perfil de Nampula

O município, implantado num planalto e com uma população estimada em 447.900 pessoas, ocupa uma área de cerca de 404 quilómetros quadrados. É constituído por seis postos administrativos urbanos, nomeadamente Urbano Central, Muatala, Muhala, Namicopo, Napipine e Natikire. O número total de agregados familiares é de 101.484, distribuídos por 18 bairros. Há mais homens (51 por cento do total da população) que mulheres (49 por cento) nesta cidade.



Eleições Autárquicas

O centro dos problemas

Os bairros que constituem o município de Nampula, sobretudo os periféricos, transformaram-se num aglomerado de problemas, que vão desde a escassez de água potável, passando pela degradação das vias de acesso e elevado índice de criminalidade até à falta de saneamento básico e corrente eléctrica. Namutequeliua, Namicopo, Muatala e Lourenço são alguns exemplos de zonas residenciais esquecidas pelas autoridades municipais, onde a cada dia a situação por que passam os moradores tem vindo a piorar, não se vislumbrando nenhuma solução.

Texto: Redacção Nampula

Foto: Miguel Manguze

Namutequeliua

O bairro de Namutequeliua é um dos mais antigos e o mais populoso da cidade de Nampula. O mesmo apresenta os piores problemas sociais. Geograficamente, Namutequeliua, situa-se no posto administrativo de Muhala com uma superfície de 2.753 hectares. Com um total de seis unidades comunais, esta zona residencial está limitada ao norte pela Avenida do Trabalho e translação da rua que dá acesso ao bairro de Namicopo. A sul encontra-se a Avenida Eduardo Mondlane, a este o posto administrativo de Anchilo, distrito de Nampula-Rapale e a oeste a rua John Issa.



Vias de acesso deficitárias

Dentre as infra-estruturas existentes destacam-se a Estrada Nacional número oito que atravessa o bairro longitudinalmente, uma ferrovia e um aeroporto que dista um quilómetro. Devido à sua localização, Namutequeliua tem o seu desenvolvimento adiado. Na verdade, o crescimento que se regista é espontâneo, com características rurais por causa do abandono do planeamento territorial da cidade.

O tráfego motorizado é muito reduzido no seu interior, contrariamente à periferia onde é bastante intenso. Além disso, as vias de acesso não oferecem as desejáveis condições de transitabilidade, uma situação que se associa ao factor de serem estreitas, facto que concorre para uma acessibilidade muito baixa em relação aos ciclistas.

Os habitantes de Namutequeliua são de baixa renda e fraco poder financeiro, pelo que as suas actividades são realizadas na via pública, o que está muito aquém do padronizado. Há um ano que decorrem naquela zona residencial trabalhos visando a sua requalificação, porém, no terreno nada de diferente se nota em termos de resultados.

Energia eléctrica sem qualidade

A falta de estradas largas está a implicar o processo de desenvol-



vimento, sobretudo o acesso aos serviços básicos. Por exemplo, o fornecimento da energia eléctrica não é acessível aos residentes, porque os técnicos da Electricidade de Moçambique (EDM) enfrentam sérios problemas na colocação de postes, pois as ruas são muito estreitas. A situação de iluminação das vias é deficitária e, durante a noite, as vias apresentam-se às escuras, o que se associa à fraca qualidade da própria energia resultante das ligações clandestinas.

A densidade populacional divide-se em duas partes, sendo uma baixa, caracterizada por casas dispersas e a outra alta, onde as residências estão construídas muito próximas, tornando os caminhos estreitos. Por as pessoas serem de baixa renda, a maior parte das casas é de construção com base em material precário e convencional.



os resíduos sólidos. Embora seja importante a recolha, os veículos basculantes não conseguem ter acesso ao interior do bairro. Mesmo assim, a população exige uma maior acção dos técnicos da edilidade para resolver o problema.

Abastecimento de água

Para a satisfação das necessidades básicas, os habitantes de Namutequeliua usam as fontes da rede pública de abastecimento de água e furos para o efeito. Entretanto, esta é sustentada por fontenários que servem para abastecer a população que não possui água canalizada nos seus domicílios. Mas os residentes da unidade comunal de Marien Nguabi sofrem muito para ter acesso a uma fonte de água, porque se trata de uma zona em expansão.

Situação criminal



A criminalidade não deixa de ser preocupante para os habitantes do bairro de Namutequeliua. Segundo apurámos, os “amigos do alheio”, além de agredirem os cidadãos indefesos na via pública, arrombam as portas das casas durante a noite e no interior das casas retiram diversos bens. Para lograr os seus intentos, são usadas armas de fogo e instrumentos contundentes, como facas, machados, alicates, martelos, entre outros. E para reduzir a capacidade de resposta das suas vítimas, eles andam em grupos constituídos por mais de 10 indivíduos.

Os líderes comunitários afirmam que a criminalidade torna-se mais preocupante porque os meliantes são cidadãos com idades que variam entre 17 e 25 anos, faixa etária activa. Os trabalhos de patrulhamento levados a cabo pela Polícia não estão a ter os necessários efeitos com vista à sua redução. Além de roubarem bens nas casas e apoderar-se dos bens das suas vítimas na via pública, os malfeitores violam sexualmente as mulheres.

Saneamento do meio

O saneamento do meio ambiente está dependente da mudança da mentalidade das comunidades, porque muitas famílias não observam as suas regras elementares, aliado ao facto de não observarem a higiene individual e comum. As valas de drenagem que foram construídas estão cheias de resíduos sólidos e excrementos.

A circulação nas ruas de Namutequeliua está cada vez mais difícil. As estradas estão bloqueadas devido à acumulação de lixo. A edilidade leva mais de cinco meses a remover

Namicopo

Geograficamente, o bairro de Namicopo localiza-se no posto administrativo com o mesmo nome num espaço que torna orgulhosos os residentes, dada a facilidade no que diz respeito ao uso dos recursos disponíveis. Na sua maioria provenientes da zona litoral, sobretudo, nos distritos costeiros da província de Nampula, os habitantes de Namicopo desenvolvem no seu quotidiano diversas actividades informais para garantirem o sustento das respectivas famílias. Vende-se um pouco de tudo para se ganhar a vida.

A juventude, que já está votada ao desemprego, não se limita a cruzar os braços, sendo que se dedica a qualquer actividade, desde que lhe garanta algum dinheiro para comprar pão, cadernos e uniforme para a escola. Por outro lado, está exposta a alguns comportamentos ilícitos e,

Eleições Autárquicas

por causa de falta de oportunidades e espaço, envereda pela criminalidade, designadamente o roubo, a prostituição, incluindo negócios estranhos como, por exemplo, a venda da cannabis sativa, vulgarmente conhecida por soruma.

A estrada que liga o bairro de Namicopo à zona de cimento serve igualmente de um local onde prospera o comércio informal. O dia-a-dia é caracterizado por muitos sacrifícios. O pôr-do-sol significa o repouso e a recuperação das energias para no dia seguinte continuar-se com a maratona.



Educação

O sector da Educação mostra uma fraca entrega por parte dos jovens e adolescentes, pois a maioria está apenas preocupada em aprender e dominar a escrita e a leitura, ao invés de se preocupar com a melhoria da sua situação académica, prosseguindo com os estudos. Contudo, nota-se que depois de concluírem o ensino médio (12ª classe), os jovens dizem que são excluídos das oportunidades de formação para o nível superior ou técnico profissional, além das restrições no mercado de emprego.

A participação da rapariga nos estudos é bastante fraca, a avaliar pelo número de meninas em estado de gravidez, algumas já com filhos e a cuidar da família.

No que tange a infra-estruturas escolares, o bairro de Namicopo dispõe de um total de três escolas, sendo duas do ensino primário do primeiro e segundo grau, e uma do ensino secundário geral. As raparigas lideram a lista das desistências por diversos motivos, sobretudo casamentos prematuros devido à sua vulnerabilidade quanto ao assédio sexual.

Não significa que os homens não estejam a abandonar as salas de aulas para ganhar a vida através do comércio informal. De há algum tempo até ao presente, o bairro de Namicopo era considerado “fábrica” de quadros. Isso deveu-se ao facto de muitos deles beneficiarem de bolsas de estudo no estrangeiro depois do alcance da independência nacional.

Fornecimento da energia

O fornecimento da energia eléctrica para a iluminação da via pública não está a ser uma realidade em algumas vias de acesso daquela zona residencial, uma situação que se deve ao facto de as estradas serem estreitas, cujas dimensões não vão além dos 500 metros de largura. Talvez seja por isso que a maior parte dos moradores usa a corrente eléctrica clandestinamente, facto que não oferece uma boa qualidade à iluminação. As casas são construídas com base em material precário e convencional. Os pequenos negócios são as principais tarefas para garantir o sustento das respectivas famílias e uma parte dos residentes trabalha nas instituições estatais e privadas.



Vias de acesso

A única via de acesso que serve de cartão-de-visita ao bairro de Namicopo é a estrada que parte da rotunda do Aeroporto Internacional de Nampula ao posto administrativo de Namicopo, e

divide os bairros de Namicopo e Carrupeia. Tal como os outros bairros, Namicopo apresenta vias de acesso muito estreitas devido à construção de casas em situação de total desordenamento territorial. Aliada a este factor está a crescente taxa demográfica que a zona está a registar de forma espontânea.

Quando chove, as estradas ficam alagadas e não oferecem condições aceitáveis de transitabilidade, porque aos poucos surgem charcos. Em parte tal deve-se à falta de um sistema de saneamento, pois este nunca existiu desde os primórdios do bairro. Em Namicopo, o tráfego do transporte motorizado é muito reduzido, sendo que apenas se regista a presença massiva de motociclistas, vulgo “moto-táxi” que se dedicam ao transporte de pessoas e bens. Essa situação deve-se ao facto de as estradas se apresentarem em mau estado.

Transporte público de passageiros

O problema de transporte de passageiros, principalmente os semiolectivos continua a ser uma preocupação dos residentes. Não existe nenhum transporte público a operar naquela zona, havendo apenas o pertencente aos privados. E estes fazem e desfazem, impondo rotas ao seu bel-prazer. Há quem prefira caminhar ao invés de esperar por um “chapa-100”, porque fica-se muito tempo nas paragens à espera de um carro. Outros tomam os “mototáxis” para chegarem cedo aos seus postos de trabalho ou outros locais.

Os quatro autocarros que, recentemente, foram introduzidos pelo Conselho Municipal de Nampula não abrangem o bairro de Namicopo. Não se conhecem as razões que ditaram a exclusão dos municípios daquela região da cidade.

Mesmo com um número reduzido de transportadores semiolectivos de passageiros, os operadores não trabalham até pelo menos 19 horas para servir as pessoas que largam tarde os seus postos de trabalho e os alunos do curso nocturno. Os mesmos alegam que o bairro não oferece segurança para o desenvolvimento da actividade durante o período da noite.

Por exemplo, muitos automobilistas são ameaçados e muitas vezes acabam por ser agredidos e desprovidos dos valores provenientes das receitas diárias. E para não arriscar a vida pelo emprego, optam por parar de circular muito cedo.



Criminalidade

Desde sempre, o bairro de Namicopo foi conhecido como uma zona residencial com mais casos de criminalidade, principalmente relacionados com agressões na via pública e assaltos nas residências. Nas suas incursões nocturnas, os malfeitores usam diversos instrumentos contundentes como catanas, machados, facas e outros. É arriscado circular nas ruas de Namicopo a partir das 19 horas. A maior parte dos ladrões que protagonizam assaltos nas residências, armazéns, e estabelecimentos comerciais a nível da cidade de Nampula reside no bairro de Namicopo. Os populares recolhem cedo e as autoridades policiais revelam-se inoperantes no combate a este mal.

Saneamento do meio ambiente

Ao longo das ruas de Namicopo é possível constatar que as mesmas estão a ser cobertas por depósitos de lixo em grande quantidade. Isso revela que o nível de consciencialização dos residentes é muito baixo, pois não obedecem às regras de saneamento do meio ambiente, aliado à falta de higiene individual e comunitária.

As autoridades comunitárias locais mostram-se preocupadas com a situação porque, segundo explica o secretário do bairro de Namicopo, as campanhas de limpeza promovidas têm registado uma fraca participação da população. O bairro não beneficia dos serviços básicos do Conselho Municipal, com destaque para a recolha dos resíduos sólidos. Em alguns pontos de referência

têm-se verificado com frequência problemas ambientais, porque não existem valas de drenagem. O acesso deficitário às vias públicas dificulta a entrada das máquinas da edilidade para fazer a recolha do lixo.



Abastecimento de água

Em Namicopo existe água canalizada, porém, as fontes instaladas não satisfazem a demanda, pois muitas são as pessoas que procuram aquele precioso líquido para as suas necessidades básicas. Algumas famílias possuem poços tradicionais de água nas suas habitações. A rede pública é sustentada por fontenários que servem para abastecer a população que não possui água canalizada. Algumas unidades comunais estão a registar sérias dificuldades relacionadas com o abastecimento de água, pois não possuem fontenários, muito menos água canalizada porque se trata de zonas recônditas.

Muhala

O surgimento do bairro de Muhala tem recordações amargas, porque os primeiros residentes estavam a ser ameaçados pela PIDE devido à falta de pagamento de impostos, sendo que preferiam fugir e não cumprir com o seu dever.

Em Muhala, que antigamente era habitado pela população proveniente dos distritos de Mogovolas, Mogincual, Moma, Angoche e do Posto Administrativo de Corane, no distrito de Meconta, há uma total falta de infra-estruturas, além dos problemas relacionados com condições de saneamento do meio ambiente. Neste momento, nota-se a presença de cidadãos oriundos da região dos Grandes Lagos. Actualmente, é habitado por 60.046 pessoas, segundo o último Censo da População e Habitação.



Problemas de água, saneamento do meio e vias de acesso

A população do bairro de Muhala, na sua maioria, não dispõe de água potável para o seu consumo e as necessidades diárias. Localmente existem 31 fontanários, dos quais 10 avariados. As comunidades percorrem distâncias estimadas em cinco a sete quilómetros para ter acesso ao precioso líquido.

O riacho de Muhala tem sido alternativa, onde milhares de pessoas buscam a água para todas as actividades caseiras. O saneamento do meio daquele bairro é precário. O lixo e a defecação a céu aberto são alguns dos vários problemas com que se debate. Os excrementos resultantes das necessidades biológicas são depositados naquele curso de água, perigando a saúde dos moradores.

O mercado de peixe está degradado e a limpeza é ineficaz, por isso há um cheiro nauseabundo por todos os lados. As unidades comunais 25 de Junho, Serra da Mesa e 1º de Maio é que estão ordenadas e as restantes encontram-se em estado deplorável.

As vias de acesso são precárias e na sua maioria são de terra batida, com excepção de algumas que estão a beneficiar de obras

Eleições Autárquicas

de pavimentação, trabalhos iniciados recentemente. Porém, a sua conclusão está a apresentar dificuldades. Aliás, há zonas onde não é possível circular de viatura nem de motorizada.

Saúde e Educação

A nível do bairro de Muhala não existe nenhuma unidade sanitária. Há tempos, o único hospital que existia deixou de funcionar e no local foi construído o mercado dos Belenenses. Nessa altura, havia um projecto de reabilitação, que não chegou a concretizar-se por razões até aqui desconhecidas.

A população local, quando precisa de cuidados sanitários, dirige-se aos postos e centros de saúde circunvizinhos. Uma parte recorre ao Hospital Central de Nampula, outra ao recém-construído Centro de Saúde de Muhala-Expansão e a outra ainda ao Centro de Saúde 1º de Maio para tratar eventuais doenças, com destaque para a malária e as diarreias que são muito frequentes.

Educação e criminalidade

No que diz respeito a infra-estruturas do sector da Educação, Muhala possui três escolas primárias e completas e duas secundárias. As autoridades comunitárias locais queixam-se da falta de estabelecimentos de ensino, pois a procura é enorme, porque as pessoas ganharam consciência da necessidade de estudar. As crianças e os jovens privam-se de se instruir devido à insuficiência de vagas. Há casos em que os alunos percorrem entre três e cinco quilómetros para aceder a uma escola.

O bairro de Muhala é considerado uma das piores zonas residenciais, apresentando sérios problemas de criminalidade, onde são frequentes casos relacionados com homicídios, roubos e ofensas físicas, incluindo assaltos a residências. Enquanto isso, os moradores apontam que alguns crimes se devem ao reflorescimento de locais de diversão nocturna, cujo controlo é incipiente por parte das autoridades.



Jardins e mercados

A Unidade Comunal Josina Machel já não possui locais para a implantação de mercados e espaços de recreação. Os parques, jardins e recintos desportivos foram relegados para último plano. Houve prioridade para a construção de residências e cedência de espaços para cidadãos estrangeiros e nacionais. Neste momento, destaca-se a existência do mercado dos Belenenses.

Na Unidade Comunal 25 de Junho foi iniciada a construção de um bazar com fundos do sector privado, mas as obras não terminaram por razões não explicadas, desde 2011. O tecto foi sacudido pelo vendaval e as paredes reduzidas a escombros. Não existe nenhuma esperança para os comerciantes locais.

Lourenço

Os residentes do bairro de Lourenço, uma unidade territorial da cidade de Nampula com características rurais, continuam a sonhar com um desenvolvimento em todas as áreas, começando pela prestação de serviços públicos básicos. A falta de hospital, escola, água e vias de acesso é parte do que constitui o dia-a-dia dos populares daquela zona residencial. Localmente, não existem realizações que possam constituir boas recordações da edilidade chefiada por Castro Namuaca.

Para chegar a uma unidade sanitária, Fátima de Jorge, de 34 anos de idade, diz que percorre mais de 10 quilómetros até à zona de



cimento da cidade de Nampula, porque em Lourenço não existe nenhum hospital para assistir a população. Há quem diga que os residentes daquela zona estão entregues à sua própria sorte. No que diz respeito aos cuidados sanitários, as mulheres são as principais vítimas do abandono a que os moradores estão sujeitos. O Centro de Saúde 25 de Setembro e o Hospital Geral de Marrere são as únicas unidades sanitárias próximas de Lourenço. O caminho é estreito e passa pelo meio de uma mata, ou seja, atravessa uma zona ainda não habitada.

Não existe transporte público de passageiros. As pessoas correm o risco de ser agredidas por malfeitores que se servem daquelas matas como esconderijo. Aliás, há casos de agressões que são reportados pelas autoridades comunitárias locais. Os partos institucionais são coisas de outro mundo. Até parece que as famílias de Lourenço vivem há centenas de quilómetros da capital provincial. No período nocturno, é difícil e ao mesmo tempo arriscado sair de casa para se dirigir ao hospital, além de que não há transporte de passageiros para o efeito.

Abastecimento de água

Quando se fala de serviços básicos, pode-se afirmar que os residentes de Lourenço estão a viver ao deus-dará, porque falta o essencial para se ter uma vida normal. A água que é usada para vários fins, incluindo para o consumo e confeccionar alimentos, é imprópria. O precioso líquido é obtido a partir do riacho que se localiza nas redondezas, sob todos os riscos de saúde que a situação representa.

Neste contexto, é inquestionável o surgimento de doenças diarreicas e outras enfermidades provocadas pela falta de observância das regras elementares de higiene. As autoridades do bairro afirmam que as diarreias, dores de cabeça, malária e sarna são as principais doenças que se registam com frequência.

A vida em Lourenço tem características rurais, porque os residentes estão, naturalmente, desligados dos acontecimentos típicos da cidade. Por exemplo, o fornecimento da corrente eléctrica é uma miragem. A criminalidade tende a ganhar contornos alarmantes, em parte, devido ao uso daquela zona como esconderijo por parte dos malfeitores. Em 2010, um grupo de raptos instalou o seu cativeiro no bairro de Lourenço, para onde levaram o filho de um empresário, proprietário de uma das estâncias hoteleiras e de um centro comercial na cidade de Nampula.



Vias de acesso

A questão das vias de acesso constitui um calcanhar de Aquiles para os moradores do bairro de Lourenço, porque as estradas são muito estreitas. José Afonso, de 27 anos de idade, é um pequeno empresário que revende produtos adquiridos nos estabelecimentos comerciais da cidade. Segundo conta, "não tem sido fácil passar com a minha mota para chegar na minha casa, uma situação que exige muita ginástica". O desordenamento territorial é um facto. Talvez seja por isso que a população não beneficia dos serviços básicos como, por exemplo, canalização de água potável e energia eléctrica.



Energia eléctrica

A chegada da corrente eléctrica no bairro de Lourenço constitui um insulto aos residentes locais, porque não está a beneficiar a população. Apenas em duas instalações é que foi instalada a corrente eléctrica, sendo uma fábrica de bolachas e uma residência, supostamente pertencente a um cidadão financeiramente estável.



Eleições Autárquicas

FIRlimo e Polícia ao serviço da Frelimo durante as eleições

11/26/2013 15:41 by @Verdade jornal

Na sexta-feira passada (22), a Polícia da República de Moçambique em Gúruè, na província da Zambézia voltou a recorrer, desnecessariamente, à força, e matou a tiro dois adolescentes, dos quais um rapaz de 15 anos de idade e uma menina de 17 anos, que acompanhavam um grupo de cidadãos que contestavam a vitória supostamente fabricada do candidato da Frelimo, Janguir Ussene, nas eleições da última quarta-feira (20). É naquela autarquia, onde a população já havia prometido não votar na Frelimo, assim como em Mocuba, após o término da contagem de votos do MDM e os seus candidatos constam como vencedores e os municípios estavam atentos a esses resultados ao mesmo tempo que já contavam vitória a favor do partido de Daviz Simango.

11/22/2013 17:59 0200 by @Verdade jornal

Os Membro das Mesas de Votos foram obrigados pela polícia, que disparou mais de vinte tiros reais, a saírem do recinto do STAE no bairro de Bagamoio.

11/22/2013 18:04 by @Verdade jornal

O tom das celebrações da vitória de Manuel de Araújo e do MDM, em Quelimane, terão de baixar. O porta-voz da Polícia da República de Moçambique, na Zambézia, Ernesto Serrote, informou que "a polícia não vai tolerar qualquer manifestação" de simpatizantes do partido de Daviz Simango e do candidato reeleito.

11/22/2013 17:57 by @Verdade jornal

Temos informação que a polícia acabou de chegar ao STAE, que funcional na Associação das Mulheres Viúvas no bairro do Bagamoio, no município de Maputo, e está a tentar dispersar os Membro das Mesas de Votos com tiros de balas reais.

11/22/2013 13:58 @Verdade jornal

Na vila municipal de Marromeu, cinco membros do MDM estão detidos no Comando Distrital local por contestarem os resultados que dão vitória à Frelimo e seu candidato nas eleições da quarta-feira passada.

11/22/2013 13:56 @Verdade jornal

Na vila municipal de Marromeu, cinco cidadãos foram evacuados para o hospital devido à intoxicação em consequência do lançamento do gás lacrimogénico pela Polícia na manhã desta sexta-feira numa manifestação de contestação dos resultados parciais que dão vitória à Frelimo. Das vítimas fazem parte uma crianças e cegos. Este foram intoxicados quando pediam esmola localmente.

11/22/2013 13:34 @Verdade jornal

Na vila municipal de Gorongosa, um cidadão foi detido pela Polícia na manhã desta sexta-feira numa manifestação de contestação dos resultados parciais que dão vitória à Frelimo.

11/22/2013 13:45 @Verdade jornal

Em Marromeu, na província de Sofala, a vida está parada desde a manhã desta sexta-feira. Pese embora sem causar vítima, a FIR disparou balas verdadeiras quando dispersava os cidadãos que manifestavam contra os possíveis resultados que dão derrota ao candidato do MDM naquela urbe.

O pânico é generalizado, segundo os cidadãos daquela cidade, devido aos disparos da FIR. Pouca gente se faz à rua devido ao medo de ser atingido por balas.

11/22/2013 13:44 @Verdade jornal



Segundo o jornal Diário da Zambézia a FIR baleou na manhã desta sexta-feira, mortalmente um cidadão na cidade de Mocuba, por sinal membro do MDM que manifestavam contra os possíveis resultados que dão derrota ao candidato do MDM naquela cidade.

11/21/2013 22:22 @Verdade jornal

No início da tarde desta quinta-feira (21) a polícia disparou tiros reais para o ar e gás lacrimogénico para dispersar simpatizantes do MDM no município do Gúruè. O rastilho para este incidente teve início cerca das 14 horas, quando o partido Frelimo e o candidato Jahanguir Hussene começaram a comemorar a vitória, desfilando ruas do município. Nessa altura os simpatizantes do MDM estavam nas instalações do STAE onde exigiam a recontagem dos votos sob pena de vandalizarem o local. Uma hora mais tarde quando a caravana do partido Frelimo passou pelo local, onde entretanto havia chegado a Polícia, os simpatizantes do MDM barraram a passagem da caravana o que gerou confrontos. A polícia entrevistou e acabou com os confrontos. Três cidadãos ficaram feridos, dois levaram tiro na perna e o outro foi ferido por uma bala de raspão na cabeça. Dois agentes da polícia também ficaram feridos.

11/21/2013 20:32 @Verdade jornal



YOUTUBE.COM

Agentes da FIR a dispararem contra simpatizantes do MDM que faziam uma marcha comemorativa da vitória de Manuel de Araújo, nesta quinta-feira (21) no município de Quelimane. O edil reeleito estava na marcha festiva e ao seu lado estava o jovem músico Toni de Azevedo que foi assassina-

do com uma bala na cabeça, disparada por um agente da FIR.

11/21/2013 19:29 @Verdade jornal

Temos ainda o relato do Abel Salimo que foi atingido de raspão por um tiro na região do estômago quando tentava proteger-se das investidas dos agentes da FIR que dispararam indiscriminadamente sobre um grupo de simpatizantes indefesos do MDM, que apenas celebravam a vitória do seu candidato.

11/21/2013 19:33 @Verdade jornal

Toni de Azevedo é o nome do jovem que esta tarde foi baleado mortalmente pelas FIR no bairro do Chirangano, no município de Quelimane. Entretanto esta manhã, cerca das 9 horas, no Bairro de Inhangome um menor de oito anos, identificado pelo nome de Jaimito Lucas, perdeu a vida na sequência de disparos também de agentes das FIR. Nesse incidente vários outros municípios ficaram feridos e estão a receber tratamento no Hospital Provincial de Quelimane. Sobem assim para cinco as vítimas mortais da FIR nas últimas 24 horas em Quelimane.

11/21/2013 19:05 @Verdade jornal

Segundo o jornal CanalMoz a Força de Intervenção Rápida (FIR) assassinou na tarde desta quinta-feira (21) um cidadão que estava na "caravana da vitória" de Manuel de Araújo e do Movimento Democrático de Moçambique (MDM). Tudo aconteceu quando a longa caravana que está a fazer uma passeata em Quelimane a saudar a vitória de Manuel de Araújo passou pela frente da casa do Governador da Zambézia, que é membro da Frelimo. A FIR que está de guarda na residência do Governador simplesmente abriu fogo contra a caravana e assassinou um cidadão com um tiro na cabeça.

11/23/2013 23:12 @Verdade jornal



A Polícia da República de Moçambique em Angoche alvejou a tiro um cidadão identificado pelo nome de Essumaila Assane Babar, neste momento internado no Hospital Rural de Angoche, desde a noite desta quarta-feira (20), dia da votação. Alguns membros da Frelimo e os órgãos de comunicação controlados pelo Governo propagam que a votação decorreu de forma ordeira, segundo os cidadãos de Angoche, para quem isso não passa de uma mentira porque houve vários casos de tortura, detenções e disparos.

11/21/2013 16:16 @Verdade jornal

Em Milange, a Polícia da República de Moçambique (PRM), que segundo os cidadãos repórteres devia passar a chamar-se Polícia do Partido Frelimo (PPF), recorreu, nesta quarta-feira (20), à violência para impedir os eleitores de permanecerem nas proximidades dos postos onde foram exercer o seu dever cívico, para controlar, também, a contagem de votos. Durante 15 a 20 minutos houve disparos para o ar, os quais deixaram muita gente em pânico. O pavor continuam. Os residentes dos prédios esconderam-se devido ao medo de serem atingidos por balas perdidas. Aliás, um jovem foi atingido no braço direito. Presume-se que tenha sido ferido por uma bala perdida.

11/23/2013 23:13 @Verdade jornal



Numa altura em que se vai conhecendo os resultados parciais destas eleições em vários municípios chega-nos a confirmação da morte de três municípios de Quelimane, assassinados pelas Forças de Intervenção Rápida. Duas das vítimas eram jovens e a terceira vítima é uma criança. Verificamos ainda a existência de 18 municípios feridos no Hospital Provincial de Quelimane. Nesta altura importa recordar que ainda antes do início da campanha a chefe da brigada central do Partido Frelimo a estas eleições na Zambézia, que também é Presidente da Assembleia da República e membro da Comissão Política do Partido Frelimo, Verónica Macamo, afirmou que o partido Frelimo tinha de vencer "nem que para isso seja preciso correr sangue". O sangue já está a correr!

11/20/2013 21:05 @Verdade jornal

No município de Mocuba, na assembleia de voto na Escola Secundária de Mocuba, a Polícia e agentes da FIR lançaram gás lacrimogénico e dispararam para o ar depois do encerramento das mesas para dispersar a população que estava na entrada do local para vigiar a contagem dos votos. A polícia disparou para abrir caminho a uma carrinha de caixa aberta carregada de caixas cobertas por lona, que se desconfiam ser urnas com votos à favor do partido Frelimo. Houve muita tensão mas a carrinha acabou por entrar.

11/20/2013 19:51 @Verdade jornal

Eleitores que ficaram a proteger os seus votos na ESG Mondlane, no município de Quelimane estão a ser violentamente retirados do recinto da escola por agentes polícia e da FIR. Além de estarem "chamboquear" os cidadãos, mulheres incluídas, foram disparados tiros para o ar. O ambiente é de tensão porque também estão a ser retirados do posto, onde decorre a contagem, os delegados de candidatura do MDM.

11/20/2013 23:20 @Verdade jornal



Vítimas da FIR na Escola 17 de Setembro, no município de Quelimane, onde com outros eleitores vigiavam a contagem do votos.

11/20/2013 23:48 @Verdade jornal

Depois da retirada das urnas, há cerca de 4 horas, antes da contagem, na EPC de Icídua, no município de Quelimane, por alegada falta de segurança dos membros das mesas, devido a afluência de eleitores para o local há pouco tempo a polícia trouxe de volta as urnas e os membros do posto para que a contagem tenha início.

11/20/2013 23:18 by @Verdade jornal



#autarquicas2013, vítimas da violência da FIR em Quelimane. Uma criança de cinco meses ficou afectada pelo gás lacrimogénico. Foi um dia de azar para uma criança de cinco meses que passeava com pai por causa do calor que se registava em Quelimane. A criança aguarda assistência médica no Hospital Provincial de Quelimane com mais seis adultos que sentiram na pele o bastão da FIR.

11/20/2013 19:04 @Verdade jornal

Em Icídua eleitores que após votarem permaneceram nas cercanias do posto de votação viram urnas cheias de votos a chegarem e manifestaram-se. Agentes da FIR dispararam pelo menos cinco tiros para o ar.

11/20/2013 20:18 @Verdade jornal



Autarquicas2013 Angoche gas FLICKR.COM
Polícia dispara gás lacrimogénico contra eleitores que vigiavam os seus votos na EPC de Farlahi no município de Angoche.

11/20/2013 20:08 @Verdade jornal

Polícia dispara gás lacrimogénico contra eleitores que vigiavam os seus votos na EPC de Farlahi no município de Angoche.

11/20/2013 20:35 @Verdade jornal

No município de Catandica, na província de Manica, agentes da PRM detiveram um membro do MDM numa das assembleias de voto. Nos municípios de Nhamatanda e Gorongosa, foram detidos 12 delegados de candidaturas do Movimento Democrático de Moçambique (MDM), dos quais sete em Gorongosa, cinco em Nhamatanda e nenhum em Marromeu. O delegado político provincial da MDM, Luis Inácio, disse que as detenções aconteceram porque os membros do seu partido estavam a exigir transparência na contagem de votos. Enquanto isso, os delegados políticos suplentes foram escorraçados das assembleias de voto pelos agentes da PRM.

11/20/2013 21:01 @Verdade jornal

Na Escola Secundária do Chókwe o efectivo policial foi reforçado, com 15 agentes, que chegaram e detiveram os delegados de mesa do MDM que estavam a assistir a contagem dos votos. A contagem prossegue apenas com a presença dos membros do STAE e delegados de mesa do partido Frelimo. O 1º secretário do partido Frelimo e o deputado Danilo Ragú estavam no local com os agentes da polícia.

11/20/2013 16:27 @Verdade jornal

Nas mesas 09009803, 69009802 e 09009801, no Bairro de Chimundo, o chefe do policiamento comunitário, Armando Macuácuva parou com algemas na porta de entrada à sala de votação e agitou a população. Por volta de 10 horas houve confusão no local, mas a situação já está regularizada.

11/20/2013 16:25 @Verdade jornal

O jornalista do CIP/ AWEPA em Chibuto diz que esta tarde houve mais três detenções de delegados de candidatura do MDM.

11/20/2013 16:24 @Verdade jornal

Segundo o CIP/ AWEPA, na mesa 9009702, Bairro Samora Machel, município de Chibuto, dois delegados de candidatura do MDM foram detidos esta manhã pela Polícia, acusados de ser portadores de credenciais doutras pessoas. Segundo o jornalista do CIP/ AWEPA, em Chibuto, os detidos são Blatazar Fernando Wate e João Abel Cossa. Não foi possível ouvir a versão destes porque já recolheram às celas.

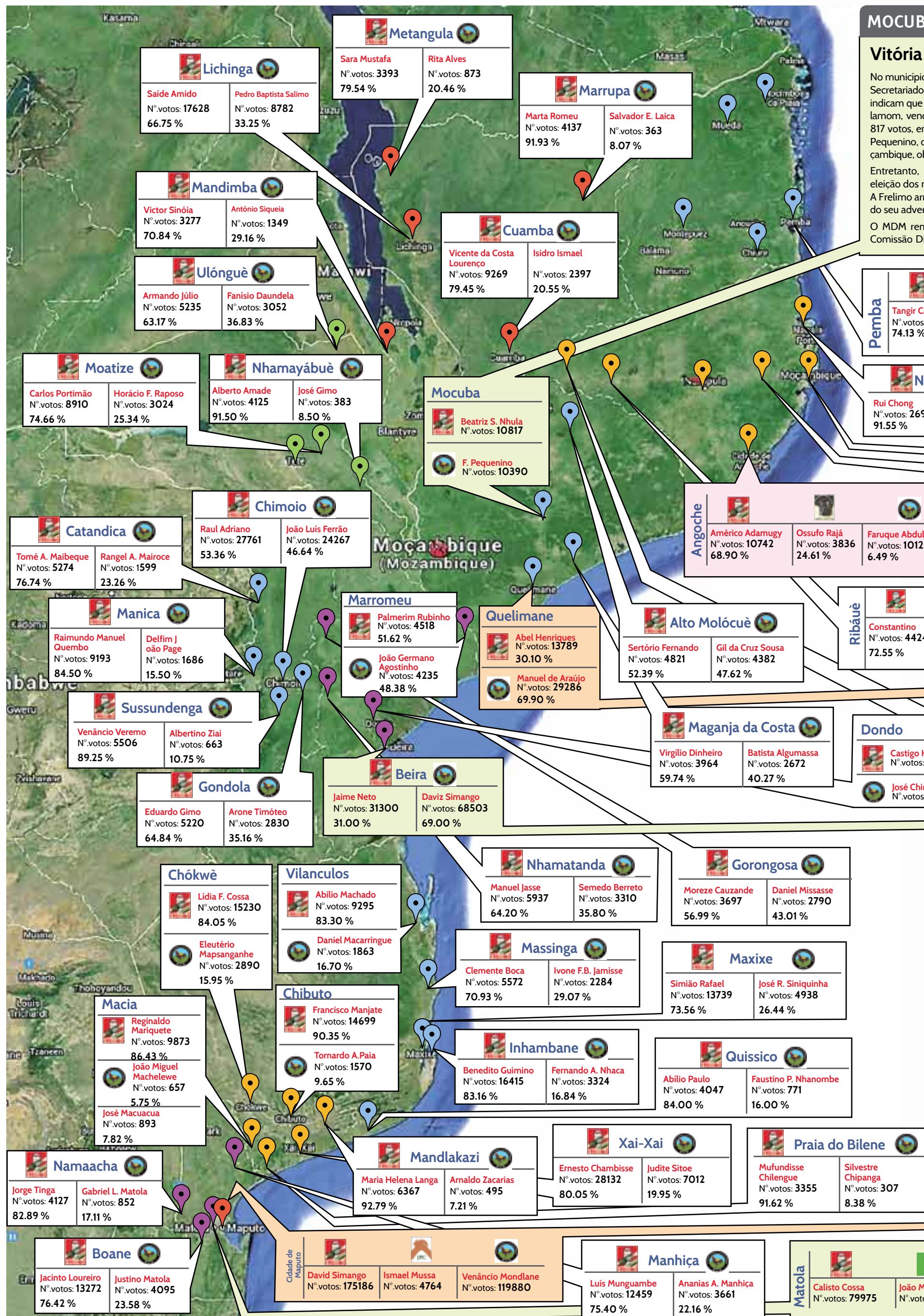
11/20/2013 13:44 @Verdade jornal



A Polícia da república de Moçambique está ao serviço do partido Frelimo no município de Angoche. Um delegado de mesa, do partido AS-SEMONA, surpreendeu um eleitor a introduzir trinta boletins de votos preenchidos à favor do partido Frelimo, e do seu candidato, numa urna na EPC Ingúri.

Feita a denúncia a polícia levou o cidadão que cometia a fraude e o denunciador para a esquadra onde o Comandante mandou sair rapidamente quem cometia a fraude mas reteve o membro da mesa. Graças a intervenção de outros observadores independentes o membro da mesa foi restituído a liberdade.

Eleições Autárquicas



Eleições Autárquicas

O fracasso dos gigantes

A Frelimo viveu duas situações distintas nas últimas duas eleições em Quelimane. Perdeu as primeiras porque, diziam, apresentou um candidato desconhecido e pouco conversador, nas segundas virou o disco e optou por um filho da terra e bastante falador, mas voltou a saborear o sabor amargo da derrota. Enquanto movimentava os grandes nomes do partido para equilibrar a balança, a Frelimo vê como a agitação das águas do descontentamento popular leva o partido rio dos bons sinais abaixo.

Texto: Rui Lamarques

Após a divulgação dos resultados eleitorais autárquicos de 20 de Novembro, ficámos a saber que Manuel de Araújo iria – finalmente – dirigir os destinos de Quelimane com “verdadeiro” poder. Resulta penoso observar como um partido como a Frelimo, tão dotado para o malabarismo político, deu um tiro no próprio pé e desenhou uma estratégia irrelevante para recuperar a cidade “perdida”. Investiu muito e, no final, recolheu uma mão cheia de nada. A história do fracasso da Frelimo em Quelimane terá, sem dúvida, um livro ou uma pequena crónica onde se destacará um manancial de erros e brilharão, como nunca, a ambição e a deslealdade de militantes pequenos. É que, de qualquer forma, todos os gurus que saíram de Maputo como “experts” em dar a volta por cima fracassaram rotundamente nos seus intentos. Inclusive Verónica Macamo.

“Quelimane não é uma terra de escravos”, sintetizou um jovem no dia de votação. O pronunciamento revela que Araújo – apesar de Quelimane estar livre de buracos – não carecia de uma grande folha de serviços para reconquistar o poder. A degradação da cidade, no “reinado” de Pio Matos, está bastante viva no imaginário dos quelimanenses. Ou seja, a Frelimo não confeccionou, durante o período que governou a urbe, obra alguma digna de servir de máscara eficaz de algum trabalho para recuperar o crédito na terra dos *chuabos*.

Vai levar tempo para a Frelimo compreender que no contexto de Quelimane, nem Paúnde, nem Verónica Macamo representam uma mais-valia. Os que votaram e deram vitória ao candidato do MDM acreditam mais em Pio Matos do que em Verónica Macamo, uma ilustre desconhecida no imaginário dos munícipes dos bairros periféricos de Quelimane. Até nas mesas onde votaram as pessoas mais instruídas, as grandes figuras na hierarquia da Frelimo que saíram de Maputo foram esvaçadas do seu peso político com uma derrota nas urnas esclarecedora.

O sistema de drenagem e os semáforos colocados em pontos estratégicos da cidade foram objecto de discussão durante a campanha. O governador da Zambézia reivindicava a obra para o seu partido e usou uma metáfora que virou anedota nos bares de Quelimane. Dizia o bom do dirigente que um homem não pode exigir como seu fruto uma criança que nasce nos seus primeiros seis meses de união com uma mulher. Como quem diz que a gravidez é do antecessor. Araújo respondeu nos seguintes termos: “Se um homem ficou 38 anos com uma mulher e ela não fez filhos e eles acabaram por se separar não é justo que nove meses depois de a senhora arranjar um jovem bonito e conceber que o anterior esposo diga que o recém-nascido é seu”.

Efectivamente, a campanha decorreu em torno do novo sistema de drenos e dos semáforos. Parece pouca coisa, mas não é para uma população que esperava pelos fins-de-semana para levar os filhos menores a passear e admirar a inovação nunca antes vista naquelas bandas, como também padecia sempre que a água das chuvas decidisse cair nos bairros de Quelimane. Simbolicamente, Manuel de Araújo representa a solução dos problemas dos cidadãos.

Ponto à parte merece o cambalacho a que parece se haver habituado o partido no poder cada vez que re-



compõe o *puzzle* dos candidatos que devem conquistar votos e ganhar eleições em terrenos difíceis. A necessário mudança discursiva queda repetidamente, reduzida à paródia mecânica de alterar rostos para dizerem as mesmas coisas de sempre. E, mais uma vez, a troca de rostos sem, repito, mexer na substância acarreta consequências difíceis de explicar. Fico à espera, com atenta expectativa, de como a liderança do partido no poder vai explicar aos seus membros que foi o maior perdedor deste processo eleitoral. Aliás, perdeu o partido e também a própria democracia.

O discurso da PRM e o sangue dos inocentes

O aspecto, quicá, mais notável da crise de popularidade da Frelimo em Quelimane é a reacção da Polícia à presença dos jovens ao redor dos postos de votação, alguns dos quais pagaram o preço da intolerância política com o seu próprio sangue. Não vou, contudo, entrar numa valoração detalhada dos méritos e defeitos da PRM. Mas a forma quase humilhante e criminosa com que tratou o candidato a edil de Quelimane pelo MDM serviu para espicaçar a revolta dos jovens. Com efeito, o acto (in)consciente de repressão, que os quelimanenses interpretaram com uma afronta à vontade popular, construiu o caixão de Abel Albuquerque e do seu partido no dia 20 de Novembro.

Abel Albuquerque sai destas eleições com a amarga lição do valor de algumas lealdades políticas de plástico. Ou seja, os que gritavam o seu nome de dia nas ruas da urbe e diziam “avante camarada” na protecção da cabine de voto voltaram a espetar facas na auto-estima do seu partido. É preciso compreender que Abel Albuquerque sofreu uma derrota bem mais pesada do que aquela que vexou Abubacar Bico há dois anos. Cada um, claro, é fruto do seu tempo e contexto. O que se pode depreender da derrota da Frelimo é que a génese do insucesso não reside no rosto do candidato, mas na descrença dos munícipes de Quelimane em relação ao partido. Mesmo que apresentasse Manuel de Araújo como candidato, em futuras eleições, a Frelimo perderia copiosamente.

A bandeira de Icidua

A estrada de terra batida que sai do centro da cidade de Quelimane até o bairro de Icidua continua estreita e intransponível para os residentes da cidade de cimento. Apenas por motivos humanitários as pessoas atravessam a pequena ponte de madeira que anuncia a desgraça que mora naquela bairro. E através dessa porta entreaberta chega algum socorro aos residentes da mais pobre circunscrição daquela urbe, onde permanecem bloqueadas milhares de pessoas abraçadas pela pobreza.

“Icidua é uma espécie de porto de passagem entre a pobreza, de um lado, e a possibilidade de prosperidade, do outro lado da ‘grande’ cidade”, explica um funcionário da autarquia local, mas não reúne as mínimas condições sanitárias para ser o *habitat* de famílias de forma permanente, porque, inclusive, carece de água potável. Trata-se de famílias com muitos filhos, que necessitam de cuidados e que não deviam viver ali. Quase todas as crianças estão duplamente doentes: para além das infecções respiratórias e uma epidemia de cólera, a maioria sofre de desnutrição crónica.

Contudo, as autoridades municipais falam de melhorias e de campanhas de arrecadação e distribuição de material escolar. O edil de Quelimane compreende que a melhor via para “fintar” a pobreza é a educação. Com cerca de 10 mil habitantes ao largo de uma terra imprópria para a agricultura, os problemas multiplicam-se em Icidua. As bombas de água que foram montadas no local, com um financiamento de 20 mil dólares do governo alemão, representam uma melhoria significativa. Porém, insuficiente para suprir as necessidades de cerca de 10 mil habitantes.

Aqui as pessoas acordam e procuram o imprescindível para viver. Imprescindível é um posto de saúde sem medicamentos e uma escola a cair aos pedaços. “Fazemos o que podemos para sobreviver”, lamentava um adulto com duas crianças a seu cargo. “Mas não podemos continuar assim por muito tempo. Não temos os medicamentos de que precisamos e a comida que damos às crianças não é a adequada. Até a água com a qual cozinhamos e nos lavamos é imprópria. Somos os mais pobres de Quelimane”.

A pobreza não impede que se mantenha a tradicional hospitalidade dos quelimanenses. Muitos convidam-nos para entrar nos seus modestíssimos aposentos, para

que comprovemos, com os nossos olhos, a sua precariedade. Inclusive dão-nos a provar um cozinhado de peixe preparado com talos de repolho e um cebola chocha.

Os problemas crescem e multiplicam-se em cada dia sobre a mesa do edil de Quelimane, entidade na qual estão depositadas as esperanças de dias melhores dos residentes daquele inferno. A ele recorrem expondo necessidades e problemas pessoais, sem que disponha dos meios necessários para resolver todos os problemas. “Os nossos meios não chegam para tudo, mas Icidua já não é o que era. Muita coisa mudou e há dois anos se perguntássemos aos residentes se teriam água potável aqui eles não acreditariam”.

O número de crianças que morriam de desnutrição crónica, em Icidua, parou de crescer, embora existam dados que indiquem outra direcção. Os registos de há dois anos falava de 40 mortos em cada 200 crianças. As autoridades municipais apresentam números muito mais baixos. O sector da saúde no local indica cerca de 15 nos tempos que correm. Tanta disparidade acontece porque se trata de estimativas que as circunstâncias tornam forçosamente imprecisas. “Nada é pior do que a morte de crianças porque supõe alterar o curso normal da vida”, sentencia uma idosa que perdeu cinco netos por causa da desnutrição crónica. Curiosamente, neste espaço onde a miséria graça, mas já é possível sonhar com o futuro melhor, o qual é associado ao actual edil, a Frelimo e o seu candidato ganharam em todas as mesas. Contudo, importa salientar que as urnas andaram à boleia da FIR...

Teste do VIH causa terror entre adolescentes do Zimbabwe

Natalie Mlambo, de 17 anos, tem duas boas razões para fazer o teste do HIV, já que mantém relações sexuais sem protecção com os seus dois namorados. Um é companheiro da escola secundária e o outro, mais velho, trabalha num banco e dá-lhe pequenos presentes e dinheiro em troca de sexo. “Deito-me com os dois”, disse Mlambo à IPS. E contou que, como mantém relações sexuais exclusivamente com eles, deixou de usar preservativos.

Texto: Jeffrey Moyo/ IPS • Foto: AFP

Contudo, Mlambo (nome fictício a pedido da fonte) tem horror ao teste do VIH. “É melhor ficar na escuridão do que saber que estou diante da morte. O tratamento não elimina a doença”, afirmou referindo-se à SIDA causada por esse vírus. Ela cursa o último ano da escola secundária no subúrbio densamente povoado de Kuwadzana, em Harare, e não é a única a ter múltiplos parceiros sexuais, nem o seu horror pelo VIH.

Essa resistência adolescente ao teste do VIH é um assunto quotidiano para Felicia Chingundu, activista do grupo de apoio em VIH/SIDA em Shingai Batanai de Masvingo, cidade que fica 300 quilómetros a sudeste de Harare. Porque os adolescentes não fazem o teste? “Os adolescentes têm condutas sexuais de risco mas são pouco vistos nos centros de exames”, garantiu Chingundu à IPS.

Na vizinha Zâmbia, as jovens entre 15 e 19 anos mencionaram o medo pelo resultado entre os motivos para não fazer o teste do VIH, ao responderem à pesquisa Comportamento Sexual, de 2010, que apresentava opções múltiplas. As entrevistadas seleccionaram o medo de conhecer o resultado (58%), medo da depressão e do suicídio (27%), medo do estigma (24%), medo de morrer mais rapidamente (24%), e não estar em risco de contrair o VIH (12%), como razões para não fazerem o exame.

O Zimbabwe aplicou sólidos programas de prevenção na década de 1990, aos quais se atribui ter baixado a



incidência do VIH/SIDA de 24% em 2001 – uma das maiores do mundo – para menos de 15% em 2012, segundo o Programa Conjunto das Nações Unidas sobre VIH/SIDA (Onusida). A população está sensibilizada face à pandemia, mas uma cascata de crises políticas e económicas posteriores a 2000 reduziu numerosos planos anti-SIDA nesse país de 12,5 milhões de pessoas, no sul de África.

Mais de metade dos jovens entre 15 e 24 anos têm conhecimento amplo sobre a SIDA, segundo a Pesquisa de Saúde Demográfica de 2011. A cifra é superior à média na região, mas o conhecimento não se traduz necessariamente em acção. O Ministério de Saúde Pública implantou centros móveis que visitam escolas e clínicas para realizar os testes. Mas os jovens dizem que estes não estão desenhados para eles.

“A maioria dos adolescentes não vai a esses lugares porque diz que estão cheios de adultos”, afirmou Mavis Chigara, coordenadora da Rede de Jovens Contra a SIDA no distrito de Mwenezi, na província de Masvingo. Em 2012, a sua organização pesquisou 12.500 jovens da área e apenas 5% haviam feito o teste de VIH. “Os testes equivalem a uma sentença de morte e tomar anti-retrovirais é um peso para toda a vida”, afirmou Terrence Ghangara, um jovem de 19 anos de Highfield, um bairro de baixa renda de Harare.

O estigma desempenha um papel importante. Os nichos de discriminação persistem apesar dos programas de tratamento e das campanhas de informação maciça contra a pandemia. “Os meus namorados fazem piada das pessoas com VIH/SIDA”, ressaltou Mlambo. Na sua opinião, essa atitude indicaria que não estão afectados pela SIDA, porque do contrário seriam mais benévolos.

A Pesquisa de Saúde Demográfica de 2011 encontrou taxas de incidência pró-

ximas de 4% nos homens jovens e de pouco mais de 6% nas mulheres jovens. Os dados do censo nacional estimam em 3,1 milhões a população de 15 a 24 anos. Os testes podem meter medo, e contar a um conselheiro que manteve relações sexuais de risco pode causar vergonha, mas as vantagens são muitas.

“É importante que os jovens conheçam o seu estado quanto ao VIH, já que lhes permite iniciar um tratamento precoce e melhorar a sua saúde”, enfatizou Judith Sherman, especialista em VIH/SIDA do Fundo das Nações Unidas para a Infância no Zimbabwe. “Nos adolescentes mais velhos, reduzirá o risco de transmitir a doença a outra pessoa. Por fim, ajuda os jovens que não têm VIH a manterem-se livres da infecção”, acrescentou.

Apesar do medo, quatro em cada dez mulheres sexualmente activas de 15 a 19 anos disseram ter feito o teste de VIH nos últimos 12 meses, segundo a Pesquisa de Saúde Demográfica. Uma razão frequente para fazê-lo é que as jovens ficaram grávidas e fazem exames pré-natal. “Os adolescentes raramente fazem o teste do VIH. Precisam de muito apoio para fazer isso”, afirmou Mandy Chiwawa, conselheira em SIDA de Harare.

Entretanto, mais pessoas de 15 a 24 anos fazem o teste, em comparação com a Pesquisa de Saúde Demográfica de 2006. A percentagem de homens jovens sexualmente activos que o fizeram triplicou até 23%, enquanto o número de mulheres quintuplicou até 45%. A média em África cai para 22% entre as mulheres e 14% entre os homens. Resta um longo caminho a percorrer e muitas Mlambo que precisam de ajuda para superar o medo, mas a tendência é animadora.

Na Costa do Marfim faltam anti-retrovirais e sobra estigma

No centro de saúde da comunidade de Cocody-Anono, no sudeste da capital económica da Costa do Marfim, Abidjan, Bertine Bahi (nome fictício a pedido da fonte) assiste a um curso sobre prevenção da transmissão do vírus VIH de mãe para filho. Um exame de VIH (vírus causador da SIDA) apresentou um resultado positivo quando Bahi estava grávida de três meses. Em Outubro, essa mulher de 32 anos já estava no quinto mês de gestação e ainda não havia contado a sua situação ao marido.

Texto: Fulgence Zambé/IPS

“Apesar dos conselhos da parteira, é difícil contar ao meu marido. Se o fizer, há-de pôr-me fora de casa. Agora, quando consigo medicamentos anti-retrovirais tomo às escondidas”, afirmou Bahi. A Suzanne Asseman (nome fictício a pedido da fonte), trabalhadora doméstica, de 37 anos, que vive em Agboville, sul do país, disseram que tinha VIH em Junho de 2012. Ela tem de viajar 80 quilómetros para chegar a Abidjan, onde recebe os remédios que a mantêm saudável. Isto não é fácil, porque Asseman está grávida de sete meses. Quando obteve os comprimidos anti-retrovirais em Outubro, havia perdido cinco semanas de tratamento. Esses remédios devem ser tomados diariamente, pois do contrário não são efectivos. Asseman sempre teve que esperar uma ou duas semanas para receber a sua medicação, mas dessa vez a espera foi mais longa. Agora tem dúvidas sobre o tratamento. “Eu era reticente em receber anti-retrovirais. Como vivo longe, o remédio acaba quando chega lá. Penso que é melhor deixar de tomar do que dar todas essas voltas”, explicou à IPS.

Rolande Yao, trabalhador social no Centro de Prevenção de Transmis-

são Mãe-Filho, da localidade de Attécoubé, acredita que o estigma está a aumentar e que as frequentes alterações no fornecimento de anti-retrovirais criam ainda mais dificuldades às pacientes. Três em cada dez grávidas que vivem com o vírus na Costa do Marfim não fazem o curso preventivo, informa o Programa Conjunto das Nações Unidas sobre VIH/SIDA (Onusida) no seu Informe de Progresso Global sobre a SIDA 2013.

Os exames de VIH em grávidas têm repercussões nas relações do casal. “Quando um homem sabe que a sua mulher é VIH positiva, costuma suspeitar de que lhe é infiel. Pode negar-se a submeter-se ao exame ou rejeitar a mulher”, contou Yao. Sete em cada dez mulheres são rejeitadas, estima. Apesar da intervenção do pessoal médico, há muitos maridos que se negam a que elas regressem. O medo da rejeição empurra as grávidas seropositivas a mudar de centro de saúde ou a manter o silêncio. Outras são perdidas pelo sistema médico, simplesmente ignorando os cuidados pré-natais, arriscando-se a transmitir o vírus aos seus bebés. Segundo Cyriaque Ako, coordenador do projecto M2C (siglas que se referem à expressão “mãe e filho”, em inglês), em muitos desses casos as mulheres procuram curandeiros tradicionais.

A M2C trabalha em Yopougon, a comunidade mais povoada do país, perto de Abidjan, onde as mulheres preferem os curandeiros e muitas não ouviram falar dos programas de prevenção da transmissão mãe-filho, disse Ako. O projecto, que vai para o seu segundo ano, pretende vincular as mulheres de 15 mil lares pobres a centros de saúde e de exames de VIH. A prevalência desse vírus é de 3,2% nesse país da África ocidental de 20 milhões de habitantes, que se esforça para conter a epidemia e dar assistência às 450 mil pessoas que, segundo a Onusida, vivem com o VIH. Já são visíveis alguns avanços modestos. A Onusida

destaca uma redução na quantidade de crianças que se infectam em cada ano: eram 6.700 em 2009 e cinco mil em 2012. “Está a baixar, mas não com a velocidade necessária”, afirma o Informe de Progresso Global. Entretanto, organizações não governamentais que se dedicam a combater a SIDA queixam-se de que, desde o fim da crise pós-eleitoral entre 2011 e 2012, as pessoas com VIH parecem ter sido abandonadas, o que se nota nas reiteradas alterações no fornecimento de anti-retrovirais. Uma das principais causas da escassez é o colapso sofrido pelo sistema de saúde durante a crise política que durou uma década, começando com uma rebelião armada no norte e oeste do país e que derivou no conflito pós-eleitoral.

Nesse período, a comunidade internacional impôs embargos de armas e ao comércio em portos marfinenses (Abidjan e San Pedro), para obrigar o então Presidente Laurent Gbagbo a abandonar o poder após sua derrota nas urnas. Não foi possível entregar os medicamentos importados da Europa; além disso, muitos centros de saúde foram saqueados e fechados durante os combates, segundo organizações não governamentais. Yaya Coulibaly, presidente da Rede Marfinense de Pessoas que Vivem com o VIH (RIP+, sigla em francês), disse que “os conselheiros comunitários e os médicos têm que mentir aos pacientes porque não há anti-retrovirais suficientes nas farmácias do governo. Falta inclusive o nevirapine, receitado para prevenir a transmissão mãe-filho, acrescentou. Coulibaly disse que às vezes os anti-retrovirais sobram em certos centros de saúde, mas escasseiam noutros, o que indica um problema de distribuição. No Ministério da Saúde está em andamento uma modernização da farmácia, para melhorar o sistema de entrega desses medicamentos, afirmou. Isto ajudará mães como Asseman e Bahi a continuarem com o tratamento e a manterem-se saudáveis.

Traumatizadas, crianças tentam voltar à rotina após tufão nas Filipinas

Num centro para refugiados do tufão na ilha de Samar, nas Filipinas, as crianças traumatizadas começam pouco a pouco a adaptar-se à sua nova realidade.

Texto: The New York Times • Foto: AFP

Enquanto os seus pais se angustiam pensando no futuro, as crianças criaram uma versão minimalista de queimada, atirando chinelos umas às outras na ausência das bolas, que foram carregadas pelo tufão Haiyan, assim como quase tudo o resto.

Quando soldados e funcionários de agências humanitárias chegam com suprimentos, as crianças ficam perto deles, tocando neles, rindo e fazendo perguntas como “qual é o seu nome?”.

Apesar desses sinais de resiliência, porém, assistentes sociais e pais dizem que as crianças estão vulneráveis.

É uma realidade que as Filipinas terão que enfrentar o esforço fracassado de assistência de emergência, que não tem conseguido suprir com a eficiência suficiente as necessidades básicas da população, como alimentos e remédios.

Quando as necessidades imediatas tiverem sido satisfeitas, o país ainda enfrentará desafios que incluem reconstruir escolas e ajudar crianças, algumas das quais ficaram órfãs, a recuperarem emocionalmente.

“As crianças que você vê estão a brincar, sim, estão a dar gargalhadas”, comentou a assistente social Manne-th Catina, de 25 anos, na cidade de Tacloban, na vizinha ilha de Leyte. “Mas, devido à situação difícil, no seu íntimo elas ainda sentem medo.”

Das estimadas 13 milhões de pessoas afectadas pela tempestade, 5 milhões são crianças.

Muitas delas perderam familiares e amigos. Algumas têm recordações apavorantes dos ventos arrasadores do tufão, da chuva fortíssima e da onda do mar que subiu terra adentro, em alguns lugares alcançando quatro metros de altura ou mais, arrasando casas e arrastando pessoas para o mar.

Em Tacloban, Gloria Macabasag conta que deixou os seus três filhos sob os cuidados da sua cunhada num abrigo enquanto ela e o seu marido tentaram proteger a casa da família da tempestade. A casa foi destruída, mas eles sobreviveram, subindo até o segundo piso.

Assim que a água baixou, correram de volta ao abrigo na Escola Central Rizal, no centro da cidade. “As crianças estavam a chorar e a procurar-nos”, contou Maca-



basag. “Pareciam traumatizadas.” A água também invadiu a escola; Macabasag apontou para uma maçaneta de porta para indicar a altura da água quando inundou a escola: cerca de um metro.

Para sobreviver, as pessoas que estavam no primeiro piso tiveram de subir para o segundo, mas o vento que varria a escadaria externa era tão forte que era difícil moverem-se.

Macabasag contou que os seus dois filhos menores, uma menina de três anos e um menino de cinco, quase se afogaram, mas foram salvos por adultos que os tiraram da água.

Assistentes sociais recomendaram a Macabasag que incentive os seus filhos a continuarem a brincar e a escrever e desenhar para expressar os seus sentimentos em relação ao tufão. Quando ela pergunta ao seu filho de cinco anos, José Luiz, sobre o que aconteceu, ele apenas chora.

Quando o país tentar reabrir as escolas, terá um problema: muitas delas – construções frequentemente mais robustas que as casas que as cercavam – estão a ser usadas como abrigos para pessoas que ficaram sem tecto.

A Escola Central Rizal, onde estão Macabasag e a sua família, abriga hoje mais de 1.300 pessoas. Os filhos de Macabasag estão a dormir sobre carteiras na mesma sala de aulas para a qual fugiram para escapar do tufão.

Macabasag está ansiosa pela distração que a escola representará para os seus filhos quando for reaberta.

Enquanto isso, funcionários humanitários querem que as crianças voltem a frequentar a escola antes que se acostumem ao ócio.

“Sabemos que, quanto mais tempo ficarem sem ir às aulas, maiores são as hipóteses de abandonarem a escola”, disse Lynette Lim, gerente de comunicações para a Ásia da organização Save the Children. “É importantíssimo que as escolas voltem a funcionar quanto antes.”

Outra coisa que a preocupa é a desnutrição infantil, que já era grande nas Filipinas antes do tufão. Mesmo os suprimentos que finalmente chegaram a algumas comunidades em muitos casos não incluíram alguns produtos essenciais para crianças, incluindo leite infantil.

Na sexta-feira um avião com cem toneladas de ajuda da Save the Children pou-

sou em Cebu, o principal ponto de chegada e distribuição de assistência. Mas, como há apenas uma empilhadeira, disse Lim, o avião levou 15 horas para ser descarregado.

“Foi um processo que já seria muito demorado e que sofreu ainda outros atrasos, apenas porque a infra-estrutura existente em Cebu é insuficiente”, ela disse.

A par do Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância), a Save the Children montou uma área para crianças numa barraca na Escola Central Rizal, onde as crianças podem usar brinquedos e fazer trabalhos de arte. Há três centros desse tipo na área agora, e a previsão é que sejam criados muitos mais.

“O que vemos é que as crianças tentam entreter-se, mas não há muito que fazer”, disse Lim. “Queremos fornecer uma estrutura. Sabemos que o que ajuda as crianças a recuperarem de desastres é voltar a ter actividades normais.”

Na terça-feira, Macabasag disse que José Luiz, o seu filho que ainda não consegue falar sobre o desastre, já descobriu a tenda para crianças, apesar de ela ainda ter sido aberta oficialmente. “Ele pensa que é a escola”, comentou ela. “É uma ajuda imensa para as crianças.”

ENVOLVIDO

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade

O Jornal mais lido em Moçambique.

Cada vez mais, Líbano torna-se palco do conflito sírio

Um ataque suicida mortal à embaixada do Irão em Beirute comprova que o Líbano está cada vez mais envolvido no conflito na Síria, uma guerra de grande importância regional.

Texto & Foto: Deutsche Welle

Toda as vezes que o regime do Presidente sírio Bashar al-Assad precisa de reforços, a organização xiita Hisbolá envia, através da fronteira libanesa, milhares dos seus combatentes, equipados pelo Irão. Com essa ajuda, nos últimos dias as tropas sírias têm avançado sobre os arredores das metrópoles Damasco e Aleppo, até então sob domínio dos rebeldes.

Embora de maneira menos organizada e decisiva, grupos sunitas libaneses oferecem, por sua vez, apoio à oposição síria. Assim, o Líbano está profundamente envolvido na guerra no país vizinho. Somente a lembrança de sua própria guerra civil, de 1975 até 1990, tem impedido que o conflito na Síria se alastre pelo país vizinho, avalia Bente Scheller, directora da Fundação Heinrich Böll na capital libanesa, em entrevista à Deutsche Welle.

“Palco para mensagens políticas”

Desde que pelo menos 23 pessoas foram mortas num ataque duplo à embaixada iraniana no sul de Beirute, na terça-feira passada (19/11), os políticos libaneses têm encontrado palavras para protestar contra a situação. O Primeiro-Ministro Najib Mikati disse ser inaceitável “usar o Líbano como palco para enviar mensagens políticas numa direcção ou na outra”.

Em comunicado, a aliança partidária de fundo sunita Quatorze de Março declarou que o Líbano paga o preço por o Irão se ter colocado do lado do regime criminoso da Síria. Os ataques foram reivindicados pelas Brigadas Abdullah Azzam, também sunitas e ligadas à Al Qaeda. Como motivo dos ataques, o grupo extremista alegou a participação do Hisbolá na guerra civil síria. Em mensagem no Twitter, o grupo ameaçou novos ataques caso a milícia xiita não se retire da Síria.



Sunitas contra xiitas?

O mais tardar desde Maio de 2013, quando veio a público que a milícia libanesa do Hisbolá luta no conflito sírio do lado do regime de Assad, fala-se repetidamente de uma guerra religiosa crescente entre xiitas e sunitas. De um lado estariam o governo xiita iraniano, o Hisbolá e o regime alauita sírio (os alauitas também são xiitas); do outro, a potência sunita Arábia Saudita, o Qatar e a Turquia.

Scheller ressalta que, apesar das diferenças duradouras, a história mostra que xiitas e sunitas têm convivido pacificamente durante longos períodos. Portanto, a presente escalada seria, antes, “uma consequência da actual distribuição de poder, em que o Irão e a Arábia Saudita se defrontam”, diz a especialista.

Desde a Revolução Islâmica no Irão em 1979, que acarretou uma islamização da política e da sociedade, a Arábia Saudita vê no Irão um país que tenta expandir seu poder hegemónico pelo Médio Oriente – portanto os sauditas esforçam-se por deter qualquer influência iraniana.

Por outro lado, o Irão tem uma relação histórica com os xiitas da região que é difícil de deter, ressalva o estudioso de assuntos islâmicos Walter Posch, do Instituto Alemão de Relações Internacionais e de Segurança (SWP, na sigla original), sediado em Berlim.

O Hisbolá foi criado em 1982, com uma decisiva participação iraniana e sob forte influência da ideologia da Revolução Islâmica. Isso marcou a primeira ligação directa da República Islâmica com o resto da região, legitimando o papel do Irão dentro desta, explica Walter Posch. Por mais de três décadas, a Síria tem sido um dos aliados mais próximos de Teerão no mundo árabe, num pacto que

remonta à guerra entre o Irão e o Iraque (1980-1988).

Teerão age tacticamente

Enquanto a Arábia Saudita apoia os rebeldes sírios contra o regime Assad, o Irão e o Hisbolá apoiam o ditador na teoria e na prática, abastecendo Damasco com dinheiro, armas e consultores militares. Afinal, é grande em Teerão a preocupação de que o governo em Damasco seja derrubado.

“Caso os extremistas sunitas consigam tomar o poder na Síria, o Hisbolá ficaria claramente isolado: de um lado uma Síria predominantemente sunita; no Líbano, grupos extremistas sunitas; enquanto ao sul ainda estaria Israel”, diz Posch, do SWP. Com o Hisbolá enfraquecido e com a queda do regime Assad na Síria, tornar-se-ia difícil o Irão manter a sua influência na região.

Tanto Teerão como o Hisbolá têm responsabilizado Israel pelo ataque contra a embaixada iraniana em Beirute, apesar de as Brigadas Abdullah Azzam haverem assumido a autoria por escrito. “O Irão não quer admitir que caiu num conflito religioso devido à sua interferência na guerra síria, e que agora tem de encarar um novo inimigo: os extremistas sunitas”, avalia o analista israelita no Médio Oriente Meir Javedanfar.

Posch interpreta essa primeira reacção iraniana como um recurso tático, “para evitar acusar publicamente a Arábia Saudita”, até porque Teerão vem tentando melhorar as suas relações com Riade. E o país tem bons motivos para tal, observa Bente Scheller, da Fundação Heinrich Böll: se o conflito continuar a intensificar-se no Líbano, as consequências para o Irão e o Hisbolá podem ser incalculáveis. “O Irão não tem interesse num outro grande foco de conflito: já basta a Síria.”

Venezuelanos protestam contra poderes especiais de Maduro

Texto: Deutsche Welle

Lei aprovada na semana passada concede ao Presidente do país o direito de governar por decretos durante um ano. A oposição chamou população para as ruas para pedir o fim da chamada “Lei Habilitante”.

Uma onda de manifestações tomou conta de várias cidades da Venezuela no sábado (23/11). Milhares de pessoas saíram às ruas para protestar contra a alta inflação, a escassez de produtos básicos e a aprovação da chamada “Lei Habilitante”, que deu permissão ao Presidente do país, Nicolás Maduro, para governar por decreto durante um ano, sem precisar da aprovação do Congresso.

Munidos de bandeiras da Venezuela e vestidos de amarelo, azul e vermelho, simpatizantes da oposição reuniram-se nas principais cidades do país. Na capital, Caracas, o líder opositor Henrique Capriles exigia que a medida fosse revogada, alegando que o governo pretende, dessa maneira, “amordaçar os seus críticos” antes das eleições municipais.

“Eu faço um convite a vocês que, por favor, nos deixem mudar essa situação no dia 8 de Dezembro”, pediu Capriles, referindo-se às eleições municipais, encaradas por observadores como um termómetro para medir a popularidade do actual governo.

Reacção do governo

O Presidente venezuelano foi à rádio e à televisão minimizar o significado dos protestos. “Antes do apelo era levar a violência aos 335 municípios do país, isso era o que eles esperavam. Mas em apenas 15 cidades grupos, que respeitamos, protestaram”, disse Maduro.

O governo também denunciou um surto de violência no Estado de Táchira. Segundo o governador, José Vielma, os manifestantes atacaram, com paus e pedras, um posto administrativo na cidade de San Cristóbal.

A Assembleia Nacional venezuelana aprovou a “Lei Habilitante” na última terça-feira, após Maduro alegar que precisa de maiores poderes para tirar o país da crise, por meio de uma maior regulação da economia e do combate à corrupção.

VIOLÊNCIA

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

A verdade em cada palavra.

O Jornal mais lido em Moçambique.

Taça de Moçambique: Troféu viaja até à “zona libertada” do Chiveve

O Clube Ferroviário da Beira ergueu o segundo troféu mais importante do país, em noite de gala no Estádio Nacional de Zimpeto. O Clube de Chibuto, do português Victor Pontes, ficou a ver “estrelas” perante a exibição de grande nível dos pupilos do moçambicano Lucas Bararijo.

Texto: David Nhassengo e Duarte Siteo • Foto: Cedidas por Eliseu Patife



Foi uma partida que patenteou a humilhação táctica do clube de Chibuto. Quem diria que um treinador moçambicano fosse “ensinar” a um estrangeiro a arte de jogar futebol? Decerto que Victor Pontes assimilou uma lição que jamais irá esquecer de dois moçambicanos que aprenderam o “ABC” deste desporto-rei na Academia Mário Este-

ves Coluna, na vila da Namaacha.

A turma do Chiveve, que não veio a Maputo para fazer “figura”, mas sim para ganhar como terá prometido antes desta partida Victor Matine, treinador adjunto, entrou com a sua habitual disposição táctica baseada no 4 – 4 – 2, diante de um 4 – 3 – 3 desorientado e confuso de Victor Pontes.

Publicidade

2M RE FRESCA
A NOSSA MANEIRA

TXILAR À NOSSA MANEIRA

A 2M É A AUTÉNTICA CERVEJA MOÇAMBICANA. É VIVA E LEVE E IDEAL PARA PARTILHAR COM OS AMIGOS. ONDE QUER QUE ESTEJAS, PEDE UMA 2M E REFRESCA OS BONS MOMENTOS À NOSSA MANEIRA.

2
MACMAHON
M

SEJA RESPONSÁVEL, BEBA COM MODERAÇÃO.

O Ferroviário da Beira exerceu forte pressão a partir do meio-campo e comportou-se de uma maneira incrível. Atacava sempre pelo centro e procurava descongestionar essa zona explorando as alas, confundido ainda mais o sistema defensivo da turma de Gaza. O Clube de Chibuto, por sua vez, recorria às laterais para impor o seu futebol directo e objectivo.

Dado curioso foi o facto de o Clube de Chibuto criar um vazio entre os intermédios e os avançados, revelando total incapacidade de ganhar as “segundas” bolas quando afastadas da zona de perigo da locomotiva, abrir a possibilidade de os defesas do Ferroviário participarem na construção das jogadas ofensivas, e empurrando os médios defensivos para a zona intermediária. Os “guerreiros” de Gaza defendiam sempre em desequilíbrio.

Aos factos do jogo

Decorrido o primeiro quarto de hora, a turma do Chiveve beneficiou de diversas oportunidades de golo. Mas os sucessivos remates desferidos pelos seus avançados foram devolvidos pelo guarda-redes Zacarias.

O lance mais vistoso deu-se aos 14 minutos, quando Reinaldo cruzou a bola para a marca de grande penalidade, com Zacarias a recorrer aos punhos para fazer o corte e Mário, na recarga, a desferir um remate que esbarrou no corpo de Duda.

A partir do minuto 28, o Clube de Chibuto deu indicações de estar no Zimpeto para discutir a final. Mas o aparente domínio da equipa de Victor Pontes foi “sol de pouca dura” em virtude de o Ferroviário da Beira ter recuperado o controlo do meio-campo. Aos “guerreiros” nada mais restou senão continuarem a praticar o seu futebol directo.

Nesta altura, Lalá, descaído no flanco esquerdo, mudou de direcção para o centro e, à entrada da grande área, rematou ao lado da baliza de Willard. Foi o único lance vistoso do Clube de Chibuto nesta etapa do jogo. Numa outra ocasião, Johane, após tirar dois adversários do caminho, rematou contra o corpo de Cufa que caiu estatelado sobre o relvado.

A quatro minutos do intervalo, o comboio voltou a apitar e a anunciar mais uma jogada ofensiva de “Mário e amigos”. Depois de uma bela combinação com o seu companheiro de equipa, Nelito rematou por cima do travessão de Zacarias.

“Acabou o debate. Nós, do Chiveve, somos os melhores”, Mário

Ao contrário do que aconteceu na primeira parte, o Chibuto voltou diferente na etapa complementar. Com a entrada de Jitinho para o lugar de Mambucho, os “guerreiros” de Gaza souberam disputar o meio-campo de igual para igual. Graças àquele médio, Johane teve duas aparições que, mesmo assim, não alteraram nada no marcador.

Preocupado com a postura da equipa adversária, Lucas Barrarijo decidiu pôr em prática o plano B. Fez descer Mário para auxiliar os companheiros na luta pelo meio-campo, soltando Nelito como o homem mais avançado da turma locomotiva. Foi com base nesta filosofia que surgiu o médio Carlitos a fazer um passe de “morte” para Timbe que viu o seu remate ser devolvido pelo poste.

Cinco minutos mais tarde, o Ferroviário chegou finalmente ao golo. Carlitos fez um passe a Maninho que do lado direito cruzou fortemente para o interior da grande, tendo o central gazense, Bush, se precipitado no lance e desviado o esférico para o fundo da própria baliza.

Com o golo, a turma locomotiva ficou ainda mais galvanizada mas foi o Chibuto que esteve perto do empate. Willard defendeu um portentoso remate de Jitinho. No minuto 76, o Ferroviário da Beira não soube aproveitar da melhor forma o desequilíbrio defensivo do adversário e, mais uma vez, Zacarias foi chamado a evitar o golo de Maninho.

A dez minutos dos 90 surgiu o “K.O” que trucidou o Chibuto. Numa jogada iniciada da zona defensiva por Caló, tendo o esférico passado por Timbe até chegar a Carlitos, Edson cruzou para o interior da grande área de onde surgiu Mário a rematar de primeira para o fundo das malhas. Um golo fenomenal e de outro nível que merece estar na lista dos golos do ano da “Gala 2014/2015 da FIFA”.

Aquele goleador, durante os festejos, gesticulou tentando transmitir a seguinte mensagem: “Acabou o debate. Nós, do Chiveve, somos os melhores”.

Sem mais incidências dignas de registo, o árbitro da partida deu por encerrada a partida e o Ferroviário da Beira conquistou a edição 2013 da Taça de Moçambique. A equipa do Chiveve vai representar o país na Taça CAF.

Desporto

Ferroviário da Beira: Um grupo vencedor

O Clube Ferroviário da Beira conquistou, no último sábado (23), a edição 2013 da Taça de Moçambique, a segunda maior competição futebolística do país, depois de ter terminado na segunda posição no Moçambola. Valdemar Oliveira explica, em linhas gerais, as razões do sucesso da colectividade que preside.

Texto: David Nhassengo • Foto: Cedidas por Eliseu Patife

Numa conversa com o @Verdade, Valdemar Oliveira revelou que as boas exibições do clube que dirige nos dois últimos anos, que se reflectem na conquista de títulos, se devem à melhoria dos níveis de organização daquela colectividade que passou a privilegiar o trabalho em grupo e articulado.

“Sou, por natureza, uma pessoa muito exigente. Transporte esta minha forma de ser para a gestão do clube do qual sou presidente. Mas não comecei assim. No início estudei como era o futebol moçambicano para, com base na conclusão tirada, poder operar mudanças a nível de organização e tornar a direcção mais operativa”.

Para o efeito, segundo Valdemar Oliveira, foi necessário formar uma equipa de trabalho constituída por pessoas competentes, conhecedoras do futebol e, mais do que isso, “comprometidas com o objectivo de alcançar resultados satisfatórios. Foi por isso que introduzimos o lema ‘organização, trabalho e resultados’ no Ferroviário da Beira”.

“Nós descentralizámos as tarefas e promovemos a cultura de responsabilização dos executantes”, detalhou o presidente ainda no cômputo da organização interna daquela colectividade, explicando que esta é uma prática que tem dado sucesso ao Ferroviário da Beira nos últimos dois anos. Aliás, para Valdemar, “a diferença entre a sua colectividade e as demais do país reside, pura e simplesmente, na organização interna”.

“Definimos como objectivo fazer a dobradinha. Mas não nos deixaram”

Ainda durante a conversa com o presidente do Clube Ferroviário da Beira, soube o @Verdade que era objectivo daquela colectividade fazer a dobradinha, ou seja, “conquistar o Moçambola e a Taça de Moçambique, erguer os troféus que nos escaparam no ano passado”.

Acrescenta o dirigente que “criámos todas as condições para que 2013 fosse o ano de ouro para o Ferroviário” e argumenta afirmando que no Moçambola só não foi possível terminar no pódio porque “não nos deixaram ser campeões”.

“O nosso futebol é feito de muita coisa que, por vezes, ultrapassa as nossas capacidades. Quantos jogos perdemos ou empatámos sem nenhum fundamento táctico e técnico plausível dentro das quatro linhas? Se formos a rever minuciosamente todas as partidas em que perdemos pontos, podemos chegar à sábia conclusão de que não nos deixaram ganhar”, avançou Valdemar, recusando-se a especificar os personagens ou as situações que impediram o Ferroviário da Beira de erguer o principal troféu do futebol moçambicano.



O Ferroviário ainda pode sagrar-se campeão nacional, admite o seu presidente. “Mas só o seremos no dia em que a qualidade do nosso futebol melhorar. Continuaremos a fazer o nosso trabalho e a desempenhar bem o nosso papel. Um dia estaremos no topo do Moçambola. Não estamos longe disso” fundamentou.

“A direcção é que manda na equipa”

Diferentemente de muitos clubes em que os treinadores é que escolhem o plantel, no Ferroviário da Beira a direcção é que monta o seu grupo de trabalho. “Aqui quem decide sobre a movimentação dos jogadores é a direcção através do seu Departamento de Futebol e nunca a equipa técnica”, revelou Valdemar, adiantando que aquela colectividade teve a experiência amarga de dar liberdade e autonomia aos treinadores, o que era dispendioso para os cofres em virtude de, por exemplo, um técnico decidir-se pela contratação de 15 jogadores e haver necessidade de dispensar tantos outros, por vezes a custo zero.

“Não significa que os treinadores são simples manequins que devem gerir um plantel. Eles podem sugerir a contratação de cinco jogadores no máximo. Até porque, nesta filosofia de trabalho, os técnicos vêm para exibir os seus conhecimentos, mostrar serviço e ajudar o clube a alcançar os seus objectivos”, acrescentou.

Sem esconder, o presidente do Ferroviário da Beira afirmou que esta metodologia de trabalho causou algum desconforto aos treinadores no início, “mas eles aperceberam-se de que cada um tinha de fazer o seu trabalho. Até porque o Departamento de Futebol é gerido por pessoas que conhecem profundamente a modalidade e que trabalham em coordenação com eles”.

“Repare que desde que implementámos esta filosofia só ‘facturámos’ bons resultados. No ano passado perdemos nas meias-finais da Taça de Moçambique e fomos vice-campeões nacionais. Neste ano fomos vencedores da segunda maior prova e igualámos a posição no Moçambola” completou.



O Ferroviário da Beira quer ser uma referência na formação

@Verdade - No futebol, a quantas anda a formação no Ferroviário da Beira?

Valdemar Oliveira - A formação é um problema de todo o país. O Ferroviário da Beira não é uma ilha e passa por dificuldades de vária ordem neste momento para levar a cabo esta actividade. Conseguimos formar uma equipa B que disputa o “Provincial” a nível de Sofala.

@V - Ainda que seja obrigatória a formação em Moçambique, qual é o objectivo do Ferroviário da Beira nesta componente?

VO - Estamos a trabalhar para que um dia o plantel principal seja constituído maioritariamente por jogadores formados neste clube. A nossa meta é ter 75% destes na equipa A. Mas também queremos ter 10 equipas de iniciados, cinco de juvenis e igual número de juniores.

@V - O que é necessário para atingir esse objectivo?

VO - Formar com qualidade. Podemos até garantir isso, olhando para os que saíram das nossas equipas de formação. Mas precisamos de infra-estruturas condignas. Temos poucos campos de futebol e uma das soluções que podia acabar com este obstáculo é a colocação de uma relva sintética.

“Vamos dar o nosso máximo nas Afrotaças”

Uma das perguntas que Valdemar Oliveira não quis responder está relacionada com a participação do Ferroviário da Beira nas Afrotaças.

De forma superficial, aquele dirigente disse que “vamos preparar-nos devidamente e com cautela para dar o nosso máximo na Taça CAF. O que é certo é que os nossos atletas estão motivados e posso, desde já, garantir que a espinha dorsal deste plantel vai transitar para o próximo ano e mostrar o seu valor naquela prova africana”.

ENVOLVIDO

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634



O Jornal mais lido em Moçambique.

Desporto

Moçambola 2013: Um campeonato com muitas interrupções e recheado de casos

A edição 2013 do Campeonato Nacional de Futebol foi, em termos estatísticos, a melhor em comparação com a de 2012. Apesar disso, a temporada recém-terminada do Moçambola teve mais interrupções e polémicas.

Texto: Redacção • Foto: Rui La

O Maxaquene entrou no ano de 2013 com o propósito de defender o título conquistado na época anterior. Porém, logo nas primeiras jornadas não exibiu pujança para reconquistar o troféu.

A Liga Desportiva Muçulmana de Maputo, comandada pelo português Litos Carvalha, chegou tarde na prova devido ao seu envolvimento nas Afrotas e mesmo assim conseguiu alterar o cenário conquistando o seu lugar no topo da tabela classificativa, apesar de o Ferroviário da Beira se ter sagrado “campeão do Inverno” finda a primeira volta.

Os muçulmanos da capital tornaram-se campeões nacionais a duas jornadas do término do certame e, decorridas 26 jornadas, somaram 52 pontos, fruto de 15 vitórias, sete empates e apenas quatro derrotas. Em termos comparativos, o campeão nacional de 2013 obteve mais dois pontos que o Maxaquene em 2012, que alcançou 13 vitórias, 11 empates e duas derrotas.

Nesta temporada, diferentemente do sucedido no ano passado em que o melhor ataque pertenceu ao Costa do Sol, com 34 golos marcados, e na terceira posição, na temporada recentemente terminada o campeão nacional destacou-se com 41 tentos.

A melhor defesa pertenceu às equipas da Liga Muçulmana e do HCB de Songo com 18 golos sofridos, enquanto no ano passado o Vilankulo FC, que não sofreu nenhum em partidas caseiras,



consentiu apenas 10 tentos em 26 jogos.

No cômputo geral, a presente edição do Moçambola registou 340 “festejos” de golos, mais 40 do que no ano passado.

Matchedje, Vilankulo FC e Chingale a caminho dos “quarteirões”

Se no ano passado o Incomati de Xinavane liderou a zona da despromoção com 25 pontos, igual número alcançado pelo Desportivo de Maputo e mais 13 do que o Ferroviário de Pemba, na presente temporada caíram o Matchedje (16), o Vilankulo FC (26) e o Chingale de Tete (28).

Encontradas na última jornada as duas colectividades que acompanham o Matchedje aos respectivos campeonatos provinciais, o Vilankulo FC empatou diante do Ferroviário da Beira sem abertura de contagem, enquanto o Chingale não aproveitou da melhor maneira o confronto diante do Ferroviário de Nampula, somando apenas um ponto.

Quem festejou a permanência foi o Têxtil de Púnguê que derrotou o Estrela Vermelha da Beira, por 2 a 0, com golos de Avelino, totalizando 29 pontos na 11ª posição da tabela classificativa.

Uma competição recheada de interrupções e polémicas

Em linhas gerais, a edição 2013 do Moçambola foi atípica, comparativamente às edições anteriores. Foi na sua generalidade manchada por inúmeras interrupções, sendo algumas

programadas e outras não esperadas.

Este cenário fez com que a competição fosse disputada até nas quartas-feiras. Mancharam também a prova as polémicas, com destaque para a agressão de um árbitro de futebol, em pleno jogo, protagonizada por Abdul Omar, treinador do Estrela Vermelha da Beira. Aquele técnico foi irradiado e retirada a sua licença por um período de três anos.

Por duas ocasiões, o Ministério do Trabalho teria mandado expulsar os jogadores e treinadores estrangeiros das equipas do Moçambola, alegadamente por estarem em situação laboral ilícita, o que custou a suspensão da prova pelos clubes por uma semana em protesto pela decisão ministerial.

Mais tarde, devido às viagens rodoviárias para jogar entre os fins-de-semana e as quartas-feiras, o Vilankulo FC teria ameaçado desistir do Moçambola, sendo protagonista da única falta de comparecimento no confronto diante do Costa do Sol.

Sonito volta a ser o “Puskas” da competição

Tal como sucedeu na época 2012, Sonito voltou a conquistar o prémio de melhor marcador com 17 golos, mais oito do que na temporada passada.

No que ao título de guarda-redes menos batido diz respeito, Victor, do Desportivo de Nacala, foi o melhor com 14 golos sofridos em 24 jogos, a sete do seu antecessor, Simplex ao serviço do Vilankulo FC.

Basquetebol: Locomotivas mais perto da revalidação do título

O Ferroviário de Maputo derrotou, no passado sábado (23), o Costa do Sol, por 65 a 46, em confronto da décima jornada do Campeonato de Basquetebol da Cidade de Maputo. Com o triunfo, a locomotiva da capital fica mais perto da revalidação do título conquistado no ano passado.

Texto & Foto: Duarte Siteo

Dez vitórias em igual número de jogos é o rescaldo do percurso da locomotiva da capital do país que neste momento lidera o Campeonato da Cidade com 20 pontos. Em jogo da décima jornada, que teve lugar no último sábado (23), o Ferroviário de Maputo recebeu e derrotou o Costa do Sol que ainda não pode contar com os préstimos do seu treinador, Milagre Macome.

No primeiro período, fruto de uma partida intensa, o marcador assinalava um resultado de 10 a 9 a favor dos actuais detentores do título. No segundo, o Ferroviário de Maputo galvanizou-se e, sob o comando de Edson Monjane, que marcou 10 pontos, foi ao intervalo a vencer por 30 a 21.

No terceiro período, Miguel Bata e os seus companheiros não foram capazes de travar a exuberância dos campeões apesar da audácia com que regressaram depois do intervalo. Nesta etapa, o jogo exterior da locomotiva foi frutífero graças à excelente exibição do base armador Ermelindo Novela. O Costa do Sol saiu a perder por uma diferença de 10 pontos.

No último tempo, as duas colectividades equilibraram a partida sendo que, por um lado, os canarinhos lutaram para não averbar mais uma



derrota, enquanto os locomotivas optaram pela rotação do seu plantel, utilizando jogadores com pouco tempo de jogo. O confronto terminou com o marcador a registar 65 pontos para o Ferroviário de Maputo e 46 para o Costa do Sol.

Liga Muçulmana e Ferroviário de Maputo colados na liderança

Em femininos, a contar para a quinta jornada também do Campeonato da Cidade, a Liga Desportiva Muçulmana de Maputo humilhou a Universidade Pedagógica, com o resultado de 94 a 12, enquanto a A Politécnica “A” derrotou o Costa do Sol, por 101 a 60.

Ainda neste escalão, o Desportivo de Maputo venceu a A Politécnica “B”, por 56 a 49, e o Ferroviário de Maputo “bateu” o Maxaquene, por 74 a 52.

Com estes resultados, as equipas da Liga Muçulmana e do Ferroviário de Maputo dividem o “trono”, ambas com 10 pontos, seguidas pela A Politécnica “A” com menos três.

Formula1: Vettel iguala Schumacher

O alemão Sebastian Vettel da Red Bull conseguiu, no último domingo (24), atingir o recorde do seu compatriota Michael Schumacher, no último Grande Prémio da temporada do Campeonato do Mundo da Fórmula 1. O piloto ocupou a primeira posição à frente de Fernando Alonso e igualou o recorde de vitórias (13) do seu compatriota num ano.

Texto: Redacção/Agências • Foto: F1.com

Com a chuva que perturbou a qualificação no circuito de Interlagos em São Paulo e que não poupou os pilotos no derradeiro Grande Prémio da época, Vettel cruzou a meta em primeiro, à frente do companheiro de equipa, Mark Webber, e do espanhol da Ferrari, Fernando Alonso, que trocam de lugar na classificação do “Mundial”: Alonso tornou-se segundo e Webber terceiro.

Foi a 39ª vitória de Vettel na Fórmula 1, a nona consecutiva e a 13ª em 2013, igualando o registo de Schumacher que conseguiu o mesmo registo em 2004, ano em que conquistou o sétimo e último título mundial.

O inglês Lewis Hamilton, campeão em 2008, não foi além do 9º lugar e terminou a temporada em quarto.

Classificação final de pilotos		PONTOS
1.	Sebastian Vettel (ALE)	397 (Campeão)
2.	Fernando Alonso (ESP)	242
3.	Mark Webber (AUS)	199
4.	Lewis Hamilton (GBR)	189



6.	Nico Rosberg (ALE)	171
7.	Romain Grosjean (FRA)	132
8.	Felipe Massa (BRA)	112
9.	Jenson Button (GBR)	73
10.	Nico Hülkenberg (ALE)	51
11.	Sergio Perez (MEX)	49
12.	Paul di Resta (GBR)	48
13.	Adrian Sutil (ALE)	29
14.	Daniel Ricciardo (AUS)	20
15.	Jean-Eric Vergne (FRA)	13
16.	Esteban Gutierrez (MEX)	6
17.	Valtteri Bottas (FIN)	4
18.	Pastor Maldonado (VEN)	1

Classificação final de construtores		
		PONTOS
1.	Red Bull	596
2.	Mercedes-AMG	360
3.	Ferrari	354
4.	Lotus	315
5.	McLaren	122
6.	Force India	77
7.	Sauber	57
8.	Toro Rosso	33
9.	Williams	33

Boxe: Manny Pacquiao venceu por todos os filipinos

O pugilista filipino Manny Pacquiao venceu no passado domingo (24) o norte-americano Brandon Rios na luta pelo título mundial de pesos médios, em combate disputado em Macau. Poderia ser apenas mais um confronto de um dos melhores pugilistas dos últimos anos, mas foi também uma grande homenagem à sua pátria, atingida há três semanas por um violento tufão.



Dizem os especialistas que Pacquiao deu uma lição de boxe a Rios, sem dúvida apoiado pelos milhares de filipinos que, a partir daquele país, conseguiram ver o combate em telas improvisadas pelas Nações Unidas (ONU), com o apoio dos militares, no meio de muita destruição.

No Cotai Arena, em Macau, estiveram mais de 13 mil pessoas, entre elas várias personalidades como David Beckham, que viram o filipino recuperar depois de ter registado duas derrotas anteriormente.

Resgatando um dos títulos mundiais que havia perdido no ano passado, Pacquiao, que também é deputado nas Filipinas, dedicou o cinto de campeão do mundo a todos os filipinos atingidos pelo tufão

Haiyan, que fez mais de 5 mil mortos e milhares de desaparecidos.

“Não se trata só do meu regresso, mas sim da resistência do meu povo depois de um desastre como aquele. Tinha de vencer por eles e felizmente consegui. Dedico esta vitória a todos os filipinos que mesmo longe estiveram comigo no ringue” disse no final, depois de conquistar o título de campeão mundial.

Pacquiao tem agora um registo de 55 vitórias, cinco derrotas e dois nulos.



Xadrez: Um “miúdo” prodígio faz história 38 anos depois

O norueguês Magnus Carlsen sagrou-se campeão mundial de xadrez no passado sábado (23). Na final, o “miúdo” prodígio venceu Viswanathan Anand, da Índia, por 6.5 a 3.5, recuperando, assim, um título que fugia à Europa ocidental há 38 anos, ou seja, desde 1975.



Texto: Redacção/Agências • Foto: REUTERS

Magnus Carlsen é o nome do norueguês que com 22 anos e 119 dias resgatou o título mundial que um país da Europa Ocidental não conquistava nos últimos 38 anos, sendo dividido pelos asiáticos e russos, onde se encontram as melhores escolas desta modalidade.

Desde que Bobby Fischer, o xadrezista norte-americano naturalizado islandês, perdeu o título que foi arrebatado pelo russo Anatoly Karpov em 1975, que nenhum país ocidental era campeão mundial da modalidade.

Foi um facto histórico pois, para além de resgatar o título, o norueguês tornou-se o segundo mais novo xadrezista de sempre a ascender a campeão do mundo, com 22 anos e 11 meses, enquanto o russo Kasparov ganhou o título com 22 anos e 6 meses, continuando a ser o xadrezista mais novo a ganhar um “Mundial”.

No passado sábado, Magnus só precisou de um empate para derrotar o indiano Viswanathan Anand, (vinte anos mais velho e cinco vezes seguidas campeão do mundo) em Chennai, na Índia e garantir o título com os parciais de 6.5 contra os 3.5 do seu rival, num total de 10 jogos.

Com o triunfo, o jovem norueguês levou para casa 600 mil euros, enquanto o xadrezista derrotado amealhou os restantes 400 mil do prémio estipulado, que era de um milhão de euros.

Depois de confirmada a vitória, Magnus Carlsen não conteve a alegria e manifestou, em conferência de imprensa, a vontade de celebrar muito esta vitória. “Vamos escrever os livros de história depois” brincou.

De referir que Magnus antes de entrar para o xadrez tentou a sorte no basquetebol e no futebol mas não teve êxito, o que o obrigou a seguir o xadrez onde hoje é o número um a nível mundial.

ENVOIADO

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade

O Jornal mais lido em Moçambique.

Kikani reinventa-se e rompe com ideologias

Neste 2013, em cinco edições consecutivas, a bienal internacional de dança contemporânea (Kinani) celebra o décimo aniversário. É um momento de plena reflexão sobre o que se fez, o que está a ser feito e o que se pretende fazer no futuro. No entanto, a analisar pelo cardápio das propostas coreográficas e produções afins, constata-se que se está diante de uma plataforma de reinvenção absoluta. Por isso, não ver as obras é um contra-senso. Saiba as razões...

Texto & Foto: Redacção

Há vários pontos de partida para se entender o percurso da Plataforma Internacional de Dança Contemporânea – Kinani. Um deles pode ser a análise das realizações dos anos precedentes. Outro elemento, mais interessante, sobretudo para atrair quem nunca assistiu a um espectáculo de dança contemporânea (apesar, provavelmente, de ter alguma noção sobre como a mesma se manifesta) pode ser o conceito inovador do evento 4º Andar, que é uma realização artística que irá acontecer num espaço não convencional.

No entroncamento das Avenidas Olof Palm e 24 de Julho, em Maputo, existe um edifício inacabado que, diariamente, agenda as conversas de quem por lá passa. Por essa razão, essa infra-estrutura é incontornável para os transeuntes. Pessoas há que pensam que – uma vez não concluída, por motivos diversos e, consequentemente, desabitada, – essa construção é um desperdício.

Ao agendar-se para acontecer naquele espaço, conhecido pelos habitantes da cidade de Maputo e não só, apenas de vista, o 4º Andar posiciona-se como um evento inovador com um novo formato de apresentações artísticas no contexto do Kinani, muito em particular porque explora um espaço incomum para a exibição das artes.

Talvez este seja o primeiro mérito do Kinani, esta Plataforma Internacional de Dança Contemporânea para qual acorrem bailarinos e coreógrafos africanos e de outras parcelas do mundo, criado em 2003, que presentemente celebra o seu 10º ano de existência. Mas o que há de particular no edifício onde irá acontecer esse evento? Que impacto a realização do evento 4º Andar irá gerar para o mesmo e para as pessoas?

Um dos aspectos relevantes é que o edifício está em “suspensão construtiva”, desde a época da proclamação da independência nacional, há quase 40 anos. E, pela primeira vez, dentro das realizações do Festival Kinani, o mesmo irá receber uma moldura humana.



Espera-se que participem nas actuações oito artistas ou companhias que apresentarão as suas criações artísticas para um público que, de forma sequenciada, irá circular pelos compartimentos do edifício, do primeiro ao quarto andar, acompanhando o desenrolar das peças em exibição.

Uma expressão de subversão

Existe o belo no trabalho dos artistas, como se percebeu em algumas actuações da campanha pré-Kinani, decorrida em Novembro. Mas, esclareça-se, apesar de a estética não ter sido excluída no contexto do 4º Andar, ela não é a preocupação central dessa realização de dança contemporânea. Há, por aqui, uma preocupação transformista e quase revolucionária.

É no contexto desse evento que “os jovens dançarinos e coreógrafos que querem encontrar no palco um espaço de experimentação, de liberdade e de afirmação pessoal, rebelam-se”, refere o escritor moçambicano Luís Bernardo Honwana para quem os 10 anos da existência do Kinani representam “o memento apropriado para se avaliar os progressos registados desde a sua primeira realização em 2003, quer a nível nacional, quer a nível internacional”.

A quinta bienal do Kinani irá decorrer na primeira semana de Dezembro, entre os dias 2 e 6, e terá lugar nos palcos do Centro Cultural Franco-Moçambicano, do Teatro Avenida, do Museu Nacional de Arte e do Cine Teatro África, incluindo o espaço alternativo do edifício que se encontra entre as Avenidas 24 de Julho e Olof Palm.

À partida, além da ousadia, tomando em conta as dificuldades que se superaram no processo negocial para a utilização da infra-estrutura, fica-se com a impressão, não só, de uma ruptura em relação aos conceitos já estabelecidos para a exibição das obras de arte, a dança contemporânea no específico, bem como as razões que fecundaram tal iniciativa criativa. Há um objectivo específico nesta realização que trespassa a mera exibição artística circunstancial.

“Esta iniciativa pretende sensibilizar e alertar todos os agentes das artes performativas, e o público em geral, para a falta de espaços de trabalho para os artistas. Por outro lado, tem-se a intenção de apresentar soluções no uso e aproveitamento do património em deterioração. Mas também pretende-se exaltar

as qualidades intrínsecas de espaços abandonados a fim de servirem de acolhimento para eventos artísticos”, refere a organização.

E no caso deste evento, muito em particular o 4º Andar, a organização e todos os artistas envolvidos, agindo contra as limitações do seu tempo (muitas das quais obstruem o desenvolvimento artístico) para a materialização da dessa manifestação, aceitaram o desafio proposto pelo célebre director de teatro e cinema britânico, Piter Brook, ao afirmar o seguinte: “Posso escolher qualquer espaço vazio e considerá-lo um palco nu. Um homem atravessa este espaço vazio enquanto outro o observa, e isso é suficiente para criar”.

Inspirando-se nesses ditames, a produção do Kinani assegura-nos que, nos próximos dias, teremos a oportunidade de ver como um espaço nu – na verdade, alternativo – pode ser convertido num palco a fim de que a arte se materialize em prol da perenidade da cultura humana.

Kinani

A Plataforma Internacional de Dança Contemporânea (Kinani) existe há 10 anos. Ela surge com o objectivo de alargar a esfera de acção e representação dos artistas que se dedicam a essa forma de arte, na cidade de Maputo, tendo-se, nos últimos anos, consagrado como uma das grandes mostras do baile no país e no mundo.

Este ano, na quinta edição, o Festival Kinani irá associar 13 companhias e artistas diversos, nacionais e internacionais, com igual número de peças a serem exibidas durante uma semana.

Por todas estas razões, no editorial dessa edição, Luís Bernardo Honwana explica: “Espera-se a participação de grupos representativos das principais escolas e manifestações de dança contemporânea em África. Para além dos espectáculos e da actividade da divulgação (particularmente entre as camadas juvenis e a população estudantil), anunciaram-se diversos ateliers de dança e fóruns de debate que não deixarão certamente de abordar questões gerais do âmbito cultural do país e os problemas práticos. As dificuldades conceptuais que afectam o desenvolvimento da dança contemporânea serão motivo de abordagem”.

INEGLIGENCIA

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

✉ SMS: 90440

📞 WhatsApp: 84 399 8634

O Jornal mais lido em Moçambique.

Será que vamos ficar sem artistas?

O baixo consumo da produção artística nacional pelos moçambicanos e a falta de espaços apropriados para a sua exposição preocupam os artistas plásticos em Nampula. De qualquer modo, alguns deles agendaram uma mostra para Dezembro. O problema é que muitos pintores estão a abandonar o ofício. Será que ficaremos sem criadores na terra das Muthiana Orera?

Texto & Foto: **Sebastião Paulino**

Nos últimos tempos, na cidade de Nampula, as artes plásticas tendem a desaparecer da vista de quem as aprecia. A falta de clientes e da realização de mostras, incluindo o fraco apoio ao sector são alguns factores – apontados pela comunidade artística – que desencorajam os fazedores daquela forma de arte, na capital do norte.

Nessa perspectiva, com o objectivo de contrariar a tendência, a artista plástica Natália Sebastião, de 40 anos de idade, está a preparar uma mostra de arte a acontecer no Museu Nacional de Etnologia. A exposição, que está agendada desde Maio do ano que corre, possui um total de 30 obras, abordando temas diversos.

Engajado na ideia, o conceituado artista plástico nampulense, Momade Mamudo, está a apoiar os preparativos dessa mostra que será replicada num programa que consiste em fazer as obras circularem por algumas escolas secundárias do centro da urbe.

Nas telas aludidas, a criadora preocupou-se em aprofundar os temas que têm a ver com as situações que geram momentos de alegria e tristeza das mulheres. Outros quadros retratam o sofrimento de crianças órfãs que vivem em situação deplorável e problemática. Os trabalhos artísticos dos seus colegas também serviram de fonte de inspiração para Natália Sebastião.

Com a exposição, a pintora pretende mostrar à comunidade local – incluindo a artística – que, com poucos recursos financeiros e materiais, é possível fazer um trabalho bonito. “Não podemos ficar reféns da falta de apoios. Temos de aceitar desafios para provar que somos capazes de superar adversidades”, refere Natália acrescentando que “com ou sem financiamentos, a minha decisão é continuar a trabalhar, produzindo obras de arte, de modo que possa conquistar a atenção do público no mercado”.

A relação de Natália com as artes plásticas existe desde a sua infância, tendo, já produzido inúmeras obras, o que lhe possibilitou participar em inúmeras mostras colectivas nas cidades de Maputo e Nampula. Desde a sua adolescência, a criadora apostou em tornar-se uma artista plástica de renome, o que ainda não se concretizou já que na sua terra natal há mais dificuldades do que facilidades para quem quer singrar no ramo da arte.

O problema tem a ver com a disfunção do sistema artístico em Nampula. Afinal, segundo a pintora, quando ingressou na Casa da Cultura local, onde aprendeu as primeiras lições sobre a arte que faz, intercambiava experiências com criadores ali filiados. No entanto, quando a formação terminou esse intercâmbio também cessou. A realidade não contribui para o desenvolvimento das artes na urbe e na província.



Na Casa de Cultura, Natália foi habilitada em matérias que têm a ver com a produção de dísticos, incluindo a pintura. E é nesse sector onde trabalha. Dado o seu empenhamento nas aulas, a criadora tornou-se a melhor desenhista nesse contexto colegial. O feito possibilitou-lhe que passasse a cursar, na mesma área, na cidade de Quelimane onde aprofundou os seus conhecimentos na área de desenho.

Na província da Zambeze, Natália estudou Desenho Técnico na Escola Patrice Lumumba. Além do mais, quando criou o seu grupo de desenhadores, Sebastião instalou uma dinâmica que possibilitou que a sua colectividade pintasse a maior parte dos murais que – ao longo das ruas e avenidas – dão cor e vida àquela urbe.

Depois de participar num ‘workshop’ sobre artes plásticas, promovido pela Cooperação Suíça, em 1994, na cidade de Nampula, Natália Sebastião decidiu dedicar-se profissionalmente às artes plásticas. Além do mais, não lhe faltaram argumentos e condições para optar por essa nobre decisão. “No fim da formação, fui a única seleccionada para receber um kit completo de material de desenho. O mesmo permitiu-me que apostasse com toda a força nesta actividade. Senti-me estimulada”.

Natália Sebastião participou no referido curso pela necessidade de ganhar novas experiências. Além do mais, “apesar de que já tinha participado noutros eventos similares, antes, eu sentia-me um pouco vazia”, refere a criadora que já tem, no seu espólio, mais de 60 obras originais.

Ao longo da sua carreira, Natália já vendeu, pelos menos, duas obras de arte da sua criação numa feira de exposição fotográfica organizada pelo Núcleo de Artes Plásticas em parceria com a Casa Provincial da Cultura de Nampula.

O sofrimento dos criadores

Em Nampula há muitos artistas que se dedicam às artes plásticas, pura e simplesmente, por amor. A maior parte dos mesmos sobrevive realizando negócios – o que significa que a produção artística está aquém de satisfazer as suas necessidades de subsistência. A razão é simples – os cidadãos locais não apreciam e, consequentemente, não consomem a arte.

Por essa razão, o comentário de Natália Sebastião tem o seu sentido: “Pintamos – entenda-se, trabalhamos – porque gostamos desta arte e não porque ganhamos alguma coisa para sustentar as nossas famílias”.

Pessoas existem que pensam que, no seio das famílias nampulenses, a sensibilidade em relação ao belo artístico está a desmoronar. Em resultado disso, mesmo que os artistas criem obras exclusivamente destinadas a ornamentar os compartimentos das residências, não são compradas. Elas acabam por se danificarem nos armazéns.

O problema é generalizado de tal sorte que é normal visitar escritórios de governantes ou de empresários e encontrá-las com paredes nuas, sem nenhuma forma de arte pictórica.

Em resultado desta realidade, muitos artistas plásticos estão a abandonar o seu ofício. Os poucos que resistem – como dizem – só perseveram por amor à arte. Não é possível que, em Nampula, o artista sobreviva com base no trabalho artístico.

Os quadros que, vezes sem conta, têm sido expostos no Museu Nacional de Etnologia são apreciados por turistas estrangeiros que visitam Nampula. Consequentemente, “nós investimos muito material para produzir um quadro, mas dificilmente conseguimos recuperar o valor que aplicamos na compra do material”.

Neste sentido, é comum e normal que as obras de artes sejam armazenadas durante um período superior a dois anos, sem que sejam apreciadas. Para inverter este cenário, um grupo de artistas uniu-se e criou uma associação no recinto do Museu Nacional de Etnologia, no centro da cidade, onde produz obras por encomenda.

Está-se diante de uma estratégia positiva, uma vez que os artistas conseguem comercializar as suas criações e ameaçar dinheiro para se recuperarem os investimentos que têm feito na aquisição do material. No entanto, a não divulgação das suas actividades e o pouco apoio por parte do governo são alguns factores que obstruem o desenvolvimento artístico em Nampula.

“Quando se lhe solicita apoios para a realização de feiras ou exposições de arte – por parte dos artistas – o governo da província de Nampula não tem dado uma resposta favorável. Os governantes dizem que não dispõem de dinheiro para incentivar a actividade artístico-cultural”, refere Natália.

É por essa razão que quando a maior parte das organizações não governamentais que, em Nampula, apoiam as artes, encerra as suas actividades, muitos artistas sentem-se absolutamente abandonados.

A cidade de Nampula não dispõe de um local apropriado para a exposição de artes. Por isso, como forma de estabelecer o encontro entre consumidores e expositores, os artistas vendem as suas criações no recinto do Museu Nacional de Etnologia. A situação cria dissabores aos criadores que se insurgem face à indiferença do governa face à necessidade de edificar uma galeria adequada para o efeito.

Plateia

Mérito para as mãos!

Além da sabedoria de que se impregnam as mãos do designer têxtil moçambicano, Toma Toma, as criações artísticas patentes no Cine Teatro África (vestimentas, na verdade) são o resultado do seu aborrecimento em relação à monotonia que se verifica na indústria de vestuário. A mostra chama-se “Swamavoko – Empreendarte”.

Texto & Foto: Redacção

Já lhe aconteceu, estimado leitor, deslocar-se da sua casa para uma boutique – ou qualquer loja de venda de vestuário –, em Maputo, e não encontrar nada? Isso é impossível. Talvez, assim, alguém responderia se lhe fosse colocada a questão. Mas, em certo sentido, os complexos económicos que se dedicam ao comércio de roupas não têm novidades nas suas ofertas. Ou, pelo menos, por causa da monotonia que possuem, é como se não tivessem novação nenhuma.

Os consumidores mais exigentes, aqueles que nas peças que adquirem compram muito mais do que o objecto, precisam de valores, de se reverem enquanto parte desse processo de criação da sua identidade e cultura – como o artista Toma Toma – sentem um vazio nas roupas importadas que a indústria capitalista os coage, através do seu ‘marketing’ publicitário, a consumir.

Provavelmente seja por essas razões que a mostra de arte desse designer têxtil – denominada “Swamavoko – Empreendarte”, ou simplesmente, empreender na arte produzindo manualmente, que, essencialmente, apresenta camisetas das mais variadas formas e feitios, desperta a atenção do público, chamando-o a apreciar



as criações.

A mostra, que está patente desde 22 de Novembro, encerra a 1 de Dezembro.

Esta colectânea de camisetas para pessoas de ambos os sexos satisfaz os utentes em termos de sexo, idade, tipos de cor, muito em particular para quem aprecia os trajes tipicamente africanos. Aliás, no final, o objectivo da exposição é modificar os conceitos das pessoas que acreditam que em Moçambique não se produzem peças originais, sob o ponto de vista de vestimenta, argumentando – muitas vezes, assim – o seu consumismo com base em produtos estrangeiros.

“Swamavoku”, a expressão bantufónica, da língua xironga, em que se resume o título da mostra pretende significar muito mais do que simples objectos feitos à mão – como uma tradução livre nos sugere – mas, acima de tudo, exaltar o poder criativo dos moçambicanos.

As criações resultam de uma inspiração cuja fonte é a

vivência do próprio artista, na sua busca constante por uma identidade que o distinga dos outros, enquanto cidadão africano.

“A criação surge por causa da minha insatisfação em relação ao vazio que sinto nos produtos que se nos são oferecidos no mercado, em termos de vestuário. Sempre que ia às lojas, apreciava as cores das roupas, os seus modelos, mas, infelizmente, nada combinava comigo. A partir daí decidi fazer o que me podia agradar e satisfazer a sociedade moçambicana, por extensão”, refere.

A construção das peças que constituem a mostra “Swamavoko” é um processo de trabalho complexo, que resulta da sua busca de conhecimentos interculturais ao longo da sua aprendizagem.

As obras de Toma Toma são um espaço para perceber o poder criativo das mãos, da construção e materialização de sonhos – ante uma tendência que os esmiúça. O artista explora, preferencialmente, missangas, retalhos de capulana e panos sobre os quais – depois da costura – se impregnam desenhos e pinturas.

Biografia

Tomas Melisse, conhecido por Toma Toma, nasceu nas vésperas da proclamação da independência na cidade de Lourenço Marques, actual Maputo. · design têxtil, cenógrafo figurinista, artista plástico e artesão.

Estudou artes visuais na Escola Nacional de Artes Visuais (ENAV) em 1990. Alguns anos depois, conclui o ensino de Design no Instituto de Design da África de Sul, tendo frequentado outras formações na Dankho School, no Zimbábue.

Tem participado nas feiras anuais realizadas pelo Centro de Estudos e Desenvolvimento de Artesanato, em Moçambique, África do Sul e nos Estados Unidos de América.

Publicidade

30 nov

A partir das 10h no Jardim da Liberdade (Madjermanes)
LANÇAMENTO DO NOVO ÁLBUM

TCHEKA
MAIS

CD FOREVITO 50MT

CD FOREVA 300MT

T-SHIRT 400MT

AFROD
Logos DDB imsaqa
BRITHOL MICHOMA
GOLO
ZAM
PÁRCEIRO MEDIA
TIM
TVZ
eVerdade
TopSites
CITYAD

PATROCÍNIO
mcel
PRO

Artistas sentem-se desvalorizados em Namaacha

A acentuada desvalorização dos trabalhos dos artistas, no distrito de Namaacha, na província de Maputo, está a preocupar aquela classe social que se sente excluída dos planos do desenvolvimento do governo moçambicano.

Texto & Foto: Redacção



A primeira impressão que fica quando um grupo de artistas decide falar sobre os seus sentimentos em relação às pessoas a quem o povo delegou para o governar – e no exemplo do distrito de Namaacha – é a de que, naquela parcela do país,

o sentido de fazedor de arte está longe de significar liberdade de expressão e de pensamento.

À partida, nem há grande novidade na situação que origina a sua reclamação. Governantes que

não valorizam os seus governados são muitos neste país. Mas os artistas de Namaacha, depois de nos terem revelado que as autoridades governamentais locais nada fazem a fim de que a classe ganhe alguma visibilidade, melhorando as suas vidas, simplesmente, optaram por solicitar o seu anonimato. Dizem que podem ser vítimas de represálias.

O problema, porém, é que falta-lhes tudo – material para trabalhar, espaços para realizar as actividades, e qualquer outro tipo de incentivo – para que a produção artística possa acontecer e consumida.

Em resultado disso, em Namaacha, os fazedores das artes – em quase todas as áreas – sentem-se como se fossem meros objectos de decoração nas mãos da administração local que os utiliza sempre que as circunstâncias demandarem. Por exemplo, em resultado disso, por lá, para acontecerem, as actuações dos artistas ainda estão condicionadas, em grande medida, às visitas esporádicas dos membros do governo.

O outro movimento que lhes safa da inércia – mas que ocorre abundantemente nos finais do ano – é a presença de turistas. Posto isso, nenhuma dinâmica artística e cultural se verifica.

Pelo que se reporta, grosso modo, os obstáculos que existem face ao desenvolvimento das artes em Namaacha têm a ver com o reconhecimento da importância da arte na socialização e desenvolvimento humano que, consequentemente, gera impactos negativos na consciência sobre a necessidade de haver a prática de mecenato.

Na tentativa de agir contra a situação, os artistas criaram um núcleo local, instrumento a partir do qual se propõem trabalhar colectivamente para a elevação da classe. O drama é que a falta de financiamento – um problema cuja solução não está à vista – continua a dificultar os criadores quanto à continuação da materialização das iniciativas planeadas.

Assim os artistas sentem-se duplamente abandonados: “O que acontece aqui é que cada artista tenta fazer de tudo para que o seu trabalho seja reconhecido, mas em contrapartida os nossos chefes fecham-nos as portas, ao mesmo tempo que nos exploram. Quando procuramos patrocínio, dizem que nunca viram o nosso trabalho”.

A questão que eles apresentam é a seguinte: “Como é que podemos trabalhar sem ter dinheiro para comprar o material, muito em particular, quando se sabe que todos os recursos estão na cidade de Maputo?”

Os fazedores das artes, em Namaacha, lamentam o facto de a administração local tê-los em conta, única e exclusivamente, quando recebe visitas de personalidades do governo central. O pior é que, muitas vezes, segundo narram, a administração local leva os seus objectos artísticos para oferecê-los aos seus hóspedes. O drama é que nunca lhes paga o valor da compra.

Os artistas falam sobre a existência de práticas de intimidação – perpetradas por entidades governamentais – que além de os desgastar só desvirtuam o valor e o sentido que há em ser artista na sociedade.

De uma forma geral, os fazedores de arte consideram que é falso afirmar que aquela classe é improdutiva. Para si, o problema é que os políticos estão muito compenetrados em politiquices e nunca apostam nas artes e na cultura como factores de desenvolvimento.



cutting through complexity™

Serviços de Auditoria Interna

KPMG é uma empresa com bastante know how em serviços de contratação e terciarização de contratos de auditoria interna, tanto a nível local como na arena internacional. O nosso objectivo é ser líder nos mercados que servimos e, especificamente, ser o número um em reputação no mercado moçambicano.

Os serviços de Auditoria Interna da KPMG Moçambique podem ser diferenciados pelos seguintes factores principais:

- Somos a líder no mercado moçambicano em auditoria interna;
- Usamos auditorias internas estrategicamente focadas na gestão de risco;
- Temos uma equipa qualificada e experiente em auditoria interna com experiência também em auditoria local e regional;
- Temos especialização na indústria e auditores treinados em diversos sectores que vão desde telecomunicações a ONG's;
- Acesso a competências especializadas para complementar o serviço de Auditoria Interna em áreas técnicas que exigem habilidades de especialistas, como a fiscal e legal.

A KPMG tem a capacidade, competência, profissionalismo, entusiasmo e motivação para parcerias no desenvolvimento de soluções de auditoria interna que agrega valor significativo para as organizações e contribui activamente para a consecução de seus objectivos estratégicos e do negócio.

Contacte-nos!

KPMG Auditores e Consultores

Rua 1.233, nº 72C, Edifício Hollard, Maputo
Tel.: +258 21 355 200 | Fax: +258 21 313 358E-
-mail: mz-fminformation@kpmg.com



Publicidade

ENTRETENIMENTO

PARECE MENTIRA...

O actor Sahcha Guityr cultivou sempre os ditos de espírito e uma forma cruel de galantaria, que consiste em dizer coisas desagradáveis às mulheres. Talvez por isso se divorciou, pelo menos, uma dúzia de vezes.

Na sua juventude, numa festa de caridade, depois de ter adquirido numa barraca várias prendas, perguntou à gentil vendedora:

– E agora, por quanto me vende um beijo?

A resposta foi:

– Mil Francos.

Guityr puxou de uma nota, pagou e recebeu o beijo.

Depois de se afastar uns passos, voltou atrás para dizer:

– Reconsiderei. Feitas as contas, é bastante caro. Prefiro devolver-lho.

O recorde de pesca à linha da década de 50 foi ganho por um pescador de Port-Augusta (Austrália do Sul) que, numa só vez e somente com um anzol, pescou 24 tubarões.

É preciso dizer-se que a sua presa número 1 era um tubarão fêmea que precisamente no momento em que foi posto no fundo do barco deu à luz 23 “tubarõezinhos”, medindo cada um cerca de trinta centímetros de comprimento.

PENSAMENTOS...

- Burla com dano não acaba o ano.
- De noite não se anda uma só vez.
- Quem anda por toda a parte, por toda a parte aprende.
- A noite não tem herói.
- A sabedoria morre-se com ela.
- A vida não se compra.
- O sono mata o leão.
- A esperteza não é mais que aquele que observa.
- Bem composta não há mulher feia.

QUEBRA CABEÇA
SOLUÇÃO

Substituindo os traços por letras achará os 10 maiores rios do mundo, por ordem decrescente.

AMAZONAS
NILO
MISSISSIPI
IENISSEI
OBI
YANG TSE
AMUR
CONGO
MACKENDZIE
LENA

RIR É SAÚDE

Um idoso brinca com uma criança com a maior simplicidade: faz-lhe cócegas, momices, senta-o nos joelhos e fá-lo saltar. O petiz está radiante.

– Então, meu pequeno, isto diverte-te?

– Oh, sim, com certeza. Mas... sabe? Gostaria mais de estar montado num verdadeiro burro.

Pergunta professor:

– Se deitasse uma moeda de prata nesta solução ácida ela derreteria-se?

– Certamente que não – responde um aluno.

– Porque diz isso?

– Porque se ela se derretesse o senhor professor não a deixava lá.

Num espectáculo, após ter actuado um péssimo cantor, um espectador pergunta ao seu vizinho:

– Gostaria de saber porque é que estava a atirar tomates a este cantor, e agora que ele se retirou está a aplaudi-lo.

– É para ele voltar ao palco. Ainda tenho três tomates...

– O Mavimbe já não casa com a Safia.

– Um caso de desinteligência?

– Não. Um caso de inteligência...

Um homem de negócios está a agonizar lentamente. O sócio está junto dele, com lágrimas nos olhos. De repente o amigo sai do coma, vê o amigo a chorar e confia-lhe, suspirando:

– É preciso que saibas: o cofre arrombado, fui eu. A falência do ano passado foi por minha causa. E mesmo... o amante da tua mulher fui sempre eu.

– Não te preocupes. Podes morrer tranquilo. Fui eu que coloquei o veneno nas omeletas.

O canibal vai numa viagem de cruzeiro. O criado de mesa vem ao pé dele e pergunta:

– O que deseja?

– A lista de passageiros.

Num sarau militar a que assistiu o inspirado mastro Tomaz del Negro, uma senhora, com pretensões a artista célebre, executou ao piano um “Nocturno” de Chopin. No final, pede a opinião do maestro.

– Faz-me com sinceridade! – disse –. Executei-o bem?

O maestro:

– Admiravelmente! Melhor do que um carasco profissional!

SAIBA QUE...

Levantamento da Primavera é uma insurreição republicana que teve lugar na Irlanda e início na segunda-feira de Páscoa (em Abril de 1916), em Dublin.

Foi inspirada pela IRB- Irish Republican Brotherhood (Irmandade Republicana Irlandesa) numa tentativa inglória para derrubar o poderio britânico na Irlanda e foi liderada por Patrick Pearce, da IRB, e por James Connolly, Sinn Féin. A rebelião foi esmagada pelo exército britânico no espaço de cinco dias, tendo ambos os lados sofrido pesadas baixas

Macartismo é um termo que se aplica à perseguição política ou “caça às bruxas”, do tipo da que foi conduzida a personalidades públicas pelo senador dos Estados Unidos da América, Joe McCarthy.

No auge da ansiedade dos Estados Unidos com a “ameaça” comunista na década de 50, McCarthy acusou muitos funcionários públicos e cidadãos de serem membros ou simpatizantes do partido comunista.

A maior parte das suas provas era fabricada, mas as comissões do Congresso – onde as suas alegações eram investigadas – destruíram muitas carreiras e criaram um ambiente de desconfiança e paranóia, especialmente em círculos intelectuais liberais.

HORÓSCOPO - Previsão de 29.11 a 05.12



carneiro

21 de Março a 20 de Abril

Finanças; Este aspeto será a sua luta constante. As previsões para esta semana não sendo as melhores, também não se devem considerar como catástrofes. Continue a viver e a lutar contra esta contrariedade com a habitual coragem que o caracteriza.

Sentimental; Um relacionamento sentimental muito agradável é o que esta semana lhe reserva. O diálogo, a compreensão e o prazer de estar com quem gosta deverá ser aproveitado da melhor forma.



touro

21 de Abril a 20 de Maio

Finanças; Não se pode considerar que passe por um bom momento no que se refere a questões de ordem financeira; será uma situação que lhe poderá tirar a estabilidade que tanto necessita.

Sentimental; Este aspeto poderá ser muito agradável. Depende de si e da forma como se relacionar com o seu par. Seja compreensivo, evite atribuir culpas a quem as não tem. Se o conseguir, poderá ter, neste aspeto, uma semana muito positiva.



gêmeos

21 de Maio a 20 de Junho

Finanças; Semana muito equilibrada em todas as questões que envolvam dinheiro contribuindo para aumentar os seus níveis de confiança. Este período poderá proporcionar uma pequena entrada de dinheiro que surgirá de uma forma perfeitamente inesperada.

Sentimental; A sua relação amorosa, poderá conhecer nesta semana, um período extremamente gratificante. Não evite o diálogo construtivo e abra o seu coração com o seu par. O entendimento cria-se e consolida-se numa base de confiança e sinceridade.



caranguejo

21 de Junho a 21 de Julho

Finanças; Semana um pouco complicada em matéria de dinheiro. Algumas dificuldades poderão perturbar o seu equilíbrio emocional. Despesas já esperadas serão motivo de alguma preocupação que serão, próximo ao fim de semana, ser ultrapassadas.

Sentimental; Semana que poderá caracterizar-se por um grande encantamento. A sua sexualidade está em alta e deverá tirar partido dessa circunstância. As noites convidam ao romance. Aproveite bem o seu relacionamento sentimental.



leão

22 de Julho a 22 de Agosto

Finanças; As questões relacionadas com dinheiro começam a revelar tendência para se equilibrarem. Assim, naturalmente, começará a encarar o futuro de uma forma muito mais positiva.

Sentimental; Uma semana muito agradável em perspectiva. Não se afaste do seu par e divida com ele os seus pensamentos e desejos mais íntimos. Se o fizer, terá um período que não se irá esquecer tão depressa.



virgem

23 de Agosto a 22 de Setembro

Finanças; Semana regular no aspeto financeiro. Algumas dificuldades que possam surgir serão ultrapassadas. Para o fim da semana a situação tende a melhorar.

Sentimental; Semana caracterizada por alguma insatisfação no aspeto sentimental. Caso não tenha encontrado ainda a sua alma gêmea poderá ter esta semana a tal oportunidade porque tanto esperava.



balança

23 de Setembro a 22 de Outubro

Finanças; As suas finanças caracterizam-se pela regularidade e não será este aspeto que lhe levantará problemas. Não são aconselháveis, durante este período, investimentos e aplicações de capital.

Sentimental; Tente ser mais realista na sua relação, não permita que o ciúme entre no seu coração. O seu par merece a sua confiança, se conseguir ultrapassar dúvidas sem fundamento, este aspeto, pode tornar-se muito agradável.



escorpião

23 de Outubro a 21 de Novembro

Finanças; Seja extremamente cuidadoso em tudo o que se relacionar com este aspeto. Evite as despesas desnecessárias e os compromissos financeiros que não possa assumir.

Sentimental; Este aspeto poderá caracterizar-se por um vazio muito grande. Seja diálogante e compreensivo. Não misture trabalho com questões de ordem sentimental. Caso o consiga, tudo se poderá modificar, encontrando junto do seu par o carinho e a compreensão tão necessários.



sagitário

22 de Novembro a 21 de Dezembro

Finanças; Questões de ordem financeira não lhe deverão criar grandes problemas, serão caracterizados pela estabilidade. No entanto, recomenda-se alguma prudência nas despesas e evite qualquer aplicação de capital.

Sentimental; A sua relação passa por um momento algo turbulento e complicado. Os níveis de confiança entre o casal vão estar por baixo e poderão surgir algumas situações de ciúme que embora não justificadas poderão criar algumas contrariedades.



capricórnio

22 de Dezembro a 20 de Janeiro

Finanças; Este aspeto caracteriza-se por uma situação e uma semana tranquila. Os seus problemas não passam por questões relacionadas com dinheiro. Um bom momento para pequenos e médios investimentos.

Sentimental; A sua relação sentimental poderá ser o centro de todos os seus problemas. Seja realista e não se deixe abater por pensamentos que lhe reduzirão as suas forças e capacidades. Dentro de si poderá aparecer uma pequena luz em relação a um futuro próximo.



aquário

21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

Finanças; As finanças poderão ser motivo de alguma preocupação. Não veja tudo pela negativa e pense é um momento menos bom mas que rapidamente se modificará. Tudo depende de si e da forma como reagir às situações que forem surgindo.

Sentimental; Esta semana será muito promissora no aspeto sentimental. A aproximação do casal será grande e os resultados serão verdadeiramente gratificantes. O diálogo, a compreensão e o carinho serão a “fonte geradora” de uma boa semana.



peixes

20 de Fevereiro a 20 de Março

Finanças; Tudo o que se relacionar com dinheiro poderá ser motivo de alguma preocupação. Tente fazer uma boa gestão dos seus dinheiros e aguardar que este período menos positivo termine.

Sentimental; O seu relacionamento amoroso poderá contribuir de uma forma muito positiva para equilibrar outros aspetos. Deixe que o seu par se aproxime de si. Além de lhe fazer muito bem contribuirá para se esquecer das suas preocupações.



Selo d'@Verdade

Sobre a parcialidade selectiva dos nossos servidores e instituições públicas

Tenho acompanhado os pronunciamentos infelizes e parciais de alguns analistas que têm aparecido nos órgãos de comunicação social públicos, a atacarem de modo selectivo todos os últimos desenvolvimentos políticos e sociais do nosso país.

Ele nunca critica o Governo ou as posturas arbitrárias dos seus agentes e instituições, com particular ênfase as nossas forças de defesa e segurança. Há algumas semanas, tais analistas tinham como alvo preferencial a Renamo, a quem vilipendiavam, satanizavam e sentenciavam sem direito ao contraditório ou ao direito de resposta por parte desta.

Nos últimos dias, particularmente durante o processo eleitoral que culminou com a realização das últimas eleições autárquicas, estes analistas viraram os seus canos para o Movimento Democrático de Moçambique, a quem irracionalmente atacam tentando primeiro descredibilizar o seu capital político e depois menosprezando os seus ganhos eleitorais.

Não tenho ouvido deles nenhuma referência suficientemente substancial e com a mesma contundência em relação às arbitrariedades cometidas pela Frelimo, tais como a perseguição política aos seus opositores, o uso indiscriminado de bens patrimoniais do Estado para fins partidários ou a postura inaceitável da nossa Polícia para com cidadãos indefesos e desarmados, todos eles membros da Oposição e que muitas vezes tem culminado com várias mortes e feridos.

Com efeito, em países sérios e com um sentido de democracia e Estado de Direito devidamente consolidados, os órgãos de comunicação social públicos servem total e completamente o interesse nacional e não apenas o do regime no poder. Não funcionam como extensão do Gabinete de Mobilização e

Propaganda de um partido político, nem aparecem veiculando exclusivamente os posicionamentos políticos de uma parte da sociedade.

Quando supostos homens armados da Renamo matam cidadãos, os nossos órgãos de comunicação social públicos fazem manchetes de abertura de jornais e telejornais. Quando é também a nossa própria Polícia a matar cidadãos desarmados reivindicando os seus próprios direitos (como os eleitores em Quelimane, quando protegiam o seu voto em Icídua) ou celebrando pacificamente a vitória do seu candidato e do seu partido (como o jovem assassinado ontem nas ruas de Quelimane, festejando lado a lado com o concorrente vencedor), não só não se dá o devido destaque na imprensa pública como o próprio Governo providencia os seus porta-vozes para virem aos *media* não só estupidamente minimizar o crime como também para manipular a opinião pública e descriminalizar os actos. Isto é inaceitável.

O Governo e seus porta-vozes aterrorizam a opinião pública com os tais “massacres de civis” por eles imputados à Renamo para criarem um clima generalizado de medo na população de modo a sentir-se numa situação de insegurança e desesperada por protecção, dando assim toda a legitimidade às forças de segurança por si controladas para atacarem quem quer que lhes apeteça, sem questionamento ou contestação popular. É assim que os nossos polícias e soldados se transformam em *gangsters*, com licença para matar quem quer que seja do interesse dos seus comandantes e protegidos pelo silêncio cúmplice das nossas instituições de justiça também controladas pelo partido no poder.

Por conseguinte, a Procuradoria Geral da República não se pronuncia perante tais crimes e os demais desmandos e “exces-

sos de zelo” falecem dentro das aspas da passividade; ninguém deles vai preso ou é ouvido em tribunal e todos prosseguem a sua vida impunes e intocáveis, partindo dos próprios executantes no terreno até aos seus mandantes e comandantes morais instalados no conforto dos seus escritórios ou residências protocolares pagas com os nossos próprios impostos!

Temos todos de ser coerentes, íntegros e sensatos nos nossos posicionamentos públicos. Não se pode continuar a tolerar o assassinato indiscriminado de civis desarmados pela nossa Polícia, do mesmo modo que não toleramos veementemente a morte de cidadãos perpetrados por supostos homens armados da Renamo...

Temos todos de pôr fim à INSTITUCIONALIZAÇÃO DA INDIGNAÇÃO SELECTIVA por parte dos nossos governantes, dos nossos agentes da justiça e dos nossos órgãos de comunicação social públicos. Afinal de contas, nós pagamos os nossos impostos para que estas entidades e instituições trabalhem pela prossecução do bem comum e sirvam os nossos interesses; não pagamos os nossos impostos para que a Polícia nos assassine, espanque e prenda de modo indiscriminado e selectivo, não pagamos os nossos impostos para que os nossos tribunais julguem e condenem apenas os cidadãos desprotegidos e vulneráveis, nem pagamos os nossos impostos para que a nossa Rádio, jornais, televisões e agências de informação veiculem notícias, interesses e posicionamentos partidários e exclusivos de um grupo muito bem identificado de pessoas no poder ou a ele associados.

Isto tem de acabar!!!

Edgar Barroso

Porque falha o sistema de transportes na cidade de Maputo?

Podem ser várias as causas, entretanto, irei sistematizar algumas que considere principais:

1. Porque o Estado não está preocupado, pelo menos, em resolver este problema crónico, através de políticas que priorizam aquisições de transporte público para todos, em detrimento de aviões, navios e armamento.

2. Porque o sector privado, que devia ser o meio alternativo, não é incentivado para o exercício da actividade, devido à sobrecarga fiscal e legislativa. Há um arcabouço burocrático para a legalização do “chapa”, sem contar com as licenças bastante onerosas, o que acaba por favorecer a Polícia Municipal! Fica a leve ideia de que o Estado não quer fazer e não quer deixar ninguém fazer com perfeição.

3. Porque os gestores públicos da área, a todos os níveis, (Ministério dos Transportes e Comunicações, Conselho Municipal e a Empresa Municipal dos Transportes Públicos de Maputo) estão mais preocupados com a elitização dos transportes em detrimento da sua massificação, daí a institucionalização dos Expressos, Mboralás, VIPs, turismo, etc. que, infelizmente, não transportam o povo, que continua apinhado nas paragens, enquanto os TPM circulam vazios pela cidade, condicionando o seu acesso.

4. Porque as elites governamentais confundem, ou fazem confundir, outrossim, o termo crescimento económico com o desenvolvimento económico, para a folga social e política. Porquanto, na verdade, o país regista um crescimento económico assinalável e invejável, entre-

tanto, não acompanhado do desenvolvimento que tanto se almeja.

O excesso de viaturas incineráveis não pode ser confundido com desenvolvimento, como temos ouvido muitas vezes dizer: “O engarrafamento na cidade é problema do desenvolvimento”. Enquanto, na realidade, toda esta maioria não tem educação de qualidade, vemos pela forma arrogante e descuidada com que conduzem; não têm acesso à saúde de qualidade, não têm alimentação diária digna. As pessoas são transportadas dentro de grandes centros urbanos em carrinhas de caixa aberta sem protecção contra o sol, o vento e a chuva, em condições desumanas. Entretanto, criamos uma sociedade pouco futurista e esbanjista dos recursos económicos de que dispomos, tudo para que o outro veja que também podemos.

5. Um autor disse outrora que um país é desenvolvido quando o rico, no seu quotidiano laboral, deixa o seu transporte pessoal para andar do público e não quando o pobre contrai empréstimo bancário a todo o custo para poder viajar condignamente. Não me parece nem tão-pouco que essa situação tende a mudar no meu país.

6. Para finalizar, vou parafrasear um filósofo francês, Joseph-Marie Maistre (1753-1821), que afirmou: “CADA POVO TEM O GOVERNO QUE MERECE” e se as condições actuais são estas, pode ser que mereçamos mesmo porque no dia do voto consciente o povo escolhe o quer.

Celsio Bila

Até quando estaremos reféns do poder político?

Antes de mais queira V. Exa. aceitar as minhas cordiais saudações.

A todos que directa ou indirectamente perderam os seus parentes e amigos, os meus sinceros pêsames.

Aquando da assinatura dos Acordos de Roma a alegria era tanta que ambas as partes se tratavam por irmãos. Era como se a ira interna tivesse ficado no país de Júlio César a contornar as paredes dos enormes museus que a cidade (de Roma) carrega.

Sinceramente falando, não vejo os motivos pelos quais o actual inquilino da Ponta Vermelha deu ordens para se invadir as bases da Renamo em Gorongosa, Beira e Nampula quando o seu líder teria começado uma segunda guerra porque existe espaço para o diálogo e também porque os moçambicanos não querem mais um conflito armado.

Senhor Presidente, eu e os outros moçambicanos desconhecemos as reais intenções de todo este espectáculo barato e gratuito. Saber ouvir, V. Exa., é uma arte.

A dita unidade de que tanto o senhor fala nas presidências abertas não é de hoje. O povo moçambicano sempre esteve presente neste exercício que começa a partir do momento em que alguém vai pedir sal, arroz ou açúcar ao vizinho.

O povo moçambicano sempre foi muito unido mas hoje em dia, como não tem uma Polícia para confiar, a cada passo que damos é com o coração nas mãos. Está de parabéns, Presidente Armando Guebuza, pelo menos tem em quem confiar: a Polícia e o seu Comandante-Geral. Aquele abraço!

Bono Ndwaty Mandlate

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634


ENVOLVIDO

A verdade em cada palavra.

@Verdade

O Jornal mais lido em Moçambique.

Cidadania



goste de nós no
acebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

“As recentes Eleições provaram que a Renamo e seu Presidente têm razão nas suas exigências. Daí que é imperioso que o princípio de paridade na CNE e STAE, bem como os seus membros de apoio os membros das mesas de voto devem obedecer tal principio, pois, só assim será possível garantir que voto expresso figure no edital de apuramento contrariamente ao que se assistiu nas recentes eleições.” Manuel Zeca Bissopo Secretário-geral do Partido RENAMO

- 

Leo Leopoldo Eu fui claro quando afirmei que se a Frelimo vencer essas eleições, será por fraude declarada, e é exatamente o que se verificou um pouco por todo o país.. Numa das minhas publicações em jeito de “gozo” eu disse: Deviamos ir a mesa de voto vestindo as camisetes do nosso partido e fazia-se a contagem por pessoa, o voto deixava de ser secreto mas acabavam-se com as fraudes. · há 4 horas
- 

Sabado Macie Saturday Nao deve ser so a cne e o stae, na policia tambem, eu passo a acreditar no dlhakama kuando diz k a renamo xta a ensinar a democracia a frelimo ms eles nao aceitam kerem continuar comunistas... · há 4 horas
- António Alexandre De Almeida** Eu sempre disse e continuo a dizer que a Renamo tem razão · há 3 horas
- 

Leo Leopoldo Micas Alexandre Matsuve. Entao governar o país para ti é ter 5% de acções em tudo que é empresa..? É sair de Maputo a Marracuene de helicoptero..? É nao respeitar os desmobilizados de guerra..? É intimidar qualquer tipo de manifestação páctica usando a FIR..? É eliminar todo patriota que tenta procurar a verdade dos factos..? É chamar o povo que os elegeru de “Bandidos e vandalos”..? Diga-me o que é governar Micas.. · há cerca de uma hora
- 

Fernando Serrão Quissimisse jornal d palhaxox. Vao falando e nox vamos comendo e ganhando, mesmo com ou sem fraudx, a frelimo é makina · há 4 horas
- 

Alberto Dimas Frelimo e uma maquina assassina, e os seus seguidores mercenarios. · há cerca de uma hora
- 

Anselmo Lisboa Sr. Micas Matsuve, nao seja crianca, o Senhor e adulto, tem cerebro pra pensar, a nao ser que teus miolos estao infestados por vermes ou tens uma paralesia cerebral! Caia na real e faca analises sem mostrar o teu lambegotismo, idiota! · há 3 horas
- 

Micas Alexandre Matsuve nao é tempo de preguiçosos mentais meu irmao, vota o teu democrático presidente dlakama, mas se moxambique for do povo unido do zumbo ao indico, a frelimo sempre governará mesmo com os vossos comentários k nao sao enxenhais no país, fala mal ou bem ma... · há 2 horas
- 

Joaquim Betherraba MDM so agora k xta a ver k o cota dlakama tinha razao d impor ordens nakeles homens cmbatente da fortuna · há 4 horas
- 

Rondão Cuacua A frelimo,mostrou os seus adversários de novo visivelmente,que as eleições,falsas.Foram acompanhadas pelo man obras,tacticas,ameaças,emortos.Que penas que temos de voltarmos a ditaduras da frelimo. · há 4 horas
- 

Fernando Serrão Quissimisse nox frelimistas podmos ser burladorx, mas xtamos a dsvolver ou a crexcr e vcx paxam a vida a reclamar e continuam na mxma. frelimo é uma makina renovavel. · há 10 minutos
- 

Lura's Fernando Mazwualdulas Força ai irmaos nao se deixe cair na armadilha dos fremaçaburlas!viva o sangue novas pragas dos gafanhotos estam nas maçabatuqueiros...wakah-wakah o homem que nao gosta da burla...!stop burla!avança o sangue novo moz!vermelho para fremaçaroqueiro!

Leo leop...gramei sao esses emocionado que entram na tropa e policia...sem saber nada e nao conhecedo os seus deveres e direito...e acabam morredo pela ignorancia!pensam que a patria é a frelimo!suka freburla!kanimabo a todos...que sabotaram a fremaçaburla.

Neto marove obrigando gramei!apenas os filhos de bulramaça.nao precebe...estao mal os cotas les obrigao agramar da fremaçaroqueiros!é pena que nao se muda a mente dum ignorante da da fremaçaburla.

Quem viveu em maputo...ja viu o quê é a frelimo...!desde o tempo de txova nholo!tanto lixo tanta merda!falo desde os ano 1980 até o tempo dos que ja cansaram dos burladores da frelimo!suka freburla nao venham nos contaminar com a vossa praga de gafanhotos.
- Uma pessoa antes deve ter na mente o que viveu.nao basta ter o que aprendeu com seu partido!se você acha que nao é democratico.me explica o que é?e o seu partido frelimo é?fala ao povo jovem da frelimo queremos ouvir de te.ninguem vai te atirar com pedras. · há cerca de uma hora



Nicolau Da Helena Salomone sabiam k a renamo primeiramente foi um movimento d estabilizaçao democracia nao faz part da renamo um partido democratico nao utiliza violencia para conseguir as suas exigencis mas sim o dialogo ainda por cima matam inocentes · há cerca de uma hora



Lura's Fernando Mazwualdulas Defender frelimo nunca...nem na morte...wakah-wakah o grande homem que diz que eles ja nao sao da frelimos sao maçabatuqueiros ou burmaçabatuqueiros...apoando todos que nao gosta da freburla...viva força do povo! · há cerca de uma hora



Samuel Nhabomba É possível que algumas pessoas estejam erradas no que pensam. Indo na logica das coisas e com bom humor de pensar nao ha razao nenhuma estar a defender os criminosos da frelimo, a nao ser que esteja a tentar defender o seu pao quotiano. · há 2 horas



Aiuba Oliveira Mtw Micas Alexandre...quando acordares conversaremos contigo... · há 2 horas



Geryta Arrone estas eleições foram uma farsa... nao sei pk ainda acreditam que ha democracia em MOZ, esta tudo partidarizado. · há 2 horas



Anselmo Lisboa Sr. Micas, quem traiu Machel, sao os proprios camaradas, se ainda nao percebeu isso, entao nao estas em condicoes de fazer comentarios baratos como estamos a ver! Melhor ficar calado do que escrever babuzeiras.... · há 2 horas



Dalfino Panachande A renamo pode propor no parlamento 1 cne despartidarizada. Vamos a isso ? As leis são aprovadas no parlamento . Com representação dos partidos no parlamento obedece-se ao princípio da proporcionalidade na CNE · há 3 horas



Fred Luis Mucaita Seus bandos de desocupados,ladroses agora e que conseguem ver averdade na Renamo ne, depois disse deramar sangue ne · há 3 horas



Luis Carmindo Faquira A renamo sempre teve razao, fico triste ao ver jovens estudados xtarem afavour da frel. É por isso k continuamos pobre. Viva djakama...., viva renamo. Agora dizem k nao tens razao, ms ns a memoria k keremos um moç melhor xtamos contigo sempre. Forca. · há 3 horas



Samir James Faryd Frelimo sao um bando d idiotas sem vergonha .k so sabem roubar e mais nada.exex atakex k ocorem na EN1 nem tdos atakex sao feitos pelos hmens da renamo.os hmens da FADM E FIR,atakam se entre eles para manchar a imagem da renamo.frelimixtax sao idiotas · há 3 horas



Edmundo Mananze Afrelimo ta brincando com o povo! a. justica ta sendo feita forxa MDM · há 3 horas



Manuel Juma A frelimo e' cominista sim,,,so k nos as vez entendemos mal a renama(dhakama) a nossa policia nao e' democrata quase todas instituicoes obdece a ordem d comunista,eles agra xtao preocupado n paradeiro d dhakama,,pr kem..?pk era simple se a frelimo fosse democratico,convidava e ouvia o k ele kere e nao atacar e dps dizer k vamos conversar,,, · há 3 horas



Esmeralda Albino Sim por que temos que encontra a verdade de mocambique · há 3 horas



Afrânio De Assunção Mavale Voto é uma conquista.... Um acho k temos k aprender com a hxtoria, a hxtoria nao estudamos apenas pra contemplar factos, + sim pra previnir e fizr bom uso dos factos passados, nao cometer mesmos erros da geraxao anterior. Kerer k nao hajam eleixoes é burrice · há 4 horas



Elidio Martinho A RENAMO sempre a reclamar...o seu secretário geral a enganar o Dlhakama, eles a viverem bem e o vosso lider a correr d um lado pra outro · há 4 horas



André Adelino Cossa Ya!ja começou paridade em Quelimane,Beira...enfim exigimos paridad e nao matemos pessoas pois vale mais vida doki paridade. · há 4 horas



Micas Alexandre Matsuve a renamo n pode ser ignorante dntr do nosso país pha, ixo d paridade

watever dve ser aprovado no parlament primeiro, c o governo fzer coisas p prexao d dlhakama starà violando a lei k vigora no país e daí as intervenxoes da organizacao dos países afri...[Ver mais](#) · há 4 horas



Amil Vishal Sempre dixei e volto à dizer,Cota tem razao.....Ai esta prova.....Fraude,mortes...etc.... · há 4 horas



Dwayne Fernando Muchanga so vao crer nessas palavras quando ja for tarde para o povo · há 4 horas



Mario Fenias Macuacua se lembrar-des dos caras que evacuaram o nosso gado em nome dele (Matshangayissa) durrante a temporadda da Guerra civil , eu vou atraz deles quando o tipo voltar violentemente! xkwembu xxihambani... · há 4 horas



Olímpio Feliciano Lakeny Mas eu acredito k o kota se largou todo lucho para xtar la nao foi da sua livre vontad mas sim sofreu pressao dos homens k ele mantem la e se lhes pagar na enkuanto ele desfilava a classe na Julius nherere. · há 16 minutos



Neto Marove As exigencias da paridade são justas. Vejamos caro, onde a oposição está a frente não divulgam, estão estudar os editais... estão estudar como roubar.. · há cerca de uma hora



Nuno David David Kota Dlaka, meu presidente, foi capaz de deixar todo luxo em mpt p estar nas matas, como forma de forcar a democracia que a frelimo foge dela como o diabo foge da cruz. · há cerca de uma hora



Nicolau Da Helena Salomone Uma coisa e certa a renamo aprovou essa lei,a frelimo venceu com todo merito · há uma hora



Lura's Fernando Mazwualdulas Wakah-wakah o grande homem...estou a sabotar os maçabatuqueiros!burladores do povo!suka lani,phela nigenili yi wukulu...huma maçabatuqueiro o novo no da frelimo...perdidos aos olhos da democracia...voces nem vale nada para moz!stop burla! · há cerca de uma hora



Salazar Sergio Antonio Sempre existem lamberbotas a dfender as pexoas k os usam, Micas voce so pode star na sola da bota de Pacheco... · há cerca de uma hora



Custodio Joao Come Este foi o meu primeiro ano a exercer o meu dever civico e nao gostei pois agora entendo quando algumas pessoa dizem k nao vao votar todavia vos digo k nao e mesma coisa pelo menos outros partido ganharam espaço na assembleia municipal isto graças ao votos nossos entao é uma luta .vale a pena lutar.(tudo acaba ,um dia faith) · há cerca de uma hora



Victor Alves Mas e' claro a renamo tem razao na kestao da paridade, so k tinha k evitar vitimas inocents · há cerca de uma hora



Lura's Fernando Mazwualdulas Antes que comentar,aqui pensar primeiro...veja bem !no sou de partido burla e se nao for aceita o seu erro!gosto de elogiar os que merecem!mesmo insultado tudo vale ninguém é de ninguém!wakah-wakah.o grande homem vamos sabotar os burladores maçabatuqueiros · há cerca de uma hora



Carla Light Agora entendem nem?! pensavam k a RENAMO nao tava bem. agora ta ai. ate prometem ceifar as nossas vidas. so pa ver ate onde podem chegar as pexoas desesperadas · há cerca de uma hora



Lura's Fernando Mazwualdulas Frelimo conjunto de burladores...eles nao tiram até hoje a palavra libertador...esqueceram que para libertar o país tava todos unidos do sul a norte!e depois se escolheram,eliminado os outros...que mais tarde se revolucionaram formado partidos....stop freli! A todos que conhecem a burla e a mentira...dos vulgos libertadores frelimista...força ai queremos a democracia em moz...stop burla!avança a verdade!quem nao tem medo nao teme! · há 2 horas



Filmao Pontes Porra....ñ.sei em k país estou,ond alguns saem a defender esti governo k so pensa em ns sugar ..pari,e pensi,quantos a.tua volta chora dia e noite,pr causa dessi governo k so pensa ns bens e.ñ no povo...sera k a sua familia esta felis,cm os danos causado pr esti governo....ou sr senti-si bem cm a mereca k ganha,so pds estar a viver ao lado d ponta-vermelha...olhi pra tras antes,d apoiar essis palhaços k estam a desfilr pr ai... · há 2 horas



Unbirible Das Rewas frelimo..xta ficando pequeno o vosso pao...acho q todos sabem q a frelimo n xta unida...ixo facilitara a decadencia do seu IMPERIO!! · há 2 horas